

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO: BACHARELADO

ZYLDA GABRIELA CAETANO BENGOCHEA

**O CONTROLE COMUNICACIONAL DA COREIA DO NORTE NA  
LITERATURA DE NÃO FICÇÃO**

Frederico Westphalen, RS  
2021

ZYLDA GABRIELA CAETANO BENGOCHEA

**O CONTROLE COMUNICACIONAL DA COREIA DO NORTE NA  
LITERATURA DE NÃO FICÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso II  
apresentado ao Curso de JORNALISMO:  
Bacharelado, do Departamento de Ciências  
da Comunicação da Universidade Federal da  
Santa Maria, Campus Frederico Westphalen.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Zamin

Frederico Westphalen, RS  
2021

ZYLDA GABRIELA CAETANO BENGOCHEA

**O CONTROLE COMUNICACIONAL DA COREIA DO NORTE NA  
LITERATURA DE NÃO FICÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Jornalismo: Bacharelado, do  
Departamento de Ciências da Comunicação da  
Universidade Federal de Santa Maria, Campus  
Frederico Westphalen.

Aprovado em agosto de 2021.

---

**Angela Zamin, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**

Orientadora

---

**Fábio Silva, Me. (UFSM)**

---

**Rafael Foletto, Dr. (UFSM)**

Frederico Westphalen, RS

2021

Eu dedico esse TCC aos meus pais, Nelson e Maria Clara, e a minha tia Tânia que são meus heróis e fizeram com que esse sonho fosse real!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para concluir este trabalho.

Aos meus pais, que são pessoas incríveis, por nunca deixarem de acreditar no meu potencial e que sempre apoiaram minhas paixões.

As minhas tias e tios, que são grandes bases da minha vida, por sempre procurarem me ajudar tanto financeiramente quanto por palavras de conforto para realizar meus sonhos.

Aos meus amigos, Pamela, Victor e Aline, que conheci em Frederico Westphalen e levarei para vida, por serem os melhores e me apoiaram muito durante este trabalho!

Ao meu namorado, fofo e compreensivo, por sempre me incentivar, por fazer café e comprar chocolate, sempre que eu pedia enquanto estava fazendo este trabalho.

Ao Kpop, *doramas* e livros que me acalmaram, me incentivaram e fizeram com que construir este trabalho fosse maravilhoso.

Aos meus professores, Ângela, Fábio e Reges que me ajudaram a construir esse sonho.

À instituição de ensino UFSM-FW, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

*Se você não pode voar, então corra. Se você não pode correr,  
então ande. Se você não pode andar, então rasteje.*

*Bangtan Boys*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a literatura de não ficção retrata o domínio comunicacional e a censura de informação na Coreia do Norte, país que atrai constantemente a atenção devido ao seu isolamento do restante do mundo e a figura do ditador Kim Jong-un. Os objetivos específicos compreendem discutir a exposição da censura e do controle informacional na Coreia do Norte e analisar criticamente os livros de não ficção *Querido Líder*, escrito por Jang Jin-Sung e publicado em 2014, e *Fuga do Campo 14*, escrito por Blaine. Os livros foram selecionados devido às pautas de diferentes realidades consequenciaram a mesma inquietação para fugir da Coreia do Norte. Para debater sobre a censura de informação e a importância da liberdade na construção da sociedade, utilizou-se de proposições teórico-metodológicas da Análise Crítica de Discurso (VAN DIJK; FAIRCLOUGH; WODAK). Com base em todas as análises e referências bibliográficas, foi possível compreender como a censura e o discurso afetam a realidade de uma sociedade, principalmente na Coreia do Norte. Portanto, foi possível encontrar reflexões acerca da problemática em virtude do impacto da linguagem nos mapas mentais dos norte-coreanos.

**Palavras-chave:** Comunicação; Controle; Literatura de não ficção; Análise Crítica do Discurso; Coreia do Norte.

## **ABSTRACT**

North Korea is a country that constantly attracts attention because of its isolation from the rest of the world and because of its Dictator. This work aims to understand how nonfiction literature portrays the communicational domain and censorship of information in North Korea. As well as specific objectives to analyze how informational control is exposed in North Korea. For this, it is necessary to understand the North Korean censorship from non-fiction literature, the books *Dear Leader* and *Escape from Camp 14* were selected, because the agendas of different realities resulted in the same restlessness to flee North Korea. To debate the censorship of information and the importance of freedom in the construction of society, we used theoretical and methodological propositions from Critical Discourse Analysis. Based on all the analysis and bibliographical references, it was possible to understand how censorship and discourse affect the reality of a society, especially in North Korea. Therefore, it was possible to find reflections on the issue due to the impact of language on the mental maps of North Koreans.

**Keywords:** Communication Control. Censorship. Nonfiction Literature. Critical Discourse Analysis. North Korea.



## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Península coreana atualmente.....	14
Figura 2: Os três reinos .....	15
Figura 3: A evolução da guerra da Coreia.....	17
Figura 4: Coreia do Norte.....	18
Figura 5: Campo de concentração norte-coreano .....	20

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 COREIA: UM LOCAL MOVIDO A GUERRAS</b> .....	14
1.1 A COREIA DO NORTE: UM PAÍS MISTERIOSO .....	17
1.1.1 O Comunismo Norte-Coreano: Repreensão e Cultura.....	23
<b>2 O QUE É CENSURA</b> .....	26
2.1 DITADURA E SUAS RELAÇÕES COM A REPREENSÃO .....	27
<b>3 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS</b> .....	35
<b>4 ESTUDO CRÍTICO ANALÍTICO DE OBRAS DE NÃO FICÇÃO SOBRE A COREIA DO NORTE</b> .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83

## INTRODUÇÃO

É difícil de acreditar que ainda no século XXI existam países isolados e com pouco acesso à informação sobre a realidade cotidiana do mundo e o que existe nele. Porém, a Coreia do Norte, após a Guerra Fria, protegeu tanto seu comércio como seus meios de comunicação, e até hoje se mantém restritiva à comunicação vinda do exterior. O sistema comunicacional da Coreia do Norte é um assunto que deve ser mais explorado e analisado, visto que, cada vez mais, os norte-coreanos protegidos e foragidos contam as experiências deles. Por isso, é interessante essa busca de informações sobre a censura e os limites impostos no país asiático, debatendo e expondo como o controle do acesso a informações e o medo constroem uma sociedade alheia à própria realidade por eles vivida.

É importante, portanto, estudar sobre o país, sobre a importância da comunicação e sobre o quão grave é a censura para manipular uma população e a tornar cada vez mais ignorante perante aquilo que se está vivendo e ao que é sujeitada rotineiramente. Esse trabalho também tem como meta argumentar que a falta de acesso à informação e própria circulação social levam à falta de conhecimento da própria existência, uma vez que um lugar sem comunicação livre nunca será um lugar democrático.

Este presente trabalho de conclusão de curso tem como enfoque analisar a censura como uma forma de manipulação da sociedade, moldando uma população que se torna alienada à própria realidade. Considerando que a “formação social de um indivíduo sobre o meio em que vive é ocasionada a partir das informações, em que a humanidade adquiriu ao longo do tempo” (OLIVEIRA; CASTRO, 2015, p. 118). Sendo assim, a censura tem o poder de dominar uma sociedade, principalmente quando se há punições para aqueles que buscam por informações. Para Bauman (2008, p. 8), o medo é como chamamos a ignorância da ameaça e do que se deve ser feito. A censura e o domínio nada mais são do que a ignorância da ameaça e da manipulação daquilo que se deveria fazer, pois um povo que desconhece sua realidade, desconhece também os direitos que a eles pertencem.

A comunicação participa do molde dos conhecimentos sobre uma sociedade. A produção de sentidos sobre a realidade se dá a partir da socialização e do compartilhamento de informações. Por isso, a liberdade na busca de informação é importante: com a “comunicação estabelece-se a interação entre os homens, tornando possível que formulem opiniões e transmitam suas idéias, sentimentos, estabelecendo contato uns com os outros” (KREUZ, 2003, p. 34).

Visto que “A República Popular Democrática da Coreia/RPDC (Coreia do Norte) é um dos Estados menos conhecidos e difíceis de compreender do mundo” (VIZENTINI; PEREIRA, 2014, p. 176), é interessante analisar materiais que contemplem histórias sobre a censura e o domínio tanto comunicacional como popular vigentes no país.

A Coreia se dividiu em dois polos em meados dos anos 1945-50. Principalmente após a bipolaridade mundial decorrente de processos políticos e econômicos, “como nação dividida por uma guerra civil e pela rivalidade internacional da Guerra Fria” (VIZENTINI; PEREIRA, 2014, p. 177). Devido a grande influência da União Soviética e também do stalinismo<sup>1</sup>, a Coreia do Norte foi se moldando como um país restritivo, isolado tanto de modo econômico como socialmente, evitando o acesso exterior de informações internas e limitando o acesso da própria população sobre assuntos mundiais. Mesmo na década de 1930 “os japoneses consideravam o jovem Kim Il-Sung como um dos mais perigosos líderes guerrilheiros na fronteira da Manchúria e da Coreia” (SCALAPINO apud VIZENTINI, PEREIRA, 2014, p. 177).

Este trabalho se assenta nas proposições teórico-metodológicas da Análise Crítica de Discurso (VAN DIJK, 2010; FAIRCLOUGH, 2001) e visa a responder ao problema de pesquisa: como a literatura de não ficção retrata o domínio comunicacional na Coreia do Norte? Neste sentido, a investigação busca compreender como a literatura de não ficção retrata o controle comunicacional e a censura de informação na Coreia do Norte. Os objetivos específicos consistem em discutir a exposição da censura e do controle de informação, além, da manipulação de dados provindos da Coreia do Norte e analisar criticamente os livros de não ficção *Querido Líder*, escrito por Jang Jin-Sung e publicado em 2014, e *Fuga do Campo 14*, de Blaine Harden, de 2012. Além da Análise Crítica de Discurso, já referida, a pesquisa bibliográfica também é utilizada como procedimento durante o desenvolvimento do trabalho. Vale ressaltar que na análise dos objetos empíricos considera a interpretação do pesquisador nos recortes daquilo que se quer expor.

Assim, é possível, investigar como os livros abordam a censura informacional na Coreia do Norte. A partir disso, encontra-se a possibilidade de se analisar como é exposto o controle informacional na Coreia do Norte. Conjuntamente, compreender a censura norte-coreana a partir dos livros *Querido Líder* e *Fuga do Campo 14* e, evidentemente, indagar sobre a censura de informações sobre sua manifestação na construção de uma sociedade.

---

<sup>1</sup> Stalinismo foi um regime totalitário liderado por Josef Stálin, o líder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), aconteceu em meados dos anos 1942 até 1953. Muitos estudiosos e críticos trotskistas do stalinismo afirmam que tal corrente é antimarxista, sendo considerada até mesmo é totalitária e fascista.

Os dois livros são considerados biografias, apesar de *Fuga no Campo 14* ter sido escrita após o jornalista Blaine Harden entrevistar Shin Dong-Hyuk, que é um ex-prisioneiro do Campo 14 e refugiado norte-coreano. Harden trabalhou por 28 anos no *The Washington Post* como correspondente em países da África, Europa Oriental e Ásia. Esse campo de trabalho forçado foi considerado o maior campo de concentração norte-coreano conhecido. Já *Querido Líder* é uma autobiografia que conta a vida de Jang Jin-Sung, um trabalhador do governo que atuava em uma área do governo norte-coreano voltada para “censurar” as informações exteriores e também de espionagem. Jin-Sung tinha como função ler livros, assistir e consumir produtos artísticos e comunicativos de outros países, principalmente provindos da Coreia do Sul. Além disso, ele deveria modificar textos e produzir, em nome de um sul-coreano, poesias e artigos que pudessem venerar o sistema da Coreia do Norte.

Com o objetivo de compreender como a literatura de não ficção retrata o domínio comunicacional e a censura de informação na Coreia do Norte. É importante, para isso, discutir a história da Coreia do Norte, assim como o controle do país foi se desenvolvendo. Também é necessário compreender como os livros de não ficção relatam e constroem uma leitura sobre a censura norte-coreana. E, finalmente, debater como a liberdade comunicacional molda a construção de uma sociedade. Para objetivos específicos deve-se analisar como é exposto o controle informacional na Coreia do Norte. Compreender a censura norte-coreana a partir dos livros *Querido Líder* e *Fuga do Campo 14* e debater sobre a censura de informações e a importância da liberdade na construção da sociedade.

A Análise Crítica do Discurso tem como objetivo estudar a linguagem, considerando-a com um papel crucial do contexto. Assim, a linguagem é um objetivo de estudo entre linguagem e poder e, também, como prática social. É um estudo que se concentra nas relações de dominância, poder, controle e discriminação e como isso se manifesta perante a linguagem (PEDROSA apud WODAK, 2006).

“Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente” (PEDROSA, 2006, documento eletrônico). Sendo assim, a Análise Crítica do Discurso teoriza os processos estruturais e os modos sociais que elaboram textos e reproduzem discursos. Para Wodak (2003), as estruturas sociais e os processos de grupos e indivíduos são vistos como sujeitos históricos que criam sentidos quando interagem com textos.

Van Dijk (2010) definiu a ACD como uma investigação analítica discursiva na qual o objetivo é estudar os principais modos de abusos de poder, como se retrata a desigualdade e a representação dos personagens inseridos no contexto. Apesar disso, a “natureza tão dissidente,

os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social” (VAN DIJK, 2010, p. 113). Além disso, Van Dijk explica que “os modos como as estruturas do discurso produzem, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam as relações *de poder e de dominação* na sociedade” (VAN DIJK, 2010, p. 115) é o maior objetivo de estudo e investigação da ACD.

O modelo tridimensional de Fairlough, de 1992, também tem como objetivo a ACD com um recorte analítico do social e a prática em que o texto está inserido. Sendo assim “a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 289). Pedrosa (2006) relata que esse tipo específico de análise tem valor macrossociológico e as características podem possuir interpretações do estudioso. “É uma dimensão que verifica as questões de interesse na análise social, ou seja, analisa as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e de que maneira elas moldam a natureza da prática discursiva” (PEDROSA, 2006, documento eletrônico).

Este trabalho apresenta inicialmente a história da Península Coreana e fatos históricos que estruturaram o sistema político e social da Coreia do Norte. O segundo capítulo tem como objetivo analisar os conteúdos e estudos sobre a censura e relacionar assim com a realidade da Coreia do Norte, um país onde as propagandas possuem mais “veracidade” do que notícias jornalísticas produzidas com objetivo de expor a verdade. No terceiro capítulo é trabalhada a Análise Crítica do Discurso relacionando-se a realidade histórica da Coreia do Norte. Já o quarto capítulo é um aprofundamento do estudo da ACD junto aos livros de não ficção que fundamentam esse TCC Como a Coreia do Norte, apesar das notícias mundiais, não aborda a realidade e as histórias das pessoas que vivem no país e possuem uma construção realística diferente dos outros devido ao consumo de informações e diferentes realidades vividas, por isso é importante analisar essas histórias e, assim, fundamentar-se na ACD para investigar os conteúdos. *Querido Líder* e *Fuga do Campo 14*, uma autobiografia e um livro reportagem, são duas histórias que demonstram a diferença social da Coreia do Norte e como cada um, com ou sem privilégios conseguiram fugir e contar a história da vida deles. A análise crítica desses livros procura expor como é a realidade dos norte-coreanos, mesmo sendo infringida pelas rígidas leis do país, não deixa de gerar inquietude nas diferentes classes sociais.

## 1 COREIA: UM LOCAL MOVIDO A GUERRAS

Esse capítulo aborda sobre a história da Península Coreana com um enfoque maior para a Coreia do Norte ao decorrer do desenvolvimento da pesquisa. Assim, retratando da melhor forma possível a realidade vivida pelos norte-coreanos e como o país sobrevive sendo restrito a informações exteriores em um mundo “tão” globalizado.

A Coreia, também nomeada de Choson (escrita em hangul: 조선) pelo norte e Hanguk (escrito em hangul: 한국) pelos sul-coreanos, é um território dividido entre dois Estados-nação sendo eles a Coreia do Sul, reconhecida oficialmente como República da Coreia, e a Coreia do Norte, denominada República Popular Democrática da Coreia. É localizado no norte asiático sendo uma península que faz fronteira com a China (noroeste) e a Rússia a nordeste. Sendo separada do Japão, ao leste, pelo Mar da China Oriental e pelo Estreito da Coreia. É um território com uma história complexa entre batalhas e repartições.

FIGURA 1 – Península coreana atualmente



Fonte: KPOP World Me

A Coreia emergiu como uma entidade política única após a Guerra dos Três Reinos que ocorreu entre 57 a.C. até meados de 668 d.C. A Coreia era dividida entre os reinos Baekje, Silla e Goguryeo que viviam em guerras e retaliações (LEE, 2008, s/p).

**FIGURA 2 – Os três reinos**



**Fonte:** KPOP World Me

No século VII, o reino Silla se uniu a China na era da Dinastia Tang e unificou a Península da Coreia pela primeira vez. Como recompensa, a China passou a se estabelecer na Coreia e a administrar partes da península, resultando na Guerra Silla-Tang que iniciou em 670. As forças de Silla conseguiram vencer em 676 e, assim, foi denominado aquele território de Silla Tardia ou Unificada que durou até 935. A Coreia também passou a se chamar, no século VII, de *SamHan*, sendo popularizado devido a lógica nomenclatural para se referir a todo o território da península, *Han* era um nome que se referia aos reinos e *Sam* é o número 3 em coreano (GRAIG, 2005).

Ao final da era SamHan, o reino Silla se sucedeu pelo reino de Goryeo ou Koryŏ (nome que inspirou a denominação atual da Coreia) em 918. Esse reino era conhecido por ser um Estado culto e pelas escrituras budistas, como o documento Jikji. Um produto notável dessa época é a Tripitaka Coreana (considerada uma das coleções mais completas de textos budistas gravadas em cerca de 80 mil blocos de madeira) (NFMK-KR, 2014, p. 41).

O Reinado de Goryeo colapsou após graves conflitos políticos devido a queda da Dinastia Yuan, gerando um levante liderado pelo general Yi Seong-Gye que estabeleceu a



conhecida Joseon, em 1388. Sendo que os 200 anos iniciais foram marcados pela criação do primeiro alfabeto coreano pelo reino Sejong, no século XIV, e pela progressiva influência do confucionismo.<sup>2</sup> Na última era do reino, Joseon passou a ser conhecida como um reino eremita devido a política isolacionista. E em 1910, no início do século XX, o país passou a ser dominado pelo Império Japonês e permaneceu como colônia até o final da Segunda Guerra Mundial após a rendição dos japoneses (Korean History, 2000, s/p).

Assim que a União Soviética e os Estados Unidos concordaram com a rendição das forças japonesas na Coreia, o rescaldo da Segunda Guerra Mundial defendeu a divisão da Coreia pelo paralelo 38 no qual o Sul seria dos Estados Unidos e o Norte ficaria sob ocupação soviética. E, assim, consequenciou-se uma base para que as duas coreias nunca mais voltassem a se unificar, agravando-se pela incapacidade de reconhecer a independência total e única do território coreano.

O governo do norte passou a receber inspiração das ideias comunistas, com apoio da União Soviética, enquanto o Sul mantia-se influenciado pelo modo de vida norte-americano. Levando a uma divisão ainda não reconhecida. E, em 1950 eclodiu uma batalha que iniciou não só com a Guerra da Coreia, mas também caracteriza-se como o primeiro conflito armado da Guerra Fria.

No dia 25 de junho de 1950 as tropas norte-coreanas cruzaram o paralelo 38 e conseguiram avançar rapidamente. O desencadeamento da guerra era resultante de circunstâncias internas (a guerra civil iniciada dois anos antes), regionais (a nova geopolítica da Ásia Oriental) e mundiais (resposta soviética ao desencadeamento da Guerra Fria na Europa). (VIZENTINI, PEREIRA, 2014, p. 178-179).

Assim a Coreia passou a ser reconhecida como Coreia do Sul e Coreia do Norte, dois países com populações que compartilham da mesma origem e da mesma língua, porém com ideais políticos, econômicos e sociais diferentes. “Como nação dividida por uma guerra civil e pela rivalidade internacional da Guerra Fria” (VIZENTINI; PEREIRA, 2014, p. 177).

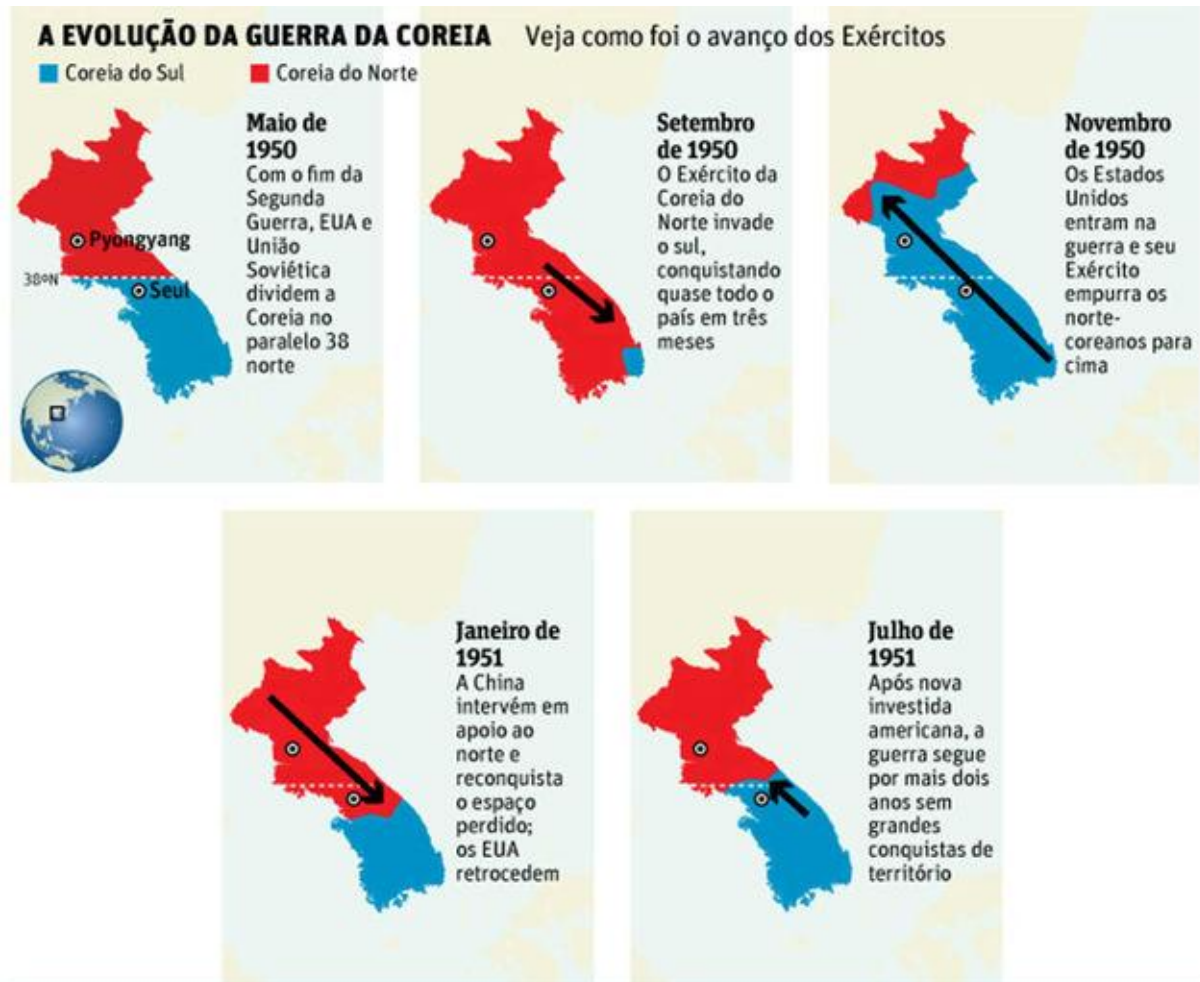
A Guerra da Coreia não acabou formalmente com um tratado de paz, sendo um fator que contribui ainda mais para a inquietação vigente no território das Coreias até o vigente momento. Visto que um armistício apenas retrata um cessar-fogo e não o fim da guerra. A Zona Desmilitarizada, também conhecida como Panmunjom, marca os limites e a fronteira dos territórios de Choson e Hanguk e é uma das zonas mais hostis do mundo. “Antes de entrar em Panmunjom os visitantes devem assinar um documento que adverte que a visita ‘implicará

---

<sup>2</sup> O Confucionismo é um sistema criado por Confúcio, sendo uma filosofia ética e religiosa chinesa. Essa crença também acredita no Tao, um caminho superior que busca equilíbrio entre a vida mundana e a espiritual, a união entre o homem e a natureza. Acredita que esse caminho deveria ser buscado por todos os homens.

a entrada em uma área hostil e a possibilidade de lesões ou de morte” (BBC NEWS, 2018, s/p).

**Figura 3 – A evolução da guerra da Coreia**



**Fonte:** Julia Bezerra – Toda Matéria

Percebe-se como a região denominada Península Coreana em anos antes, passou por intensas batalhas e divisões apesar de compartilharem historicamente da mesma origem e cultura. Assim, após 1951, a Coreia passou a ser designada e reconhecida como dois países, a Coreia do Sul capitalista e a Coreia do Norte um país governado pelo conceito Juche.

### 1.1 COREIA DO NORTE: UM PAÍS MISTERIOSO

Oficialmente denominada República Popular Democrática da Coreia, a Coreia do Norte é um país do leste asiático. A capital é Pyongyang e seu território tem como fronteiras a Rússia, pelo rio Amnok, e a China, pelo rio Tumen, respectivamente na parte norte e noroeste;

já ao sul possui uma zona desmilitarizada compartilhada com a Coreia do Sul. “A República Popular Democrática da Coreia/RPDC (Coreia do Norte) é um dos Estados menos conhecidos e difíceis de compreender do mundo” (VIZENTINI; PEREIRA, 2014, p. 176). O Banco Mundial (2019) estima que exista 25,67 milhões de norte-coreanos morando na Coreia do Norte atualmente.

**FIGURA 4 – Coreia do Norte**



Fonte: Britannica Escola

A Coreia do Norte, assim como a do Sul, se tornou membro das Nações Unidas em 1991 devido as Olimpíadas que ocorreram em 1992, na qual os dois países desfilaram representando uma bandeira só.

Tão notável quanto a adesão às Nações Unidas é a maneira como as duas Coreias se comunicam. As Coréias do Norte e do Sul serão representadas nas Olimpíadas de 1992 por uma equipe sob uma única bandeira da península coreana. Os dois lados não são amigos, mas podem não ser mais inimigos. Trazer os dois países para a ONU reduz o risco de conflito e incentiva a discussão perante o organismo mundial sobre as questões naquele canto do Pacífico Norte (THE SEATTLE TIMES, 1991, documento eletrônico, [tradução da autora]).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Equally as remarkable as United Nations membership is the way the two Koreas are talking to each other. North and South Korea will be represented at the 1992 Olympics by one team under a single Korean peninsula

A República Popular Democrática da Coreia se declara um Estado socialista atuossuficiente e democrático com realizações formais de eleições. Porém, vários analistas o descrevem apenas como um país cuja vida política se resume a um sistema ditatorial stalinista totalitário. Esse fato é reforçado também pela intensa veneração e culto por Kim Il-Sung, líder da Coreia do Norte, e seus descendentes (PARRY, 2007, s/p).

Apesar de a Coreia do Norte ter entrado na ONU em 1991, diferentes organizações mundiais dos direitos humanos, como a Human Rights e a Anistia Internacional, acusaram a Coreia do Norte de ser um dos países que possuem os piores registros de direitos humanos (AMNESTY INTERNATIONAL, 2007, s/p). Os norte-coreanos são, normalmente, referenciados como “as pessoas mais brutalizadas no mundo”, conseqüenciado devido ao repulsivo controle da liberdade econômica e política dos habitantes (SEOK, 2007, documento eletrônico).

Tolhido pela desnutrição, ele é baixo e franzino – 1,67 metro e 54,5 quilos. O trabalho infantil deixou-lhe com braços arqueados. A parte inferior das costas e as nádegas têm cicatrizes das queimaduras infligidas pelo fogo do torturador. A pele sobre o púbis exibe a cicatriz da perfuração feita pelo gancho usado para prendê-lo sobre as chamas. Os tornozelos têm marcas de correntes que serviram para pendurá-lo de cabeça para baixo na solitária. O dedo médio da mão direita foi cortado na altura da primeira articulação, punição que recebeu de um guarda por derrubar uma máquina de costura numa fábrica de roupas do campo. As canelas, do tornozelo até o joelho, em ambas as pernas, são mutiladas e marcadas por cicatrizes de queimaduras provocadas pela cerca de arame farpado eletrificada que não foi capaz de mantê-lo no interior do Campo 14. (BLAINE, 2012, p. 14).

A pena de morte, também conhecida como pena capital, é normalmente aplicada na Coreia do Norte em situações muito normativas em outros países, como manifestações religiosas, pornografia e distribuição, além de assistir filmes de outros países (principalmente, oriundos da Coreia do Sul e dos Estados Unidos). É estritamente proibido, também, manter contato com pessoas de fora do país. Muitas dessas penalidades são cumpridas em público, como se as execuções fossem shows educativos (Folha de S.Paulo, 2014, documento eletrônico) (HWANG, 1999).

Em 2014, a ONU condenou a Choson por violações dos direitos humanos, iniciando assim uma conseqüente onda de restrições por crime contra a humanidade. Sendo que 111 votos foram a favor e apenas 19 contrários a resolução. Porém a Coreia do Norte nega qualquer tipo de criminalidade contra a humanidade: “Não há nenhuma ‘questão dos direitos

---

flag. The two sides are not friends but they may not be enemies any more. Bringing both countries into the U.N. reduces the risk of conflict and encourages discussion before the world body about issues in that corner of the northern Pacific

humanos' neste país, pois todos levam uma vida extremamente digna e feliz. –Agência Central de Notícias da Coreia [do Norte], 6 de março de 2009” (HARDEN, 2012).

Shin Dong-hyuk, um desertor coreano, testemunhou sobre a existência de campos de concentração. Tanto o Governo sul-coreano como o Departamento de Estado dos Estados Unidos afirmam que possa existir entre 150 e 200 mil habitantes norte-coreanos presos. Portanto, cerca de 0,85% da população local na época do levantamento de informações (HARDEN, 2012)

O governo da Coreia do Sul estima que eles abrigam cerca de 154 mil prisioneiros, enquanto o Departamento de Estado dos Estados Unidos e vários grupos de defesa dos direitos humanos calculam que sejam nada menos que duzentos mil. Após examinar uma década de imagens dos campos feitas por satélites, a Anistia Internacional observou novas construções dentro deles em 2011 e passou a temer que a população de prisioneiros estivesse aumentando, talvez para conter uma possível inquietação no momento em que o poder começou a ser transferido de Kim Jong Il para seu filho, jovem e inexperiente. (HARDEN, 2012, p 16).

**FIGURA 5** – Campo de concentração norte-coreano



**Fonte:** Google Earth

Muitos afirmam que nos campos de concentração são rotineiros torturas, estupros, assassinatos e experimentos médicos desumanos. O trabalho forçado é empregado como forma de punição pelos crimes e, também, como um agradecimento pelo perdão e segunda

chance que o governo norte-coreano lhes presenteou (HARDEN, 2012). A fome também é comum, pois os alimentos são restritos; cultiva-se alimentos para subsistência.

Existem cerca de 30 norte-coreanos que relataram sobre a existência dos campos de concentração, denominados de *kwalliso*, e sobre as crueldades lá vivenciadas. Sabe-se pela Associação Coreana dos Advogados de Seul que, mesmo sem conseguir relatar o número exato, que há centenas de milhares de pessoas que vivem suas vidas restritas nos campos (HARDEN, 2012).

[...] um quadro detalhado da vida cotidiana nos campos: todos os anos, alguns prisioneiros são executados em público. Outros são surrados até a morte ou secretamente assassinados por guardas, que praticamente têm carta branca para maltratá-los e estuprá-los. Em sua maioria, os detentos trabalham na agricultura, na extração de carvão, na confecção de uniformes militares ou na fabricação de cimento, subsistindo com uma dieta de fome de milho, repolho e sal. Perdem os dentes, as gengivas ficam pretas, os ossos se enfraquecem, e, quando chegam à casa dos quarenta anos, ficam arqueados na altura da cintura. Como recebem um conjunto de roupas uma ou duas vezes por ano, em geral eles trabalham e dormem vestindo trapos imundos, levando a vida sem sabão, nem meias, luvas, roupas de baixo ou papel higiênico. Jornadas de trabalho de 12 a 15 horas são obrigatórias até que os prisioneiros morram, em geral de doenças relacionadas à desnutrição, antes de completar cinquenta anos. (HARDEN, 2012, p. 17).

No início de 2007, houve relatos de que havia seis *kwalliso* operantes no país. Porém, há comprovações de que na Coreia do Norte existiu, pelo menos, 14 campos que podem ter sido fechados por chamarem muito a atenção no exterior nos mapas do *Google Earth*. Existem informações de que certos campos foram unificados e fundidos com outros campos menores (G1, 2013, documento eletrônico).

Outra questão muito crítica que expõe a autoridade governamental é a forma de condenação da Coreia do Norte, não há possibilidade de recorrer contra uma acusação e nem mesmo o direito de se defender caso seja inocente. Existem condenações que podem levar não apenas o condenado aos campos de concentração, mas também os familiares deles (AMNESTY INTERNATIONAL, 1979, s/p).

Na maioria dos casos, os norte-coreanos são enviados para os campos sem nenhum processo judicial, e muitos morrem sem saber do que foram acusados. São retirados de suas casas, em geral à noite, pela Bowibu, a Agência de Segurança Nacional. A culpa por associação é legal na Coreia do Norte. Muitas vezes um transgressor é preso com os pais e os filhos. Kim Il Sung estabeleceu a lei em 1972: 'Inimigos de classe, sejam eles quem forem, devem ter sua semente eliminada por três gerações. (HARDEN, 2012, p.17).

Além disso, a prática de perseguição política, o aprisionamento sem existir julgamento e a sentença ser dada diretamente pelo Governo não é unicamente executada por sistemas stalinistas ou norte-coreanos. O sistema prisional da Choson foi idealizado no governo do

Kim Il-Sung. Seus sucessores a ampliaram sendo que existia ainda muitos *gulags* em diversas regiões do país.

Rações alimentares para a fome, trabalho forçado, espancamentos de rotina, tortura sistemática e execuções colocaram os campos norte-coreanos nas fileiras das piores prisões da história para criminosos políticos. Originalmente modelado no gulag soviético, os campos norte-coreanos desenvolveram características próprias para as quais nenhuma terminologia foi criada. Particularmente horrível é o encarceramento de famílias inteiras, incluindo filhos e avós, a fim de isolá-los da sociedade e puni-los por causa de seu relacionamento com familiares acusados de crimes políticos. Eliminar “inimigos de classe por três gerações” foi especificamente ordenado por Kim Il-sung, o que às vezes levou a comparações com campos de extermínio nazistas. Uma prática igualmente horrível, característica da Coreia do Norte, é o aborto forçado realizado regularmente e da maneira mais brutal em mulheres presas que cruzaram ilegalmente a fronteira com a China, engravidaram de homens chineses e foram repatriadas à força para a Coreia do Norte. Nos casos em que a gravidez é muito avançada, os guardas espancam os bebês até a morte ou os enterram vivos após o nascimento. Ainda outro ponto de partida na Coreia do Norte é que todos os residentes de kwan-li-so não têm correspondência, visitas ou pacotes salva-vidas de familiares e amigos. Eles estão totalmente incomunicáveis. (HAWK, 2012, p. 4, [tradução da autora]).<sup>4</sup>

O uso do termo gulag pelos norte-coreanos mantém certa relações externas com a extinta União Soviética, ressaltando a ideologia comunista e a centralização econômica. Assim como o sistema prisional do país, os procedimentos de atuação contra inimigos diplomáticos e políticos são influenciados pelo Stalinismo.

Desde sua independência, a Coreia do Norte possui relações complexas com a Rússia e a China, muitas delas são ilegais e secretas entre os governos. Mas a história de relação entre os três países é muito extensa, por consequência do viés socioeconômico e pelas políticas compactuarem. Desde o término da Guerra da Coreia, em 1953, Kim Il-Sung buscou auxílio dos países até então socialistas-comunistas, necessitando de ajuda econômica e militar. No início de 1960, o então Líder Supremo buscou o máximo de contato evitando o distanciamento entre os dois países visto que o território norte-coreano estava à mercê da dependência de ambos. Kim, com o passar dos anos, desenvolveu um modo de fomentar a

---

<sup>4</sup> Starvation food rations, forced labor, routine beatings, systematic torture and executions put the North Korean camps in the ranks of history’s worst prisons for political offenders. Originally modeled on the Soviet gulag, the North Korean camps have developed distinctive features of their own for which no terminology has yet been devised. Particularly horrifying is the incarceration of entire families, including children and grandparents, in order to isolate them from society and punish them because of their relationship to family members accused of political crimes. Rooting out “class enemies for three generations” was specifically ordered by Kim Il-sung, which at times has led to comparisons with Nazi death camps. An equally horrifying practice distinctive to North Korea is forced abortion regularly carried out and in the most brutal manner on women prisoners who illegally crossed the border into China, became pregnant by Chinese men and were forcibly repatriated to North Korea. In cases where the pregnancy is too advanced, guards beat the infants to death or bury them alive after they are born. Still another point of departure in North Korea is that all the residents of the kwan-li-so are denied any correspondence, visits or life saving parcels from family and friends. They are totally *incommunicado*.

economia utilizando-se da intolerância da China e da URSS devido à ruptura sino-soviética, aproveitando-se da situação para se fortalecer.

Apesar de os estudos norte-coreanos verem o Kim Il-Sung como o criador e idealizador da forma atuante política e social do país, suas ideias são baseadas não só no Stalinismo, mas também no movimento maoísta chinês. Até o modo *Juche* que passou a ser visibilizado devido à família Kim e seu governo totalitário e fechado, as ideias originais são atribuídas a filósofos coreanos antigos. Exemplo disso também são os modelos de prisões da Choson se espelharem aos gulags de Stalin da década de 1930. Porém, há certos estudos que comprovam que os campos de concentração foram criados no país asiático para evitar movimentos antistalinista. Apesar disso, o estreitamento com o movimento Stalinista devido ao movimento pós-Guerra Fria, fez com que a Coreia do Norte reforçasse laços com a China maoísta (USC apud SHEN, 2013, documento eletrônico).

### **1.1.1 Comunismo Norte Coreano: Repreensão e Cultura**

*Juche* é um termo norte-coreano para designar a ideologia de autossuficiência do governo. É um movimento oficial que defende que a construção social é papel essencial das massas populares. Essa doutrina também prega a veneração pelos “mestres da revolução”.

Além disso, o valor principal do *Juche* é a filosofia de que o homem é mestre de tudo que decide. Sendo um sistema político que elucida a materialização da independência das massas populares, tratando-se de dogmas que defendem o isolamento estatal e que o Estado conduz para o desenvolvimento social daquilo que se estabelece como o “caminho correto”. Tal sistema resulta em um compromisso eterno com os líderes nacionais, pois só eles são capazes de conquistar a independência geopolítica, a autossuficiência bélica e econômica (KIM, 1982).

O *Juche*, também é chamado de *Kimilsungismo*, referenciando-se ao Kim Il-Sung, o avô de Kim Jong-un, atual líder político do país. Foi ele o precursor e o idealizador do termo *Juche*, inspirado em preceitos do socialismo stalinista adaptados a Choson.

Desde 1955, o termo *Juche* foi promovido pelo governo da Coreia do Norte tanto nas propagandas políticas e ideológicas como também no sistema educacional. Porém, apenas em 1977, o termo marxismo-leninismo foi sucedido pelo *Juche* na constituição de Choson. Por conseguinte, o termo se solidificou como a única posição política e ideológica do país.

As principais características dessa ideologia são: ênfase na independência política e econômica em relações com outras nações; culto à personalidade (como Kim Il-sung, Kim



Jong-Um e família); nacionalismo com defesa da homogeneidade étnica; parlamentarismo e economia planificada; militarismo *Songun* no qual as forças armadas detêm a prioridade na aplicação de recursos do Estado e demais assuntos. Sendo assim, o viés econômico inviabiliza grandes negociações e a abertura para com outros países. Defendendo a dignidade do país e a preservação da dignidade e soberania. Além disso, concentra-se na defesa nacional com apoio do armamento governamental. A economia é totalmente voltada para indústrias de base: como de máquinas e matérias-primas e; a agricultura. A Coreia do Norte, entretanto, não é totalmente fechada para comércios exteriores (WEST, 1955, p. 130).

Apesar de o conceito *Juche* perseverar a ideia de que o papel principal do sujeito é a individualidade, a filosofia norte-coreana reforça-se pelo meio da subordinação das massas e a veneração de um só líder. Essa movimentação resulta na construção da imagem do Grande Líder como o centro da vida, como se ele fosse a razão da vida naquele país (HELGESEN, 1990).

Sendo assim, a Coreia do Norte se estabiliza como um país autossuficiente devido à personalidade Kim Il-sung, o culto pela personalidade resulta em como o *Juche* ainda é perpetuado na Coreia do Norte (HOARE, 2012). Mesmo com o país vivendo crises econômicas que não só causaram mortes por fome e doenças de saneamento básico, principalmente na década de 1990, quando Choson passava por um estado de calamidade devido à escassez de alimentos cuja movimentação foi denominada de Marcha Árdua.

O fortalecimento do movimento de santificar o até então Líder da Coreia do Norte se assemelha a filosofia xintoísta estatal do Japão Imperial (HALPIN, 2015, s/p). A confiança do povo perante a imagem solidificada de Kim Il-sung fomentou não só o papel histórico dele dentro do país como também fortaleceu para que seus sucessores continuassem o comando. Além disso, a doutrina *Juche* solidificou-se não só como parte da constituição, mas também parte do sistema educacional restrito e moldado para que as gerações futuras não questionassem a realidade em que estavam submetidas. Por conseguinte, o país estava à mercê de um conhecimento limitado que avigorava ainda mais o Líder Supremo como um ser único e que merecia ser venerado e respeitado acima de tudo (CUMINGS, 2003).

Sociólogos marxistas repreendem muito o conceito pragmático do *Juche* por evidenciar um controle popular no qual a classe trabalhadora (proletariados) norte-coreanos passam a serem moldados de forma a creem que sua vida dependesse não de si mesmos, mas da família Kim. Portanto, o *Juche* é retratado como um sistema não marxista devido a submissão e a devoção suprema dos norte-coreanos aos seus Líderes e, apesar da Coreia do

Norte se autodeclarar democrática ao sistema, é claro que o sistema é uma ditadura comunista longínqua do sistema democrático até então conhecido.

A Choson é muitas vezes exposta como um país que santifica seus líderes, que possui proibições excêntricas e atípicas, e é também mencionada por estudiosos devido a restrição na liberdade social e pessoal. Seu sistema cruel de repreensão para aqueles que não seguem à risca suas leis. É um país cuja população sofre pelo condicionamento educacional, social e familiar para crer que o Líder é o merecedor de toda sua devoção, pois sabe-se que qualquer desrespeito a família Kim pode resultar na execução ou prisão nos campos de concentração onde o tratamento governamental é brutal e desumano (ROGERS, CORWIN, 2014).

Apesar da Coreia do Norte possuir rígido controle informacional, muitos da população acabam consumindo produtos sul-coreanos ilegalmente (DAILY NK, 2007) ou em prol do próprio governo, como os espiões. Jang Jin-Sung, escritor do *Querido Líder*, livro publicado em 2014, relata que existia no sistema político governamental de Kim Jong-Il um departamento especializado em investigar e ponderar informações tanto de entretenimento como jornalísticos provindos do exterior do país. Essa tática tinha como objetivo censurar e controlar o que acontecia fora do país, analisando o que poderia ser reestruturado e aproveitado, modificando os conteúdos originais e mantendo as fontes para fortificar ainda mais a influencia do governo sobre a população. “Cabe a adidos culturais ou científicos junto às embaixadas da República Popular da Coreia por meio desse sistema a aquisição de livros estrangeiros para a distribuição limitada por meio desse sistema” (JANG, 2014 p. 67).

A retaliação contra inimigos do Estado também justifica a perpetuação de um sistema tão totalitário. Assim como o caso de Shin Dong-Hyuk ativista dos direitos humanos para norte-coreanos e personagem icônico do livro de Blaine, *Fuga do Campo 14*, muitas crianças nascem em campos de concentração com controle total. Essas vidas são perenizadas apenas para trabalhos forçados e escravizadas até a morte, sendo que muitos pais são ignorantes perante o porquê de suas condenações aos gulags coreanos (HARDEN, 2012).

Essas características moldam um sistema autodenominado socialista que omite qualquer descrição e menção de palavras que remetam ao comunismo. (TSCHENTSCHER, 2009, documento eletrônico). A Choson (a Coreia do Norte é conhecida assim pela sua população) criou uma ideologia-doutrina, Myers deslegitima o *Juche* como excelso e supremo, pois acredita ele que essa ideologia tem mais efetividade para ludibriar estrangeiros e não a população norte-coreana (MYERS, 2011).

## 2 O QUE É CENSURA

Esse capítulo aborda o que é censura e suas formas pragmáticas de ser implementada em governos, principalmente totalitários e com culturas militaristas. Também explica os tipos de censuras mais específicos, como a censura governamental focada na Coreia do Norte, a censura jornalística e a artística, utilizando de exemplificação outras ditaduras como a do Brasil.

Censura é a negação da divulgação de informações para proteger os interesses do governo, de um grupo ou de um só indivíduo. Além disso, o termo remete ao controle comunicacional de países cuja política é ditatorial, totalitarista e com viés militarista. Originado do latim, a censura tem fator histórico na Roma Antiga. Existia um cargo denominado censor, um oficial que se responsabilizava por manter os censos na população e prover a moralidade pública (*regimen morum*) (SUOLAHTI, 2008). Supervisionando e controlando atos sociais, o censor é o que muitos poderiam chamar dos funcionários que trabalhavam, por exemplo, no Departamento de Imprensa e Propaganda da era Vargas e na ditadura militar a partir de 1964, no Brasil (SCHWARCZ, 2015, p. 337).

A censura muitas vezes é motivada pela nomeação genérica de fortalecimento do patriotismo e a expansão de propagandas que possuem o objetivo de não apenas venerar e melhorar a imagem do país e, sim, de manipular e controlar a massa popular. Muitos Estados-nações que passam pela censura governamental, a criação de um departamento focalizado na função de censor, porém denominado de outra forma, é essencial não só em criar organizações de censura, mas também em unificar o poder comunicacional do controle informacional e o controle da liberdade de expressão.

Exemplificando isso, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, possuía objetivos específicos que entornavam a ideia central de veneração do patriotismo enquanto o poder comunicativo se mantia centralizado ao governo. Esses decretos-leis do DIP foram: monitorar e organizar o turismo, coordenar a propaganda nacional, censurar os demais centros artísticos e comunicacionais, propor vantagens para produção e filmes educativos e nacionais, promover eventos cívicos, proporcionar programas de rádio do governo e proibir livros considerados “ardilosos” para a população (SCHNEIDER, 2017).

A restrição de entrada de livros ou de proibições literárias foi comum em diversos movimentos totalitários, como Nazismo, Fascismo e também no governo *Juche*, assim como

ocorreu na Ditadura Militar de 1964 e no Estado Maior Brasileiro de 1939. A fomentação do amor pelo país em contrapartida à repreensão violenta de pessoas contrárias a opinião governamental são também característicos dos movimentos anteriormente citados. A censura governamental resulta na autocensura, pois, o medo de compactuar com ideologias contrárias causa um maior controle social. Aos poucos a vontade de consumir produtos ilegais, falar ou até mesmo de ser conivente com pessoas que possuem filosofias diferentes da difundida pelos chefes de Estado, diminui. Essas argumentações vão ao encontro das falas de George Orwell e seu livro *1894*, como:

Apanhou o livro de história para crianças e contemplou o retrato do Grande Irmão estampado no frontispício. Os olhos hipnóticos fitavam os dele. Era como se alguma força monumental exercesse pressão sobre Winston — uma coisa que invadia seu crânio, golpeava seu cérebro, aterrorizava-o a ponto de fazê-lo abandonar suas crenças, quase convencendo-o a rechaçar as provas que seus sentidos lhe forneciam. No fim o Partido haveria de anunciar que dois mais dois são cinco, e você seria obrigado a acreditar. Era inevitável que mais cedo ou mais tarde o Partido fizesse tal afirmação: a lógica de sua posição o exigia. Além da validade da experiência, a própria existência da realidade externa era tacitamente negada por sua filosofia. A heresia das heresias era o bom senso. E o aterrorizante não era o fato de poderem matá-lo por pensar de outra maneira, mas o fato de poderem ter razão. Porque, afinal de contas, como fazer para saber que dois e dois são quatro? Ou que a força da gravidade funciona? Ou que o passado é imutável? Se tanto o passado como o mundo externo existem apenas na mente, e se a própria mente é controlável — como fazer então? (ORWELL, 1949, p. 84).

Isso é loucura, evidentemente. Mas a quem cabe determinar o que é loucura e o que é sanidade numa sociedade em que todos, incluindo os que controlam o pensamento, aprendem a acreditar que dois e dois podem ser cinco? Orwell nos lembra o quanto nossa aceitação do conhecimento objetivo é volúvel, e quão incerto é nosso domínio do passado. (ORWELL, 1949, p. 325).

## 2.1 DITADURAS E SUAS RELAÇÕES COM A REPREENSÃO

A censura passa a ser uma forma de gerar comodidade ao público e torná-lo ignorante a fatos externos que causariam maiores frustrações e exigências para com o governo. Refletindo repreensão no setor de comunicação social. Não só passa a ser censurado, o jornalismo se torna um tipo de propaganda governamental, produzindo marketing mascarado para fortalecer ainda mais o controle do Estado Maior, como também venerar a imagem de políticos. Na Coreia do Norte, existe ou existia o DAP, relatada por Jang Jin-sung, em 2014, no livro *Querido Líder*.

DAP significa Departamento de Agitação e Propaganda, seu papel era restrição de palavras no vocabulário literário e da própria população. Afinal, “os meios de comunicação e

internet são controlados pelo Estado, as pessoas comuns não têm acesso à web ou à imprensa estrangeira e são levadas a acreditar que a maneira como vivem é a maneira normal de viver” (VIEIRA; OBREGON, 2018 p. 5).

O controle institucional do pensamento começa com a consolidação da língua, uma política destinada a unificar as esferas privada e pública do pensamento. Para que o domínio da expressão individual se enquadre na ideologia comum, o Departamento de Agitação e Propaganda do Partido fixa limites para a língua falada e escrita. (JANG, 2014, p.64).

Além disso, até mesmo os mais privilegiados do sistema *Juche* possuíam restrições para documentos que contavam a história da Coreia do Norte e da Família Kim. O controle governamental pode gerar dois tipos de pessoas: as pessoas conformadas e as pessoas que lutam, em contrapartida, devido ao acesso de informação que querem possuir ou que possuem.

[...]os textos estrangeiros sobre Kim Il-sung ou Kim Jong-il tinham as partes sacrílegas riscadas por censores. Foi isso, mais do que qualquer coisa, que provocou minha curiosidade – se você casualmente acena para uma pessoa com um segredo, ela pode simplesmente ir embora; mas, se você luta com todas as forças para escondê-lo, a curiosidade dela só vai aumentar. (JANG, 2014, p. 102).

Muitos norte-coreanos foragidos relatam suas razões para fugirem, as vivências e conhecimentos das suas próprias realidades os convencem de que “aquilo” não é o certo. Para Shin Dong-Hyuk, nascido em um campo de concentração, mesmo sem saber os reais significados de amor, família e liberdade, sobreviver daquela forma nunca foi visto de forma aceitável, apesar de todos os riscos que passou e se submeter a um sistema em que traição entre familiares valia mais se isso servisse para ganhar a confiança dos guardas. Ao fugir para a China e realmente compreender o que era viver causou não apenas um choque de realidade, mas também uma imersão a uma sociedade na qual ele não estava apto (HARDEN, 2012).

Apesar o poderio exercido sobre aqueles dominados devido a censura, muitos indivíduos, mesmo sem o acesso exclusivo a notícias, tornam-se inquietos. A autocensura consequenciou que muitas pessoas não se vislumbrassem a contrariar o governo, porém, muitos indivíduos negam o modus operante de uma ditadura e se mantêm firmes em suas opiniões e críticas ao governo. No Brasil, durante a Ditadura Militar, muitos jornais alternativos se posicionaram contra o governo, apesar dos grandes meios de comunicação brasileiros se submeterem ao contínuo controle governamental.

Submetidos à persistente censura, que suprimia e mutilava originais, e à má vontade dos proprietários da grande imprensa, os humoristas ergueram uma imprensa

própria, alternativa. Com ela, driblaram o poder, num exercício lúdico típico de seu ofício. Nesse jogo, foram até presos. Mas, ao contrário dos jornalistas convencionais, entre os quais prevaleceu o conformismo, não desistiram. E, apesar das rivalidades naturais entre grandes artistas, formaram um bloco diversificado em estilos e visões, mas sólido na visceral oposição à ditadura. Como uma equipe aplaudida por uma grande platéia que compartilha cada momento de seu jogo, o humor brasileiro dos anos de 1970 tornou-se um ato coletivo contra a ditadura, extravasando os limites não confrontacionais do humor político clássico. Tanto assim que O PASQUIM [semanário alternativo da época] foi entendido pela hierarquia militar como instrumento de confronto. (KUCINSKI, 1991, p. 26).

Também se averigua que “Censura é o processo de repressão da liberdade de expressão e de imprensa e está diretamente relacionada ao poder, seja ou não do Estado, e pode se apresentar de diversas formas” (FIGARO, NONATO, 2016, p. 73). A invalidade das opiniões da população não se regula diplomaticamente como um sistema democrático, porém em contrapartida, a Coreia do Norte além de se denominar um país autossuficiente, declara-se um sistema democrático com “eleições”. Entretanto, essa votação que ocorre a cada quatro anos é uma das mais perigosas do mundo sendo que a população é constantemente ameaça de fuzilamento em praça pública (BBC, 2015).

Para além do controle governamental explícito e que será mais profundamente desenvolvido, o medo de ser morto, as constantes ameaças e até mesmo a rotina mensal de ver alguém ser fuzilado em praça pública, como ocorre na Coreia do Norte (JANG, 2014) (HARDEN, 2012) geram a submissão perante a instituição governamental.

Para Cremilda Medina (2002, p. 421), além da censura explícita, institucionalizada e verticalmente exercida pelo Estado autoritário, estamos sujeitos a cerceamentos nas práticas cotidianas, impostas por “atos repressivos inerentes a qualquer exercício de poder” e também à autocensura. Para Mattos (2012, p. 101), não há diferenças no conceito do ato de censurar; o que muda “é a aplicação dos instrumentos de controle. (FIGARO, NONATO, 2016, p. 73).

A partir disso, desdobra-se uma análise das pesquisas feitas por Abramo (2016), em 2003, um relato das manipulações padronizadas devido à censura: a ocultação, a inversão, a indução e a fragmentação. Essas exemplificações demonstram como as empresas jornalísticas ficam à mercê da autocensura para proteger seus bens maiores e não serem perseguidos cotidianamente pelo Estado, sendo muitas vezes um modo de defesa. A autocensura, portanto, torna-se necessária para que funcionem para que as ameaças não se tornem frequentemente e que departamentos como censores não “fiquem de olho”.

São itens que, a nosso entender, podem ser considerados autocensura, tanto do profissional, quanto da empresa, e que estão presentes no cotidiano do jornalismo. A ocultação, segundo o autor, refere-se “à ausência e à presença dos fatos reais na produção da Imprensa”. Não significa omissão, nem fruto do desconhecimento, é o silêncio. (FIGARO, NONATO apud ABRAMO, 2016, p. 76).

Sabe-se que a repreensão e a censura são ações comuns em ditaduras, principalmente em relação à vida cultural da sociedade. Como exemplo disso, pode-se mencionar a própria Ditadura Militar que ocorreu no Brasil a partir de 1964. Ao assumir o poder, o exército passou a fortificar a violência para com a população, focalizando os ataques aos setores que produziam artes, músicas e outras produções culturais. Afinal, havia o conhecimento de que diversos desses grupos possuíam ligação com movimentos politicamente organizados que poderiam influenciar seus consumidores. A União Nacional dos Estudantes (UNE), por exemplo, que possuía um centro cultural, sofreu diversas repreensões agressivas para que o silêncio e a submissão fossem alcançados. “Aparentemente, a fúria repressiva da ditadura parecia querer estancar e suprimir – imediata e definitivamente – qualquer manifestação cultural que apresentasse o mais leve indício de significado crítico e político ou, ainda, uma natureza ideológica radicalizada” (FRANCO, 1997, p. 77).

Apesar da censura recorrente que buscava o extermínio de qualquer tipo de obras de rebelião, aquelas com o intuito de comunicar a sociedade só poderiam ser produzidas pelo Governo. Não só o meio cultural foi atacado intensamente, mas também os meios de comunicação e a vida universitária foram radicalmente conseqüenciada com as inibições. Fato também estabelecido na Coreia do Norte, onde todos os meios de “doutrinação” passaram a serem espionados e comandados por pessoas diretamente ligadas ao governo. E “afetou gravemente o destino imediato de vários segmentos da produção cultural. Não bastasse isso, exerceu também árdua censura diária à imprensa” (FRANCO, 1997, p. 77).

De forma afetiva, a Ditadura procurou desqualificar as fontes informativas, educacionais e culturais do país para que as rebeliões fossem enfraquecidas e as uniões políticas fossem obstadas. Em palavras de Franco (1997), a ditadura almejava causar um “vazio cultural”, para assim criar um estado de indiferença e, por conseguinte, existir uma submissão popular. Ao acreditar que a falta de produções comunicacionais fossem causar uma estabilidade no controle, a Ditadura fortificou ainda mais os sistemas de dominação, porém a sociedade reivindicou devido ao seu conhecimento adquirido de outros contextos. Por exemplo, o Golpe de 1964 que fora apoiado, inicialmente, porque seria uma iniciativa para melhorias políticas, porém, ao estabelecer um risco para a liberdade de expressão, as rebeliões se intensificaram mesmo com a repreensão.

O observador histórico atual, entretanto, favorecido pela óptica mais precisa resultante do distanciamento temporal, pode identificar, nesse modo truculento com que o estado militar tratou a vida cultural, alguns sinais de que a censura não foi apenas um instrumento conjuntural utilizado para fins políticos imediatos, como costumeiramente a crítica especializada imagina. Ao contrário, a censura pode ter

sido utilizada tão amplamente por razões propriamente econômicas. Explicando melhor: ela seria, ao impedir a livre circulação de qualquer tipo de obra, ferramenta privilegiada para erradicar a vigência das tradicionais condições materiais da produção cultural, que por exemplo - teriam possibilitado, nos anos 60, o aparecimento de uma cultura como a criada nos CPCS - cuja característica básica é a de não requerer, por parte de seus produtores, nenhuma especialização. (FRANCO, 1997, p. 77).

O Governo assim fortalecia sua linha política, visto que as linhas divergentes eram intensamente perseguidas. Porém, a comunicação estabelecida anteriormente, apesar de enfraquecida, não foram dizimadas. Como por exemplo, as “Diretas Já” comprovaram como os movimentos não se tornaram de desconhecimento público apesar das poucas notícias em torno de suas ocorrências. Assim mídias alternativas ganharam espaço, assim como as artes de rua. Entretanto, a ditadura deixou marcas históricas e rotulou alguns conceitos que, apesar de possuírem significados, não eram de conhecimento prático. Porém, na Coreia do Norte, o controle passou a ser tão fortificado que os espaços de voz foram se tornando enfraquecidos e fortemente reprimidos. O que gerou uma submissão na qual as fontes informativas passaram a serem controladas.

A Coreia do Norte, no comando de Kim Jong-Il passou a consumir rotineiramente informações sensacionalistas em torno da Dinastia Kim, com narrativas heroicas do Partido dos Trabalhadores e o mito de supremacia no qual os Kim eram seres sagrados. O fortalecimento do discurso motivou ainda mais a autocensura, pois a comunicação reforçava o medo e declaravam inimigos do Estado aqueles que não apoiassem a família do Grande Líder.

Assim, a censura possibilitou uma maior autonomia do Estado na Coreia do Norte, em fazer as decisões políticas e econômicas, visto que a movimentação da sociedade estava enfraquecida e em colapso devido às respostas violentas dos militares. Assim como qualquer ditadura, o maior domínio sob as diretrizes do país facilitava para que fossem feitos ainda mais atentados contra a liberdade de expressão, maior manipulação dos meios de comunicação e fortalecimento da imagem de credibilidade do Estado. Citando isso, no Brasil:

A censura ajudaria, assim, a encerrar um vasto ciclo cultural do país, cujas raízes remotas estariam assentadas no solo da década de 1930. Ao eliminar as antigas condições dessa produção, ela favoreceria o próprio desaparecimento da cultura local (ou nacional?); simultaneamente, auxiliaria a estabelecer aqui uma espécie de reserva de mercado para a produção desses países. Nesse novo cenário, podemos reconhecer algumas ásperas paisagens, como as das terras - antes férteis - do cinema ou da música popular, que, em pouco tempo, tornaram-se quase completamente ressecadas e desertas. (FRANCO, 1997, p. 79).

Vale ressaltar que mesmo com a repressão cultural dos meios comunicativos já existentes, a Ditadura Militar Brasileira influenciou a criação de outros a favor da nova gerência. Afinal, instigar os meios de comunicação que são apoiadores influenciaria ainda



mais a população a tornar-se adepta do Estado. Assim, os militares passaram a estabelecer manipulação social e direcionar a leitura do contexto social de forma positiva. Na Coreia do Norte, os meios de comunicação, a imprensa e todas as assessorias informativas passaram a serem propriedades do Estado, o que norteou para que mais informações fossem distorcidas e manipuladas.

Por isso, compreende-se que a censura não é totalmente contra a comunicação, porém é contra informações negativas contra o Governo, ou contra aquele que exerce poder. Portanto, tornava-se restrito uma comunicação que visibilizava os movimentos, as exigências das pessoas ou as críticas contra alguém de alta classe. Assim, com na Ditadura Militar, publicidades do Estado se tornavam comuns e obrigatórias de ser consumidas. Os norte-coreanos são proibidos de menosprezar a imagem dos seus líderes, sendo assim, “Passar em frente a uma imagem dos líderes sem fazer reverência “é considerado um crime contra o Estado, as “Estátuas e cartazes de membros da família Kim estão presentes em todas as ruas de Pyongyang e o regime observa de perto se todos cumprem os rituais de reverenciar a imagem dos líderes”. Outra ilegalidade é dobrar itens que possuem as fotos dos líderes. “Os jornais, por exemplo, que são estatais e recheados de fotos de Kim Jong-un, não podem ser dobrados. ‘Em nenhuma hipótese se pode fazer isso, para eles é uma heresia’, explica o embaixador” (NUNES, 2017, s/p).

O uso da censura e a conseqüente modernização da vida cultural podem estar relacionados com a tendência, já verificável nesses anos, para a internacionalização dessa última. Em outras palavras: por força e exigências do processo modernizador, a atividade cultural se via obrigada a experimentar uma abertura, em maior ou menor grau, para as tendências ou modas culturais dominantes nos países hegemônicos. (FRANCO, 1997, p. 79).

A comunicação passa a se tornar ainda mais influenciadora no discurso, principalmente, ao conferir domínio ao poder político. A publicidade passa a ser consumida como informação única, na qual não existe dois lados da moeda, apenas o certo e o errado. O papel do jornalista passa a ser de um assessor de imprensa, pois não é mais possível investigar, nem averiguar fatos, apenas agenciar o que lhe é encarregado. Portanto, a censura não é a proibição total de um meio, de uma produção, mas é a readaptação desses para se enquadrar no que é permitido e sancionado. O que causa ainda mais deturpações, manipulações e uma interpretação substanciais de temas que deveriam ser debatidos, expostos de maneira bilateral, o Governo é visto como o absoluto. Entretanto, a propaganda passa a ser a única norteadora aprovada, assim os meios comunicativos passavam a propagá-la com medo das perseguições políticas.

A censura não só criava formas de tornar-se predominantes nos meios jornalísticos, como utilizaria poemas e músicas para manipular ainda mais os contextos sociais de cada indivíduo. Apesar de muitos consumirem produtos culturais muitas vezes sem a preocupação com políticas ou com o intuito de promover rebeliões, eles levam a pensamentos críticos. Na Dinastia de Kim Jong-Il, por exemplo, músicas e poemas foram utilizados para popularizar ainda mais o consumo de elementos doutrinadores e que venerassem o Estado e o Governo; a sociedade passava, assim, a consumir ainda mais conteúdos unilaterais e se influenciavam de um discurso alimentador da soberania do Líder (JANG, 2012).

A censura, porém, logo mostraria ser instrumento repressivo de caráter limitado. Sua ação, embora provoque consideráveis anomalias na vida cultural, jamais é demasiadamente ampla, pois ela só consegue atingir certos objetivos mais ou menos restritos. Ela, por exemplo, não logra efetivamente suprimir toda produção cultural ou controlar a qualidade e o universo das obras solitariamente elaboradas. Para quem a usa, ela apresenta ainda a desvantagem de ajudar a cristalizar certas ambigüidades ou contradições: com frequência, suas proibições ou impedimentos podem perfeitamente servir de estímulo para alguns artistas ou intelectuais criativos. Em tais circunstâncias, a censura pode, paradoxalmente, provocar o aparecimento de novos modos de usar os repertórios expressivos que, em alguns casos, chegam a ser bastante inusitados. (FRANCO, 1997, p. 80)

A comunicação estabeleceria junto à censura uma batalha de resistências. Afinal, a censura é uma busca de controle social, de forma a não existir meios da crítica prevalecer enquanto a forte repreensão oculta as informações necessárias para tal feito. Assim o consumo excessivo de propagandas políticas e as inibições a informações difamatórias possibilitam uma paralisação social. Por conseguinte, a população adquire uma interpretação muitas vezes deturpada da realidade, pois não compreende o contexto da mesma forma que alguém do meio exterior. A própria interpretação política e social sofre distorções muitas vezes irreparáveis para o senso cognitivo.

Durkheim define que “maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (DURKHEIM, 1830, p. 3). A própria teoria Estruturalista se encaixa perfeitamente em uma análise sociológica de como a Coreia do Norte e sua relação com a população se fundamenta. Lera Boroditsky (2018), descreve como a linguagem afeta diretamente a leitura social, pois influencia a percepção e modo de pensar – fato descrito no título de seu livro: *7,000 Universos: Como as Linguagens que Falamos Moldam a Maneira como Pensamos*<sup>5</sup>. Portanto a educação linguística possui predomínio sobre as compreensões de um indivíduo sobre a realidade.

---

<sup>5</sup> 7,000 Universes: How the Languages We Speak Shape the Ways We Think.

A censura torna-se um importante fator em como a linguagem agirá na subjetividade humana, pois se existir manipulações, a probabilidade de pensamentos adulterados é maior. Assim, o condicionamento popular é de apoio acima das rebeliões, não é apenas um delírio coletivo, mas uma construção de base muito sólida se todas as fontes linguísticas e sociais estiverem de apoio.

Assim, a censura atinge diretamente os conjuntos sociais, a consciência coletiva passa a se tornar ainda mais afetada, principalmente, se a ideologia do Governo prevalecer por anos. Durkheim define que

“O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade (...). A crítica é construída sob a premissa de que o conceito de consciência moral coletiva deve ser historicizado e visto como produto de forças políticas e sociais em disputa”. (2002, p. 50-51)

A censura na comunicação exerce uma influência dominante no sujeito, englobando sua forma de agir, principalmente, sob pressão. Outrossim a “importância dos meios de comunicação para a propaganda política já fora salientada por Assis Chateaubriand, que em 1935 criticou Vargas pela incapacidade de utilizá-los de forma eficiente.” (PANDOLFI, 1999, p. 170). Assim, o controle comunicativo ia além de representar o controle, mas sim, em virtude disso, a manobra social do Estado se fortificava.

A censura se estabelece como uma forma de controle do poder do discurso. Para fortalecer ainda mais as opiniões e desejos dos governantes e silenciar o povo para que a informação fraqueje. Por conseguinte, a propaganda política ganha espaço e os mapas mentais da sociedade passam a ser constantemente desafiados. Há chances de lavagem cerebral que, segundo o dicionário *on-line Priberam*, significa um “processo de mudança profunda de pensamento, de identidade ou de personalidade, originado por uma influência exterior poderosa” (2008, s/p).

Afinal “o estudo da censura não deve se limitar à crítica ao abuso do poder e à defesa da liberdade de expressão, mas deve também passar pela compreensão do papel que ela desempenha no exercício de uma política cultural” (COSTA, 2006, p. 16). Assim, pode-se relacionar efetivamente a comunicação jornalística e social em menção aos paradigmas vivenciados e desenvolvidos na Coreia do Norte desde 1950.

### **3. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DOS MAPAS MENTAIS NA COREIA DO NORTE**

Análise do Discurso é baseada em efeito, enquanto a ACD é baseada em Ação. Ambas estudam as estruturas sociais e as relações de discurso e sujeito assim como a relação social do discurso, ou seja, a historicidade. Entretanto, para a ACD, são exploradas as identidades reflexivas e a identificação fragmentada – tratando-o como um sujeito político. O discurso, segundo Fairclough (1989), é distorcido devido à sociedade que o molda e, por conseguinte, torna-se um tema difícil de analisar. Como dita Wodak (2004, p. 224), “em questões humanas, as interconexões e as redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão. Assim, a atividade crítica consiste, essencialmente em tornar visível a natureza interligada das coisas”.

A relevância do discurso se dá no processo de influenciar a linguagem. O discurso gera modelos cognitivos para explicar a construção dos significados em um nível social compartilhado (VAN DIJK, 1981). Sendo assim, a análise crítica do discurso passou de uma ferramenta para explicar para além da escrita, constituindo um “retrato” de fenômenos sociais (KINTSCH, 1983).

Scafuto (2012) afirma que o discurso e suas dimensões são controladas pelos modelos mentais. Esses quando influenciados, otimizam a alienação de uma massa social. Vale ressaltar que não é pela falta de acesso informativo, mas sim pelo excesso de informações controladas de forma a se moldarem como propagandas governamentais e políticas.

A análise crítica do discurso, por sua vez, possibilita o estudo de estruturas veladas de poder e do controle das manifestações da linguagem, motivando países com rígido controle comunicacional ver na mesma um de seus eixos de poder. “A linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica” (HABERMAS, 1987, p. 259).

Segundo Fairclough e Wodak (1997), a ACD concebe a linguagem como uma prática social. Esse tipo de análise considera o contexto do uso da linguagem como um elemento crucial (WODAK, 2000). Sendo assim, o enfoque principal da análise crítica do discurso é estabelecer, expor e questionar as relações de dominação entre linguagem e poder.

Para Van Dijk (1986, p. 4), existe a “interdependência entre os interesses de pesquisa e os comprometimentos políticos” na ACD. Por isso, esse tipo de estudo analítico não é neutro

e se torna necessário o posicionamento do estudioso para assim se compreender suas diretrizes e exposições.

A crítica se personifica dentro da pesquisa executada (WODAK, 2004). Assim, o contexto é como um modelo mental, único e subjetivo das dimensões relevantes de uma situação social e comunicativa (SCAFUTO, 2012) e as manipulações podem rotular essa realidade, moldando-a. Tornando o indivíduo maleável a interpretações não reais devido ao contexto construído por anos. Fato perceptível em diversos casos de norte-coreanos foragidos e protegidos pela ONU. Ao compartilhar realidades tão intangíveis, muitas interpretações não passam de ficcionais e não explícitas para compreensão. Nesse caso a ACD adentra a pesquisa como uma forma de exposição política e ideológica ao compreender o contexto de um sistema governamental e social.

Estudos a partir ACD “são, quando muito, uma perspectiva compartilhada sobre como fazer análise linguística, semiótica e do discurso” (WODAK apud Van Dijk, 2004). A crítica buscada nesse tipo de metodologia está conectada a uma prática do engajamento social e político com “uma construção de sociedade socialmente embasada” (KRINGS et al, 1973, p. 808). Fairclough (1985) elucida que nas vertentes humanas: as redes mentais se formam nas observações de causa e ação podem passar a se distorcerem. Assim, tornarem-se imperceptíveis à noção. É necessária uma atividade crítica, capaz de indagar sensivelmente os indivíduos afetados e tornar essa natureza interligada tangível para uma análise.

Esse tipo de pesquisa procura relações estruturais, sendo elas transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestados na linguagem e também nas interpretações sociais. Almeja investigar criticamente como as problemáticas sociais são expressas; sinalizadas, legitimadas e constituídas (WODAK, 2004). Por isso, analisar textos produzidos perante a realidade difusa de norte-coreanos são importantes para compreender como a realidade se torna moldável em dependência do acesso informacional que lhe é disponibilizado.

A ACD não analisa apenas textos como objetos de investigação, pois o texto possui um contexto de produção e de interpretação pela sociedade. Visto que com a comunicação, transmite-se ou se recebe informações. Portanto, é necessário uma teorização e descrição dos processos e estruturas sociais que levam a produção de um texto, pois os meios sociais formam indivíduos ou grupos em sujeitos sócio-históricos que criam suas próprias convicções e significados devido suas interações com os textos (FAIRCLOUGH e KRESS, 1993, p.2). Assim como os modelos mentais (Van Dijk, 1989), que são responsáveis pelas leituras, pelo

compartilhamento interpretativo dos discursos e, finalmente, pelas análises naturalizadas ou críticas das informações recepcionadas por um indivíduo ou um grupo.

Existem três conceitos indispensáveis na ACD: poder, história e ideologia. Este trabalho iniciou abordando o contexto histórico da Coreia do Norte, pois para Wodak (1989), na linguística crítica é importante expor e considerar a perspectiva histórica. Para assim desenvolver uma pesquisa rica em detalhes da estrutura social e seu contexto cultural (WODAK, 1989). Portanto, tornou-se necessário contar como a realidade norte-coreana moldou-se de lutas e da fé pela Família Kim a partir da Segunda Guerra Mundial. Logo após, no capítulo sobre censura, abordamos a ideologia governamental de forma dinâmica com exposição de trechos de livros ficcionais como *1984*, de George Orwell (1949), e dos livros não ficcionais que embasam toda a existência desse trabalho: *Querido Líder* (JANG, 2014) e *Fuga do Campo 14* (HARDEN, 2012).

A linguagem na ACD é vista como um conjunto, moldada por signos não arbitrários sendo, por conseguinte, ideológicos junto ao discurso. Seguindo a linha de raciocínio de Fairclough (1989), é necessário retratar exemplos textuais capazes de ilustrar o campo, seus objetivos e os métodos de análise que são utilizados para a ACD ser vista como método científico.

A linguagem da mídia de massa é detalhadamente analisada, pois ela é vista como um espaço de poder, de lutas em que, aparentemente, a linguagem é transparente. Porém, na Coreia do Norte não existe uma comunicação sem o controle governamental e torna-se necessário recorrer a relatos de pessoas que viveram suas vidas controladas rigidamente em seus gestos, falas e produções artísticas ou trabalhistas (JANG, 2014).

O poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser utilizada para desafiar o poder (WODAK, 2004). Sendo assim, nada mais válido do que expor em uma análise crítica os poderes do controle comunicacional que nulificam e manipulam a arbitrariedade de indagar sobre a própria realidade. A Coreia do Norte possui um regime cujo lema é moldado de maneira a tornar os meios comunicativos restritos desde seus primórdios de vida, dessa forma “as estruturas dominantes estabilizam as convenções e as naturalizam” (WODAK, 2004, p. 226) ainda mais. Assim, os efeitos da ideologia são mascarados e o poder assume, na produção de sentido, significados estáveis e naturais, pois são tidos como “dados”. Em *Querido Líder*, como dito anteriormente, Jang Jin-Sung (2012, p. 67) transparece como o controle é iniciado: “Na Coreia do Norte, o controle institucional do pensamento começa com a consolidação da língua, uma política destinada a unificar as esferas privada e pública do pensamento”.

Para Walsh (2011), existe a impossibilidade do controle do sujeito, pois o fator histórico é o decretório. Entretanto, a Coreia do Norte passa a ser analisada em uma tangente na qual o histórico favorece para um controle social e que desde sua segregação passou a consumir propagandas governamentais em abundância. Outrossim, Walsh (2011) declara que o discurso e o sujeito se relacionam diariamente, simplesmente pelo ato do dizer, pois, seguindo a lógica dele, o posicionamento determina o sujeito.

As consequências de um país cujo os problemas sociais não serem diretamente relacionados ao descaso e a exploração do Governo para com seus habitantes (JANG, 2014), elucida uma diegese em que o senso político é desemparedado e excessivamente prejudicado devido ao medo e a falta de liberdade social. Walsh (2011) explica que essas explicações ainda que lógicas, são complexas.

Portanto, a diferença é que, ainda que interpelado pelo histórico, na ACD o sujeito é político em função de poder ser reflexivo na pós-modernidade. Na AD [Análise de Discurso], no entanto, parece que a determinação histórica o submete e o imobiliza em termos de agência. A identificação na ACD parece mais complexa que o jogo contraditório de classes, já que existem contradições dentro das próprias classes, reunidas em uma mesma identidade por razões políticas. Hall (1998, p. 18-21) exemplifica isto com o caso de um juiz negro que havia sido acusado de assediar uma mulher negra e que era indicado para a Suprema Corte americana por Bush. Neste exemplo, dependendo dos que poderiam apoiar ou não a indicação, Hall faz uma análise interessante das diversas identificações possíveis, que transcendiam a questão das classes, e demonstra a complexidade desse entendimento de sujeito na pós-modernidade. (WALSH, 2011, p. 14).

Na ACD, como explica Fairclough (2001), criticar o discurso é visibilizar e sondar as relações, normalmente, sistemáticas e “indeterminantes”. É necessário expor as complexas redes para compreender a fundo os processos e as marcas de resistência.

Fairclough (2001, p. 36) resume o modo de análise da ACD. Para o autor, a análise do texto é uma análise de forma-e-significado – formulo isto dessa maneira para enfatizar sua interdependência necessária. Como indiquei acima, qualquer texto pode ser tomado como um entrelaçamento dos significados “ideacional”, “interpessoal” e “textual”. Seus domínios são respectivamente a representação e a significação do mundo e da experiência, a constituição (estabelecimento, reprodução, negociação) das identidades dos participantes e as relações sociais e pessoais entre eles, e a distribuição da informação dada versus nova e da informação foco versus aquela de pano de fundo (no sentido mais amplo). [...] A análise desses significados entrelaçados nos textos desce necessariamente até a análise das formas dos

textos, incluindo suas formas genéricas (a estrutura geral de, por exemplo, uma narrativa), sua organização dialógica (em termos, por exemplo, de tomadas de turno), relações coesivas entre frases e relações entre as orações em frases complexas, a gramática da oração (incluindo questões de transitividade, modo e modalidade), e o vocabulário (WALSH, 2011, p. 17).

Ao trabalhar com livros traduzidos, a linguagem torna-se regional, mas seus significados continuam os mesmos. A narrativa de Jang (2014), por exemplo, revela suas escolhas e também como seus pensamentos direcionam seus posicionamentos, suas inseguranças e adversidades devido às descobertas mais reveladoras sobre a Coreia do Norte e da vida de Kim Jong-il. Até porque o texto não é visto como unidade empírica, mas sim, ele é um meio material de análise (WALSH, 2011).

Orlandi (2006, p. 16-17) esquematiza tudo isso: O analista então fará o seguinte percurso: Em um primeiro passo da análise, ele toma o material bruto linguístico como tal (o corpus, os textos) e por um primeiro lance de análise ele procederá à desuperficialização desse material, sua desintagmatização. Obterá assim o que chamamos o objeto discursivo. O objeto discursivo corresponde ao material analisado, mas já resulta de um passo de análise. Nele já começamos a pressentir o desenho das formações discursivas que presidem a organização do material. Em um segundo passo da análise agora o analista trabalha sobre o objeto discursivo procurando determinar que relação este estabelece com as formações ideológicas. Chegamos assim ao processo discursivo. Quando conhecemos o processo discursivo podemos dispensar o material de análise inicial, pois estaremos de posse do funcionamento discursivo que pode ser generalizado para outros conjuntos de materiais, outros textos. (WALSH, 2011, p. 18).

Analisar os discursos de livros como *Querido Líder* (2014) e *A Fuga do Campo 14* (2012) é transpor entre conceitos de história, informações midiáticas e relatos sociais, uma transcrição analítica que vai muito além de simplesmente confirmar afirmações tão comuns e superficiais. Visto que a possibilidade de mascarar uma ideologia e estabilizar as convenções sociais não é impossível como Wodak (2004) mesmo afirma.

A construção da ACD é norteadora por meios históricos e linguísticos, possibilitando um desenvolvimento entre ciências sociais e estudos da linguagem (WALSH, 2011), Fairclough (2001) compreendia que assim que as características textuais junto a todos seus meios de consumo, distribuição e interpretação se relacionem com contextos sociais e culturas. Possibilita-se, então, uma orientação com análises menos superficiais.

Para Orlandi (2006), a análise de discurso expõe novas formas de interpretação, mantendo-se por teorias e sistemas analíticos. Outrora, a ACD não é apenas utilizar da subjetividade para aversão, são necessários embasamentos científicos, textuais e



comprobatórios para todos os trejeitos relacionados a falas, trechos e objetos de estudo. Por exemplo, é necessário constituir o simbólico com o político (WALSH, 2011), porém isso não possibilita afirmações vagas, toda resignificação é baseada em informações e complementos relevantes que firmem as pesquisas. Todo contexto é sócio-histórico, e esse, por sua vez, possui posicionamento político e social.

É importante compreender que a sociedade é dividida e as relações com os sentidos são afetadas por essas divisões. Ao que parece, as duas correntes teóricas diferenciam-se no momento depois do crítico. Ambas entendem que contribuem para o descortinamento de relações de poder materializadas no discurso, mas a ACD aponta para a possibilidade de mudança. A diferença é coerente com o fato de que ACD admite um grau de agência humana, um sujeito político e acredita que desestabilizar o consenso pode desestabilizar ordens hegemônicas. Não se vê na AD [Análise de Discurso] a ideia da mudança. A questão da ruptura e da revolução, que reconhece existir, associa a mecanismos do inconsciente. (WALSH, 2011, p. 19).

É importante ressaltar que, como dito anteriormente, ideologias e políticas estão relacionadas entre si, porque significam ao discurso uma forma de norteamo simbólico. Para WALSH (2001, p. 15), “A ideologia torna-se o elemento de mediação entre o sócio-histórico e o linguístico e o discurso participa nessa mediação simbólica”. A ACD procura instigar a não naturalização do discurso, para isso é necessário posicionamentos críticos e, não imparciais, porém, ao mesmo tempo, se torna necessário a bipolarização dos fatos para haver uma maior exposição informativa dos objetos empíricos. A análise sobre abuso de poder, multidisciplinaridade e práticas com posicionamento político, segundo Guimarães (2012) são as principais demandas da ACD.

DeSouza (2015) compreende que o discurso social, ideológico e político possui conceitos complexos, que necessitam espectros amplos para serem melhor transcritos sem abstração apesar de toda a subjetividade que possam possuir. “Desse diálogo ampliado emergirão várias janelas que mostrarão diversas facetas desse potencial de análise linguístico-discursiva do conceito de ideologia, como acreditam deSouza (2011a) e Koerner (2001), para, finalmente, transformar o ‘nó ideológico’ numa poderosa ferramenta de análise linguístico-discursiva” (deSOUZA, 2015, p. 430).

Como a ACD aborda abertamente o contexto político, evidentemente ela é um estudo polêmico e subjetivo, mas de cunho científico ao revelar em pesquisas suas comprovações. Seu principal papel é o discurso na (re)produção da dominação social (MELO, 2005). E, por

isso, estudar e pesquisar sobre a Coreia do Norte e a realidade social do país é extremamente relevante.

Fairclough (2001) explica que contemplar a linguagem como prática social resulta em ver seu uso como um modo de ação, social e historicamente situado. Por ela ser relacionada a dialética, esse sistema passa a possuir outras facetas sociais – seu contexto social. Em vista disso, é essencial haver relevância em temas que envolvem o social e o cultural que a constitui. Destacando que “ele é formado socialmente, mas também forma socialmente, ou é constitutivo” (FAIRCLOUGH, 2011, p. 33). Seguindo ainda a linha de pesquisa de Fairclough (2011), torna-se imprescindível que a ACD explore a tensão, os espaços de lutas, as rivalidades, as dualidades e as pretensões dos elementos que constituem a linguagem e seu discurso, pois explorar apenas de maneira unilateral a análise se torna estruturalista.

Para Fairclough (2001, p. 33), “O uso da linguagem é sempre simultaneamente constitutivo de (i) identidades sociais, (ii) relações sociais e (iii) sistemas de conhecimento e crença – embora com graus diferentes de proeminência em casos diferentes”. Para isso a multidisciplinaridade dentro dos estudos críticos de discurso perscruta as facetas e suas diversidades, dentro de uma realidade social complexa, culturalmente formada e historicamente influenciada. Pois, sabe-se que existem manifestos implícitos e explícitos em falas, escritas, atitudes e escolhas, essas que passam despercebidas como ações genuínas, não passam de recriações com discursos naturalizados e reforçados ao longo do desenvolvimento coletivo e pessoal.

Fairclough (1989) entende que as manifestações, sejam coletivas ou individuais, como pensamentos críticos, ou, a própria crítica. “Para ele, uma dimensão descritiva do conceito o considera como um conjunto de atitudes, crenças etc., enquanto que uma visão crítica aborda o conceito como um espaço para a criação, a manutenção e a mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração” (deSOUZA, 2015, p. 425).

DeSouza (2015, p. 427) descreve que Fairclough confia uma expectativa “de interpelação inconsciente dos sujeitos do discurso. Mas o sujeito do desejo e do inconsciente lacaniano, transportado e transformado na AD, não está presente”. Entretanto, o anseio de desdenhar elementos de dominação, controle e hegemonia, assim como debates entorno da ideologia são constantemente aparentes em suas pesquisas.

O poder nos estudos da ACD envolve relações de diferenças causadas, principalmente, devido às estruturas sociais (WODAK, 2004). Em consequência das lacunas em acesso informativo a dominação se estabelece facilmente. A não informação e o excesso de

propagandas consumidas como fontes informativas refletiu, na Coreia do Norte, uma sociedade na qual suas interpretações em torno da verdade sejam facilmente manipuláveis.

A análise crítica torna-se assim algo até então desconhecido pelos norte-coreanos que são criados entre os limites da Península, pois questionar passa a ser algo proibido e sempre é revivido na mentalidade o medo constante de indagar aquilo que é visto e criado pelo “Ditador” como correto e sensato (JANG, 2012).

A Coreia do Norte não evidencia apenas o controle com o medo, mas articula os pensamentos de sua população para que não exista rebeliões ou demasiada revolta, portanto produções comunicacionais passam a ser moldadas por habitantes controlados e vigiados constantemente. Escritores possuem só um papel que é “criar a melhor expressão da ideia que lhe foi dada [pelo governo] segundo uma combinação de exigências estéticas [...]. Não é papel do escritor articular novas ideias ou fazer experiências estéticas a seu bel-prazer” (JANG, 2012, p. 67 [acréscimo nosso]).

O papel do discurso passa a ser controlado com o intuito de reafirmar o poderio do governo e da família Kim e não é permitido que nada passe a ser instigante a descobertas e interpelações. Sendo assim, a população não passa a ser passível, mas sim inerente a questionamentos mais profundos porque não é possibilitada a oportunidade de pensamentos críticos contra o governo. “Em todos os livros e palestras que li e ouvi desde a infância, suas palavras [do Kim Jong-il] são citadas como modelo de uso perfeito e também revelam a verdade de nossa pátria” (JANG, 2012, p. 28 [acréscimo nosso]).

Van Dijk (apud ROSA; ALMEIDA, 2020) focalizou grande parte dos seus estudos para o uso da linguagem e a influência dessas na construção de palavras e frases e, por fim, o contexto: o texto e seu discurso são vistos como uma extensão linguística (WODAK, 2004). Portanto, existe a ação junto a interação, compreendendo os aspectos não verbais, mas também, a cognição e a dinamicidade da recepção. De modo que o cotexto assume um papel importante nos contextos, do imaginário coletivo e, por fim, de toda a interpretação e análise crítica.

Para utilizar a Análise Crítica do Discurso é necessário, muitas vezes, utilizar fontes acadêmicas e não acadêmicas para, assim, alcançar um valor melhor no entendimento do contexto social, historicidade e subjetividade cultural de um lugar (FAIRCLOUGH, 2012). Quando a escolha tornou a Coreia do Norte como objeto empírico vários questionamentos acerca da compreensão de um país tão isolado, com uma população tão inacessível, parecem quase que ilógico passar a estudar sobre. Entretanto esses desafios causam ainda mais

motivação, pois a ACD defende a exploração daquilo que não é tão questionável, ainda mais quando se passa a perceber como uma população passa a ser descrita em livros de refugiados, ao conhecer um pouco do meio de convivência e de sobrevivência desses norte-coreanos, é possível vislumbrar-se com uma realidade muito além da até então conhecida. Fairclough (2012) constrói um estudo motivado pelo capitalismo global, em como a sociedade é motivada a ver esse sistema como imutável e inquestionável, “um simples fato da vida com que devemos nos conformar” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 317). Mesmo que possam existir outras alternativas, entretanto, a reorganização torna-se necessária. Como declara Fairclough (2012, p. 317), “organizar as relações econômicas internacionais de modo que não tenham os efeitos prejudiciais do modelo atual (por exemplo, o aumento da defasagem econômica entre pobres, ricos e entre os estados) e que são excluídas da agenda política em razão dessas representações”. Entretanto, o governo norte-coreano não quer excluir as representações de poder, nem mesmo modificar a forma de manobra social que ocorre no país. Assim, o sistema passa a ser visto como absoluto e naturalizado como o único funcional para o país.

Dentro de uma relação de elementos de uma rede social com dados compartilhados, ou seja, em uma sociedade na qual as informações são as mesmas e os acessos informativos passam a ser o mesmo, o papel do discurso passa a ser estabelecido como um meio de disseminação do domínio e não de abertura para novos questionamentos. Como reitera Bourdieu (1998), há a relevância do discurso do poder para a consolidação de um sistema.

Foucault (1999) explica como derrubar os poderes sociais que exercem tanta influência sobre um grupo é uma ação não natural, algo desconfortável e arriscado. E, por isso, a população norte-coreana em sua maioria passa a apenas reproduzir e não a criticar. “A derrubada desses “micropoderes” não obedece portanto à lei do tudo ou nada; ele não é adquirido de uma vez por todas por um novo controle dos aparelhos, nem por um novo funcionamento ou uma destruição das instituições; em compensação nenhum de seus episódios localizados pode ser inscrito na história senão pelos efeitos por ele induzidos em toda a rede em que se encontra” (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Para que um norte-coreano consiga desenvolver críticas sustentáveis, é necessário um convívio com outra realidade e inserir novos conhecimentos e novas redes que o induzem a pensar de maneira devota a uma ideologia. Ao deparar-se com uma investigação política do corpo e seu contexto, é substancial a dependência a uma renúncia (FOUCAULT, 1999), pois o poder é desenvolvido a partir de uma estratégia de oposições e de outras estruturas sociais que apenas difundem ainda mais. Quanto maior o sistema de controle, mais difícil torna-se uma oposição não violenta e com outras ideologias. Por conseguinte, uma separação social se

designa entre o interessado e o desinteressado, todos relacionados “ao modelo do conhecimento e ao primado do sujeito” (FOUCAULT, 1999, p. 31). Para o autor (1999, p. 31), “Analisar o investimento político do corpo e a microfísica do poder supõe então que se renuncie — no que se refere ao poder — à oposição violência-ideologia, à metáfora da propriedade”.

Como o corpo político passa a se estabelecer devido um agregado caracterizado com diferentes tipos de técnicas, elementos físicos e subjetivos, assim passa-se a perceber como existe uma anatomia política (FOUCAULT, 1999). Complexa e, estabelecida devido uma união de forças diferentes, trabalhando para que exista um só resultado: controle e dominação. O corpo em si só estabelecido nesse campo ideológico, possuidor de seus recursos, elementos e forças constitui um meio diferente, porém unido ao sistema, pacificador ou repreensivo, o resultado que se procura alcançar: “de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber” (FOUCAULT, 1999, p. 31). A Coreia do Norte, então, organiza seu poder centralizando-o apenas na mão de um só, demonstra seu merecimento e faz os outros ao redor acreditarem em sua capacidade, aquele que tentar exercer força contrária à desejada passa a ser repreendida. A repreensão nada mais é do que medo, demonstração de força e controle, porém, acima de tudo um aviso. Como Foucault (2012, p. 69) relata, “O executor não é simplesmente aquele que aplica a lei, mas o que exhibe a força; é o agente de uma violência aplicada à violência do crime, para dominá-la.”.

## 4 ESTUDO CRÍTICO ANALÍTICO SOBRE OBRAS DE NÃO FICÇÃO SOBRE A COREIA DO NORTE

Este capítulo aborda trechos dos livros *Querido Líder*, de Jang Jin-Sung (2012), e *Fuga do Campo 14*, de Blaine Harden (2014) para expor a representação do controle comunicacional com auxílio da Análise Crítica do Discurso (ACD) e suas estruturas. Para assim evidenciar uma elucidação ao tema deste trabalho. Alguns termos ganham e perdem força ao desenrolar da pesquisa devido os objetos empíricos e também a contextualização dos estudos feitos se baseando nos principais autores da ACD.

O discurso é por si mesmo visto como uma manifestação social assim como uma ação que enfatiza os pensamentos perante a realidade. Se um discurso oculta o que é a censura cria-se uma densa camada em que não há espaços para pensar em críticas de revolta. “O conceito de crítica é inerente” (WODAK, 2004, p. 234), mas as percepções da sociedade não, portanto, não é de todos a mesma visão do que deve ser analisado ou questionado. Jang (2012) relata suas primeiras percepções do que seu modo de viver à mercê de um estado que a todo tempo clama por amor e por respeito, sem ao menos respeitar sua população. Após ler os poemas *A peregrinação de Childe Harold*, *O corsário* de Byron e o poema *Sinfonia do Novo Mundo* de Dvorák declarou: “eu pensava que esses adjetivos eram nomes”, e finaliza com “Fiquei estranhamente eufórico ao descobrir que esses termos [grande, respeitado, querido e adjetivos parecidos] podiam ser aplicados a uma pessoa” (JANG, 2012, p. 68 [acréscimo nosso]). Logo após Jang ressalta como essas leituras, tão comumente feitas por pessoas ‘não’ norte-coreanas, causaram-no uma mudança de convicções.

Tudo que eu tinha aprendido era lealdade ao Líder Supremo, e a minha crença era de que essa era a mais sublime emoção que um ser humano podia experimentar. Contudo, aqueles poemas eram uma prova de que as emoções podiam ser sentidas em uma esfera pessoal que não incluía o Líder. Essa verdade podia ser óbvia para o resto do mundo, mas para mim foi uma revelação surpreendente. (JANG, 2012, p. 69).

Assim que passou a analisar como o amor era caracterizado nas poesias como algo pessoal e não resultado de um sentimento governamental que envolvia apenas o Grande Líder, Jang (2012) passou a questionar os únicos poemas que eram liberados ao povo. Em uma das suas indagações, Jang conta sobre os três poemas que todos os norte-coreanos precisavam saber de cor. No primeiro poema, denominado *Para minha única e exclusiva pátria* por Ri Subok, “o autor afirma que, embora tenha uma só vida para viver, ele a sacrificaria em nome da pátria [...], o eu se subordina ao país”. Já no segundo poema, *Mãe*, escrito por Kim-Chul, fala

que “O amor maternal é inadequado em si mesmo e profundamente inferior ao amor professado pelo Partido”, o terceiro, *Minha Pátria*, escrito por Kim Sang-o, ressalta que “a verdadeira pátria do poeta é o Grande Líder, e o país está contido na identidade de seu líder” (JANG, 2012, p. 69).

Jang ao abrir os olhos passou a entender Kim Sang-o de outra forma; o autor havia sido seu professor de poemas.

Nos últimos anos de vida de Kim Sang-o [poeta norte-coreano e antigo patriota], o DFU tentou insistentemente fazê-lo produzir mais literatura oficial, mas ele recusou até o fim, dizendo que sua saúde não lhe permitia. Mas eu imagino que sua escolha de manter o silêncio deve ter sido o seu ato final de consciência e a sua verdade, depois de uma vida de obediência ao Partido dos Trabalhadores. (JANG, 2012, p. 73).

Sang-o ensinou a Jang (2012, p. 73) que “um escritor pode perseguir com insistência seu autor e exigir-lhe prestação de contas até o fim. Ponha mão na sua consciência; diga sua própria verdade. Essa é a única maneira pela qual você poderá ir além daquilo que lhe ensinaram e criar uma literatura que seja realmente sua”. Talvez Jang não entendesse o que seria ter uma literatura própria em um país em que a arte é vista como uma forma de controlar ainda mais a população e fazê-la crer ainda mais no poder que a família Kim possui para que o país se mantenha firme não importa as guerras.

Quando Jang Jin-Sung começou a consumir meios de comunicação sul-coreanos, seus questionamentos acerca das diferenças informacionais despertavam-se cada vez mais. “Chamou a minha atenção que, enquanto a televisão norte-coreana jamais mencionava uma crítica ao sistema, a sul-coreana nunca elogiava seu próprio governo” (JANG, 2012, p. 101). Sendo que, apesar de não direcionarem diretamente sobre a história da Coreia do Norte e seu modo funcional, isso despertou o início de mais buscas acerca de informações que não lhe eram transmitidas. “Quando passei dos jornais sul-coreanos para análises mais detalhadas em publicações especializadas em política, economia, sociedade e cultura em geral, meu desejo de procurar outras versões da verdade só aumentou” (JANG, 2012, p. 101).

Seu despertar pode ser comparado ao de Shin, o norte-coreano que fugiu do Campo 14. Entre os relatos apresentados por Harden (2012) estão as conversas que Shin passou a ter com Park, um dos prisioneiros que relatava sobre sua vida fora das cercas e sem os abusos excessivos dos guardas. Isso causou em Shin um desconforto que o fez deixar de ver sua vida como “naturalizada”.

O espírito de Park [amigo de Shin, conheceu-o ainda no campo 14], sua dignidade e suas informações incendiárias deram ao rapaz algo ao mesmo tempo atraente e

insuportável: um contexto, uma maneira de sonhar com o futuro. De repente, ele compreendeu quem era e o que lhe faltava. O Campo 14 não era mais o seu lar. Era uma jaula abominável. E agora ele tinha um amigo viajado e de ombros largos para ajudá-lo a escapar dali. (HARDEN, 2012, p. 91 [acréscimo nosso]).

Esses relatos demonstram o quanto criar uma ‘realidade’ construída a partir de manipulações de discurso é efetiva. Segundo Fairclough (1985), quanto menos perceptível é a ideologia no discurso, mais forte é o poder de persuasão dela. Consumir as linguagens sem ter uma percepção crítica passa a estruturar uma realidade naturalizada e, se não houver interferência que cause visibilização, o receptor mesmo que não passivo passa apenas a reproduzi-lo. Seja por medo ou por acreditar na credibilidade informativa dos textos (FAIRCLOUGH, 1985).

Jang em vários relatos declara como a Coreia do Norte via a Arte e, principalmente, a literatura como uma forma de criar propagandas acessíveis para a população. Todas as histórias eram legalizadas se venerassem Kim Jong-Il ou Kim Il-sung como centros do universo e como os líderes merecedores de todo o amor, lealdade e santificação.

Não obstante o lema do Departamento da Frente Unida fosse ‘Localização’, os textos estrangeiros sobre Kim Il-sung ou Kim Jong-il tinham as partes sacrílegas riscados por censores”. “Foi isso, mais do que qualquer outra coisa, o que provocou minha curiosidade – se você casualmente acena para uma pessoa com um segredo, ela pode simplesmente ir embora; mas, se você luta com todas as forças para escondê-lo, a curiosidade dela só vai aumentar. (JANG, 2012, p. 102).

Jang também explana como a Coreia do Norte passou a naturalizar discursos que veneravam o Grande Líder, como um ser superior por simplesmente ele ser Kim Jong-Il. “O argumento básico era direto: cabia a mim louvar Kim Jong-Il como o mestre das armas, o paladino da justiça e o Senhor do Povo que só conhecia vitórias” (JANG, 2012, p. 48). Dessa forma, a população vê o seu líder como um ser superior e que não há porque questionar, pois o discurso constrói uma obviedade inquestionável de seu poderio comparado a qualquer outro de sua nação.

Kim Jong Eun foi descrito no diário do partido, Rodong Sinmun, como “o pilar espiritual e o farol de esperança” para os militares e o povo. A agência de notícias estatal observou que o novo líder é “um proeminente pensador e teorista e um comandante brilhante e ímpar” que será uma “fundação sólida para a prosperidade do país”. (HARDEN, 2014, p. 43).

Após conseguir fugir da Coreia do Norte, Jang viu a mídia como alguém que poderia dar voz a sua história e a seus conhecimentos acerca dos funcionamentos de espionagem e, também, de produções forjadas de ‘sul-coreanos’ amantes do regime norte-coreano. “Repórteres não têm nada a ver com espões. No entanto, os que trabalhavam para uma



imprensa livre poderiam estar dispostos a arriscar sua segurança para revelar uma mentira” (JANG, 2012, p. 355).

A exposição de como a Coreia do Norte moldou sua população para se tornar controlável vem de anos utilizando a mídia e outros meios de comunicação como uma arma de aceitabilidade do povo e também de ameaças. Jang (2012), trabalhando no Departamento da Frente Unidade (DFU) percebeu como as escritas eram criadas com o único propósito de reforçar o poder absoluto da família Kim e como os norte-coreanos deveriam ser gratos, pois aqueles que não eram seriam condenados.

Apesar de tantos anos morando na Coreia do Norte, Jang percebeu detalhes sobre a vida dos norte-coreanos que jamais havia percebido. Após conhecer Kim Jong-Il e tornar-se um dos Admitidos (protegidos de Kim Jong-Il), a pobreza da população em comparação a vida soberba do Querido Líder passou a ser citada em diversas páginas transcritas por Jang (2012), além disso passou a ser assustador o amor que a população sentia pela família Kim. Como “Pela primeira vez na vida, a obediência fiel me fez encolher” (JANG, 2012, p. 29), afinal, toda a construção de discurso desenvolvida por anos na Coreia do Norte, tornou-se a sociedade fiel e leal, pois a comunicação transparece o Governo como sendo de credibilidade e comprometimento para com o povo. Tal situação reforça como o acesso a meios informativos é importante para criar imaginários coletivos, pois é comum pensamentos que reforçam que ser infiel a Kim Jong-Il é um ato vergonhoso. “Levo a vida em lealdade ao General não apenas em pensamentos e atos, mas também como obediência cega da minha alma” (JANG, 2012, p. 29).

Como a ACD não procura apenas descrever as estruturas e, sim, procura explicá-las (Rosa e Almeida, 2020), a contextualização das escrituras de Jang Jin-sung (2012) e do livro-reportagem de Harden (2014) em entrevistas com Shin, a Coreia do Norte difundiu em seu plano governamental a posse dos meios de comunicação e dos meios artísticos perpetuando, assim, um centrismo de pensamentos que dificultam críticas e até pensamentos críticos contra o poder. Jang (2012) destaca a guerra psicológica que existia na Coreia do Norte, que fazia com que os norte-coreanos tivessem medo até de pensar a despeito do Querido Líder, pois parecia que de alguma forma o Partido iria descobrir. Para o escritor, o governo regia de forma tão cautelosa que grupos seletos viviam “representando a exclusividade de um mundo que as pessoas comuns nem sequer imaginavam” (JANG, 2012, p. 38).

As declarações das pessoas que viveram na Coreia do Norte, ou conviveram com norte-coreanos, explanam como as bases de controle comunicacional criaram um povo não ignorante, mas sim fiel ao Regime, pois não sabem que vivem um regime. “Em 2009, quando

terminou seu exercício de seis anos como relator, Vítit Muntarbhorn declarou: “A exploração das pessoas comuns [...] tornou-se a perniciosa prerrogativa da elite dominante.” E acrescentou: “A situação dos direitos humanos no país [Coreia do Norte] continua execrável em razão da natureza repressiva da base do poder: ao mesmo tempo enclausurada, controlada e insensível” (HARDEN, 2012, p. 156 [acréscimo nosso]).

Sabe-se no discurso que nenhum receptor é passivo frente ao que é transmitido, portanto, não é correto que estudiosos e mesmo pessoas exteriores a realidade de Choson, julguem seus habitantes como ineptos ou susceptíveis a dominação. Pois, “o poder existe como uma rede que liga todos os organismos sociais – que, no exemplo, explica a ideologia da vantagem individual que sobrepõe o pensamento coletivo e a ignorância dos que são controlados estrategicamente pelos que possuem conhecimento e, conseqüentemente o poder” (PRADO et al, 2011, p. 2). A forma como estruturou-se o governo de Kim Jong-il, e agora o de Kim Jong-un, prova como a família detinha os conhecimentos necessários para unificar os meios e torná-los manipulados para perpetuar o controle e a dominação.

As transmissões eram destinadas a norte-coreanos instruídos, que tinham crescido com uma mídia estatal que venera os poderes e a sabedoria divina da dinastia da família Kim e também adverte que americanos, sul-coreanos e japoneses conspiram para assumir o controle de toda a península coreana. O Campo 14 excluía Shin do circuito da propaganda, e ele ouvia a contrapropaganda do Ocidente com os ouvidos de uma criança — curioso, confuso, por vezes até entediado, mas sempre carecendo de um contexto. (HARDEN, 2012, p. 125).

Como dito anteriormente, Jang (2012) assustou-se em como as poesias estrangeiras descreviam o amor familiar, o amor para com seu par, pois em Choson o único amor difundido era o amor e o culto pelo Querido Líder. Shin também passou pela experiência de entender a diferença entre os conceitos de comunidade e família:

Eu era mais leal aos guardas do que a minha família [relata Shin após entregar seu irmão e sua mãe para os guardas, sendo que eles foram executados em público]. Éramos espões uns dos outros. Sei que se disser a verdade as pessoas vão me condenar. Quem está do lado de fora tem uma compreensão errada do campo. Não são só os soldados que nos surram. Os próprios prisioneiros não são bondosos uns com os outros. Não há nenhum sentido de comunidade. Sou um daqueles prisioneiros malvados. (HARDEN, 2012, p. 47 [acréscimo nosso]).

As discrepâncias de críticas daqueles que detinham mais informações sobre a Coreia do Norte eram claramente evidentes em ambos os livros *Querido Líder* e *Fuga do Campo 14*. Jang relata que seu amigo mais próximo era o professor da Orquestra do governo da Coreia do Norte, trabalhando assim diretamente para o Partido e possuía convicções acerca de como funcionava as ideologias do Líder Supremo: “Quando bebíamos juntos [ele e seu amigo] e sua

máscara caía, ele era capaz de dizer coisas perigosas: “Claro, nosso General é o Sol! Se você chegar muito perto dele, vai morrer queimado, mas, se ficar muito longe morre congelado” (JANG, 2012, p. 106 [acréscimo nosso]).

Já Shin, além de evidenciar como seu amigo Park havia tornado sua realidade ainda mais medíocre, passou a ansiar por mais e não temeu em se arriscar a fugir (HARDEN, 2012, p. 98). Acrescenta que “Perto do fim de sua fala, descreveu como havia se arrastado sobre o corpo em combustão de Park. Seus motivos ao fugir do Campo 14, declarou, não eram nobres. Não estava sequioso de liberdade ou de direitos políticos. Estava simplesmente faminto de carne” (HARDEN, 2014, p. 152).

A análise crítica do discurso vê nos textos um espaço de lutas, que guarda em si diferentes discursos e traços ideológicos; em disputa pelo controle e dominação (WODAK, 2004), resultando assim em uma construção social que leva ao não questionamento das partes. Wodak (2004) relata que o discurso nada vale sem os efeitos do imaginário coletivo, sem o contexto e sem a influência da interdisciplinaridade. Entretanto, se todos esses conceitos forem controlados e estruturados para gerarem um certo comodismo social reforçado pelo medo constante de serem mortos e torturados, a consciência coletiva passa não a ser passiva, mas, sim, condescende. “A literatura desempenha importante papel não só nas artes norte-coreanas como também na estrutura social do país” (JANG, 2012, p. 34), reforçando os dogmas da dinastia Kim.

Jang (2012) comenta que o desconhecimento da população passava despercebido, ela tornava-se mais preocupada com a vida pessoal de Kim Jong-il, como se ele fosse um membro importante da família, alguém que merecia tratamento especial e até lamentavam pela vida “miserável” que ele apresentava para todos; como se estivesse se sacrificando em prol da sociedade e de todos os norte-coreanos. Era assim que todos pareciam demonstrar: “Fiquei perplexo ao ver que eles se preocupavam mais com o bem-estar de seu líder do que consigo mesmos” (JANG, 2012, p. 86).

Além do próprio histórico social, existia o reforço provindo do medo e das construções comunicativas manipuladas, que instigavam ainda mais o dever do povo em venerar Kim Jong-II e Kim Il-sung, a ditadura que idealiza o senso de que a Coreia do Norte é um país sortudo, cujo o líder era um ser divino e generoso o que corrobora a falácia que é difundida nos meios comunicativos acessíveis aos norte-coreanos.

[A música] Os bolinhos de arroz do General era tocada incessantemente na televisão. De acordo com a letra, o Querido Líder estava viajando centenas de quilômetros pelo país todos os dias para dar apoio a seu povo, alimentado apenas com uma bolinha de arroz. Antes da Árdua Marcha, a televisão só mostrava nosso

líder sorrindo, já que ele estava nos conduzindo para a vitória socialista. As pessoas começavam a chorar espontaneamente, sem controle e em massa, quando viam pela primeira vez as lágrimas do divino Querido Líder na televisão. (JANG, 2012, p. 30 [acréscimo nosso]).

E mesmo que a Coreia do Norte passe a ser extremamente restrita aos acessos, a realidade acaba tornando-se comparada aos mitos e lendas. Mesmo que as palavras sejam utilizadas para reforçar que certa informação se torne verdade, nem por isso ela passa a ser. Algo que Jang (2012) relata ao conhecer o verdadeiro Kim Jong-il que fora descrito em diversos livros lidos, que era rotineiramente visto na televisão e sempre estudado em sala de aula. E, relatou sua indignação “diante de um velho que nada lembra a imagem que se tem do Líder do Povo” (JANG, 2012, p. 24). Também complementa em como passou a comparar institivamente em como sua realidade escolar contorcia os fatos reais sobre Kim Jong-II: “Sempre achei que ele era divino, que nem precisava usar o banheiro. É o que nos ensinavam na escola e o que o Partido dizia: a vida do nosso General é uma série contínua de milagres abençoados que não pode ser comparada nem mesmo a todas as nossas vidas mortais juntas”.

A realidade de Shin nos campos de concentração promovia uma experiência distinta, mesmo que reforçasse o discurso de como Kim Jong-II era generoso por ainda permitir a vida dos prisioneiros. Não era ensinado o que comumente aparecia nas escolas norte-coreanas, como Harden (2014) mesmo afirma.

Nunca lhe ensinaram o que todo norte-coreano que frequenta a escola aprende: os americanos são “canalhas” que conspiram para invadir e humilhar a pátria. A Coreia do Sul é a “puta” de seu patrão americano. A Coreia do Norte é um país grandioso cujos líderes corajosos e brilhantes são a inveja do mundo. Na verdade, ele ignorava a existência da Coreia do Sul, da China ou dos Estados Unidos. Ao contrário de seus compatriotas, Shin não cresceu com a onipresente fotografia do Querido Líder, como Kim Jong Il era chamado. Nem tinha visto fotografias ou estátuas do pai de Kim, Kim Il Sung, o Grande Líder que fundou a Coreia do Norte e que continua a ser o Eterno Presidente do país, apesar de sua morte em 1994. Embora não fosse suficientemente importante para merecer uma lavagem cerebral, Shin fora instruído a delatar seus familiares e os colegas de turma. Ganhava comida como recompensa e juntava-se aos guardas para surrar as crianças que traía. Seus colegas de turma, por sua vez, mexericavam sobre ele e o surravam. (HARDEN, 2014, p. 11).

Os prisioneiros normalmente eram castigados por não obedecer às demandas estabelecidas pela Dinastia Kim, então era como se Shin ou qualquer outro prisioneiro do campo de concentração “não fosse suficientemente importante para merecer uma lavagem cerebral” (HARDEN, 2014, p.12).

Os guardas de Shin, no campo, eram seus mestres — e seus criadores. Foram eles que selecionaram sua mãe e seu pai. Ensinaram-lhe que os prisioneiros que infringiam as regras mereciam a morte. Numa encosta perto de sua escola, estava afixado um lema: TUDO DE ACORDO COM AS REGRAS E OS REGULAMENTOS. O menino memorizou as dez regras do campo, “Os Dez

Mandamentos”, como mais tarde os chamaria, e ainda é capaz de recitá-los de cor. O primeiro dizia: “Qualquer pessoa pega fugindo será imediatamente fuzilada”. (HARDEN, 2014, p. 12, grifo no original).

Mesmo que sua educação escolar não tivesse o papel de constantemente reforçar o valor de Kim Jong-il, o campo fazia com que a mentalidade de qualquer um que lá vivia tornar-se distorcida de uma realidade em que o sentido de família existisse. Existia o medo acima da manipulação. A violência era tão comum que Shin não sentia nenhum tipo de aflição com o sofrimento alheio (HARDEN, 2014).

No campo, quando seu professor matou uma colega de classe de seis anos a pancadas por ter cinco grãos de milho no bolso, confessou ele à congregação, “isso não me pareceu nada demais”. — Eu não sabia o que eram compaixão ou tristeza — disse. — Eles nos educavam desde o nascimento para que não fôssemos capazes de emoções humanas normais. Agora que saí de lá, estou aprendendo a me emocionar. Aprendi a chorar. Tenho a impressão de que estou me tornando humano. (HARDEN, 2012, p. 152).

E, sabe-se que a Coreia do Norte sempre respeitou a educação visto que Kim Jong-ul estudou no exterior, mesmo que isso fosse proibido a qualquer outro norte-coreano (HARDEN, 2014).

Ele frequentou uma escola de língua alemã em Leibefeld, na Suíça, onde jogava como armador no time de basquete e passava horas fazendo desenhos a lápis do grande Michael Jordan do Chicago Bulls. Retornou a Pyongyang aos 17 anos para frequentar a Universidade Kim Il Sung. Pouco se sabe sobre o que ele estudou. (HARDEN, 2012, p. 43).

Shin reforçou como sua interpretação sobre a vida e os acontecimentos eram muito diferentes, ele não sentia vergonha do que fazia antes de entender como era o mundo exterior e como a realidade na Coreia do Norte funcionava. O imaginário coletivo de outras comunidades horrorizava muitas atitudes que Shin cometera, mas o entendimento dele fazia com que não houvesse o mesmo tipo de compreensão. A sua realidade estimulava uma constante competição por sobreviver, não importando os meios para isso.

Shin relatou a Blaine Harden (2012) que não possuía esperanças em ser perdoado, sabia que sua vida era diferente, suas perspectivas e significados moldaram-se de uma forma muito peculiar se comparada a outras pessoas do “mundo exterior”. Porém, ele sentia uma culpa dentro de si, apesar de toda a sua “desumanização”. Ele “Querida explicar — de uma maneira que, reconhecia, iria prejudicar sua credibilidade como testemunha — como o campo havia deformado seu caráter. Disse que, se quem vive do lado de fora pudesse compreender o que os campos de prisioneiros políticos fizeram — e estão fazendo — com as crianças

nascidas do lado de dentro da cerca, isso redimiria sua mentira e sua vida” (HARDEN, 2012, p. 46).

“Eu era mais leal aos guardas do que a minha família. Éramos espiões uns dos outros. Sei que se disser a verdade as pessoas vão me condenar. Quem está do lado de fora tem uma compreensão errada do campo. Não são só os soldados que nos surram. Os próprios prisioneiros não são bondosos uns com os outros. Não há nenhum sentido de comunidade. Sou um daqueles prisioneiros malvados.” (HARDEN, 2012, p. 46).

Van Dijk (apud ALMEIDA e ROSA, 2020) teorizou que o contexto social é responsável pelos sentidos dentro do discurso e, portanto, uma pessoa alheia à cultura social compreenderá de forma diferente os signos presentes em uma fala ou qualquer tipo de ação.

Entregar sua mãe e seu irmão aos guardas não foi no momento uma atitude controversa para Shin, pois sua noção de sobrevivência significava ter a confiança dos soldados e a fuga dos dois implicaria em uma perseguição dos mesmos por respostas que ele não teria (HARDEN, 2012), discursos tão comuns e significativos eram atípicos para com a realidade de prisioneiros norte-coreanos. O escritor Jang (2014) também descreve como as interpretações literárias modificaram sua forma de interpretar, tornando-se mais crítico a cenas que anteriormente pareciam-lhe comuns.

Existiam na Coreia do Norte os dois contrapontos: as pessoas viviam sobre uma repressão totalitária (HARDEN, 2012), porém outros eram instigados a uma alienação social que resultava em uma interpretação da realidade muito distorcida. Não era só uma forma de exploração, mas também uma forma de ocultar como o Estado era falido (HARDEN, 2012).

Meu problema para mostrar o que o governo fazia era a falta de acesso. Em outras partes do mundo, Estados repressivos nem sempre conseguiam vedar suas fronteiras. Pude trabalhar abertamente na Etiópia de Mengistu, no Congo de Mobutu e na Sérvia de Milosevic, e entrei disfarçado de turista em Mianmar para escrever sobre o país. A Coreia do Norte era muito mais cautelosa. Repórteres estrangeiros, em especial americanos, raramente eram admitidos. Visitei-a apenas uma vez, vi o que meus acompanhantes queriam que eu visse e pouco aprendi. Se entrassem ilegalmente, os jornalistas corriam o risco de passar meses na prisão, como espiões. Para ganhar a liberdade, precisavam por vezes da ajuda de um ex-presidente americano. Dadas essas restrições, os relatos sobre o país eram, em sua maior parte, distantes e ociosos. Escritas de Seul, Tóquio ou Pequim, as reportagens começavam com um relato da última provocação de Pyongyang, como afundar um navio ou fuzilar um turista. Depois as enfiadonhas convenções do jornalismo entravam em jogo: autoridades americanas e sul-coreanas expressavam indignação. Autoridades chinesas exigiam moderação. Especialistas opinavam sobre o que isso poderia significar. Excedi minha cota desse tipo de matéria. (HARDEN, 2012, p. 19).

Shin destacou como foi persuadido a não possuir sentimentos como as pessoas normais. “Amor, misericórdia e família eram palavras sem significado. Deus não desapareceu ou morreu. Shin nunca ouvira falar dele” (HARDEN, 2012, p. 16). Assim como Jang (2014)

relatara em trechos de seu livro, no qual indagou em como pessoas do “mundo exterior” recriavam o amor, tanto na literatura como nas músicas. O único amor existente era o amor de Kim Jong-il e de Kim Il-sung pelo povo norte-coreano. Van Dijk (apud ROSA e ALMEIDA, 2020) estudou como as relações de poder influenciam os ideais de dominação e poder, principalmente quando o contexto social reforça a soberania de um grupo específico. Os meios comunicativos da Coreia do Norte são uma das maiores provas de como o domínio do meio informativo resulta em um contexto social no qual os dominados nem sabem o significado de dominação.

O *Kimilsungismo* tornou-se um discurso que naturaliza as posses de poder, tornando as pessoas à mercê do desconhecimento, medo e, acima de tudo, desinformadas. A propaganda governamental é sempre ocultada como um produto jornalístico e inquestionável. Como relata Jang (2012), Kim Jong-il valorizava as produções artísticas não por amar as poesias e as músicas, mas sim por saber como esses meios possuíam grande poder de persuasão, serem baratos e facilmente divulgados e compartilhados.

Jong-il descendia de um amor por poesia, influenciava escritores a venerarem em palavras o amor de seu pai e o dele pela pátria. A população compadecia de uma realidade na qual os modelos abordavam de maneira condicionada uma adoração inquestionável ao Juche (SCAFUTO, 2012). Indo ao encontro do que Wodak (2004, p. 237) declara, pois, a linguagem não constitui um poder por si só, são os agentes que detém dela que moldam esse poderio, principalmente, quando a dominação passa a ser exercida por um grupo que possui os mesmos objetivos.

A poesia tornou-se a moda literária. Isso se devia não apenas à preferência de Kim Jong-il pela forma poética. O fenômeno foi reforçado, se não desencadeado, pela escassez de papel decorrente do colapso da economia norte-coreana, quando as pessoas lutavam para sobreviver. Numa época em que não havia papel nem mesmo para a impressão de livros escolares, pouca gente tinha condições de comprar um romance. Já com a poesia, os indispensáveis dogmas da lealdade à dinastia Kim podiam ser destilados em toda a sua potência numa única página de jornal. Esse foi o motivo pelo qual a poesia surgiu como veículo literário dominante, por meio do qual Kim Jong-il exercia sua ditadura cultural. (JANG, 2014, p. 35).

Van Dijk (apud SCAFUTO, 2012) relaciona os problemas sociais e políticos às questões de poder e dominação de um grupo, fato evidenciado nas escritas de Jang (2012) e de Blaine (2014) ao relatar a história de Shin com esmero e, acima de tudo, com humanidade. As relações de poder da Coreia do Norte impõem que a minoria assuma responsabilidade de controle do grupo maior, enquanto uma família apenas possui todo o controle e dominação comunicativa. Por conseguinte, o totalitarismo sem ser questionado por seus atos se torna preservado por anos gerando um imaginário coletivo ainda mais ludibriado. Ao dominar a

comunicação, principalmente a artística e a jornalística, a dinastia Kim tornou a imaginação da população em partes inexpressível e sem discernimento.

Apesar das crises que assolavam a Coreia do Norte na década de 1990 e também no século XXI, “A dinastia da família Kim mantinha a situação sob controle. A repressão totalitária preservava seu Estado falido” (HARDEN, 2012, p.19). A população desconhecia a situação do restante do mundo, o que causava comoção entre os habitantes que viam no Grande Líder um herói que se esforçava para dar o melhor ao seu povo e não como um ditador que assassinava o próprio povo em prol do poder. A dominação estruturada criou uma interação social limitada. Para Rosa e Almeida (2020), a condição para se existir uma interação social é o entendimento mútuo. Portanto, não é simplesmente assumindo a posição de transmissor que a realidade norte-coreana se modificaria e os norte-coreanos perceberiam um novo “estilo” de vida no qual Kim Il-sung e seus familiares passariam a serem desmascarados. Jang (2014) relatou como ver Kim Jong-il fora decepcionante, porém não obteve estímulos de expor seus pensamentos as outras pessoas, apenas fortificou o imaginário coletivo em como o Querido Líder era “divino” (JANG, 2014, p. 28).

Compreende-se que os norte-coreanos não são indivíduos sem subjetividade, assim como toda a criação do discurso não é totalmente vedada e interpretada da mesma forma. Walsh (2011, p. 13) declara que “Temos visto, então, que o discurso nas correntes teóricas estudadas [...] não é autônomo, é materialidade simbólica da ideologia e se materializa na língua. As diferenças entre as perspectivas se dão na relação entre discurso e sujeito e na relação discurso e social (historicidade)”. Apesar do distanciamento comportamental, dos diferentes acessos informativos e interatividade social, Jang (2014) e Shin (HARDEN, 2012) construíram uma narrativa que firma em como a alienação é mais do que apenas receber informações governamentais acessíveis, mas também uma questão de sobrevivência.

As diferenças sociais na Coreia do Norte eram designadas dependendo do sangue da família da qual o norte-coreano provinha. Como Harden (2012) relata em seu livro-reportagem, tudo dependia exclusivamente de como o Governo interpretava sua linhagem. E, a partir de indicações, funções e construções de mapas mentais são estruturados. Shin passou sua vida escolar sendo instigado a não ter sentimentos e a trabalhar em prol de sua sobrevivência (HARDEN, 2012), já Jang (2014) descendia de uma família privilegiada com livros nas estantes e comida nos armários. As diferentes criações de signos e significados moldaram contextos que estruturam interpretações. Essas que resultaram em ambos interessados em fugir do país, apesar das diferenças. Um trabalhava para o Partido, era um dos Admitidos de Kim Jong-il e espião com acessos limitados a informações governamentais



e, principalmente, ganhava bolsas alimentícias e não sabia como era passar fome (JANG, 2014). O outro, sabia como era passar horas sendo torturado, passando fome e sendo castigado devido aos ‘crimes’ de seus pais (HARDEN, 2012).

Portanto, sabe-se que o Governo se importava com suas qualidades, seus talentos e suas ambições, definindo cada indivíduo para funções praticamente imutáveis. Aqueles que se destacavam exerceriam papéis focalizados em prol do crescimento do Estado e da fortificação da imagem de Kim. Porém, o mais importante para se estruturar dentro das castas sociais da Coreia do Norte é o histórico familiar, pois esse é um fato que influencia as decisões que o Partido teria sobre a vida de outrem (HARDEN, 2014).

Shin tem mais ou menos a mesma idade que Kim Jong Eun, o gordo terceiro filho de Kim Jong Il que assumiu o comando depois da morte de seu pai em 2011. Como contemporâneos, os dois personificam os antípodas de privilégio e privação na Coreia do Norte, uma sociedade pretensamente sem classes onde, na realidade, a criação e a linhagem determinam tudo. Kim Jong Eun nasceu como um príncipe comunista e foi criado atrás das paredes de palácios. Foi educado sob um nome falso na Suíça e, de volta à Coreia do Norte, estudou numa universidade de elite que tem o nome de seu avô. Graças a sua estirpe, vive acima da lei. Para ele, tudo é possível. Em 2010, foi nomeado general de quatro estrelas do Exército do Povo Coreano, apesar da completa falta de experiência de campo nas forças armadas. Um ano depois, após a morte de seu pai, vitimado por um súbito ataque cardíaco, os meios de comunicação da Coreia do Norte o descreviam como “outro líder vindo do céu”. Porém, ele talvez seja obrigado a compartilhar sua ditadura terrena com parentes e autoridades militares. (HARDEN, 2012, p. 15).

Como explica Jang (2014), na sociedade norte-coreana transparece seu sistema dividido em castas sociais alimentada pelas funções que esses exerciam para o governo. Soldados possuíam privilégios que outro cidadão jamais teria, mas obviamente os Admitidos possuíam ainda mais vantagens entre o meio, principalmente com as bolsas refeições que ganhavam. Ele ressalta em como, diferente de outros norte-coreanos foragidos, os chineses ficavam assustados em saber que eles eram norte-coreanos. A pele, a aparência, pois, Jang e seu amigo eram limpos, não eram magros e não possuíam marcas de Sol, possuíam dinheiro e acima de tudo, possuíam conhecimentos que outras pessoas jamais imaginariam que os norte-coreanos poderiam conhecer. Jang comentou em uma das situações na qual fora visitar um karaokê chinês, algo que ele já havia visitado na Coreia do Norte, porém ele sabia que isso era uma distinção da grande população de seu país. “Contudo, em um país em que milhões estavam abaixo da linha da fome, o karaokê, como a água quente, eram um luxo” (JANG, 2014, p. 196). Outro fato interessante eram as músicas que estavam no repertório do bar; na Coreia do Norte todas as músicas eram aprovadas pelo Estado, nada que não fosse governamental poderia ser reproduzido.

Em um país que as artes são explicitamente políticas, não havia muitas músicas para escolher. Sempre que Young-min e eu íamos a um bar de karaokê em Pyongyang, cantávamos ‘Orvalho do Amanhã’ repetidamente. A música era da Coreia do Sul, um dos hinos do movimento democrático daquele país que se rebelou contra a ditadura militar na década de 1970. Mas o partido editou a letra de modo a sugerir que os sul-coreanos veem Kim Il-sung como a força que unificará a península coreana, razão pela qual a música foi liberada para uso em bares de karaokê. (JANG, 2014, p. 196).

A Análise Crítica do Discurso, em suma, estuda as formas de repreensão ocultas e, às vezes, de forma tão implícita que passa por vislumbrar certos modos de discursos naturalizados (FAIRCLOUGH, 1991). Porém, em *Querido Líder* (JANG, 2014) as situações documentadas claramente demonstram o controle social fortificado pela censura e manipulação por meio das quais quem possui mais poderes conhece uma realidade além da construída pelo Partido. Jang (2014) reconhece como a sociedade norte-coreana fora estruturada tão friamente por Kim Jong-il, como as informações governamentais fortificaram o apoio e, principalmente, para que a população o venerasse acima de qualquer problema social que pudesse existir, como a fome e a extrema pobreza.

O controle governamental passou a exercer poder sobre a própria língua, como Jang (2014) relata, na Coreia do Norte, o dialeto se divide em dois: a população e o Líder. “Em vez de sutilezas que distinguem diversas situações, há somente duas categorias: a de quem manda e de quem obedece. Em uma situação como a nossa, a pessoa mais importante diria apenas ‘Espere!’, e a outra obedeceria” (JANG, 2014, p. 190). Uma diferença entre a linguagem sul-coreana, onde são empregadas três formas diferentes de cortesia, na Coreia do Norte existe além dos dois tratamentos que segregam os mais poderosos dos mais desprovidos, há o tratamento apenas que reverência o Querido Líder (JANG, 2014). Esse por sua vez, não pode ser utilizado para mais ninguém, sendo exclusivo para demonstrar o poder dele sobre a linguagem e sobre a população. “Por exemplo, diz-se que uma pessoa ‘fez’ alguma coisa (*ha-da*), mas que o Líder Supremo ‘realmente fez’ alguma coisa (*ha-siut-da*)” (JANG, 2014, p. 190).

No português, o realmente é uma palavra utilizada para dar ênfase. Em torno disso, ao implicar a palavra de forma a ser destinada a apenas uma pessoa, assim como na Coreia do Norte, as ações do indivíduo são hipervalorizadas. A vista disso, a fala impõe credibilidade, poder e confiança, pois ele não apenas fez, mas realmente fez alguma coisa. Sendo que todas as atitudes e ações da família Kim são sempre expostas como perfeitas, boas e humanitárias, em prol do bem maior da Coreia do Norte e sua população. Esse fato é explícito nos trechos em que Jang (2014) descreve como a linguagem norte-coreana modificou-se para fortalecer ainda mais o controle social do Partido e da Dinastia.

Uma segregação linguística que não era presente apenas na vida cotidiana, mas em todas as formas linguísticas e de linguagem na Coreia do Norte. Essa era uma forma de empoderamento da Dinastia Kim, resultando em uma maior credibilidade em torno de todo o discurso. Outrossim, como relata Scafuto (2012), Philipp Wegener (1848-1916) relata que a interface cognitiva das situações e dos usos da linguagem e de ações linguísticas justificaria o fato de as nossas opiniões e percepções das situações que se desenrolaram nos indivíduos sofram e sofrem distorções.

Seguindo a linha de raciocínio, Van Dijk importou-se em focalizar-se no contexto nos estudos de linguagem e como as diferenças dos contextos globais versus local modificam as interpretações de um caso. Além de abordar como os esquemas de contexto junto ao eu mesmo formula restrições de admitir informações, de não haver um processo verdadeiramente crítico sem inserir um contexto cultural, social levando em contraponto história, informações acessíveis e não tornar o receptor ‘vazio’ (SCAFUTO, 2012).

Portanto, o papel dos contextos sociais e culturais se torna uma crença exploratória, definindo posses de poder e alusões de dominação (ROSA e ALMEIDA, 2020). Jang (2012) descreve como seu trabalho era escrever como um sul-coreano, fora nomeado com um nome sul-coreano e possuía acesso (mesmo que limitado) a informações sul-coreanas, criando um contexto diferente da maioria dos habitantes norte-coreanos, tornando-o dominante ao acesso informativo afim de dominar aqueles que não possuíam as mesmas chances comunicativas.

Como sabe-se, a ACD expõe e expande debates à identidade nacional e auto identidade (ROSA e ALMEIDA, 2020). O que retorna a temática de que existe uma interação social e uma análise de contexto e linguagem em que um norte-coreano aprendeu a escrever como um sul-coreano (JANG, 2012) e que como um poema romântico tornou-se uma das principais incógnitas em sua vida em que o único amor descrito em livros didáticos e acessíveis na infância era o amor de Kim Il-sung pelo povo e país norte-coreano.

A mudança de entonação linguística, toda a crença envolvida em torno da veneração da família Kim nas produções norte-coreanas reflete em perspectiva deturpada. Consequente do poder da dominação durante o desenvolvimento e recepção do discurso que é visto como uma prática social e é compreendido como uma ação sobre o mundo e a sociedade (ROSA e ALMEIDA, 2020). Não se pode descrever as estruturas do discurso meramente, pois o principal objetivo da Análise Crítica do Discurso é procurar explicá-las em termos das propriedades da interação social e, principalmente, conectando-as as estruturas sociais. Ao tornar a Coreia do Norte e sua representação social os objetos empíricos, a sociedade norte-

coreana passa a ser a consequência das ações do país em estabelecer uma dominação sob censura e, claro, sob o excesso de publicidade da Dinastia Kim o único meio informativo.

A ACD estabelece níveis micro e macro de ordem social, e o poder e a desigualdade estão relacionados ao macronível (VAN DIJK, 2008), vale ressaltar a importância de uma análise em que duas camadas diferentes passem a explicar como ambos recebem a informação, interpretam a realidade em que vivem e, acima de tudo, o que fez eles enxergarem para além da repreensão, dos segredos, da fidelidade e do amor cego ao Líder. Jang (2014) ressalta que se via diariamente em um dilema ao investigar a vida de Kim Jong-il ao mesmo tempo em que escrevia poemas pró Governo norte-coreano fingindo ser um escritor sul-coreano. Enquanto que Shin (HARDEN, 2012) relatava ao jornalista os abusos que sofreu e o ódio que sempre sentiu pelo Governo, afinal, suas aulas não lhe ensinavam respeito ao Líder, mas sim agradecimento pelo perdão que recebera ao ir para um campo de concentração com trabalho forçado e violência extrema. Seus contextos de vida são diferentes, porém ambos viviam em um país onde ser contra o partido não é uma escolha, mas sim uma condenação.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) afirmava que o homem era bom, mas a sociedade o corrompe. Se considerar a linguagem e meio comunicacional na Coreia do Norte como sendo o homem e o discurso controlado pelo Partido a sociedade, pode-se presumir uma alusão ao modo que o país passou a corromper sua linguagem para que fosse facilmente consumida como um poder para ludibriar as massas e persuadi-las a entender um discurso unilateral como verdade absoluta.

Jang (2014) demonstra como sua visão ideológica em torno da Coreia do Norte era genuína; segundo ele, conversar com sul-coreanos mudou sua mentalidade acerca disso. Ao ser tratado por Shin, um sobrinho do chinês que o ajudou, com a terminação *yo* (tratamento mais comum linguístico de respeito adotado na Coreia do Sul), para ele, naquela época, pouco tempo depois de fugir do seu país, foi uma demonstração significativa de respeito (JANG, 2014, p. 191).

Já Shin (in HARDEN, 2012), ao se deparar com o mundo exterior, com o acesso informativo acerca de seu país, passou a comparar as realidades de muitos norte-coreanos a da Alemanha Nazista, pois Kim Jong-il e Kim Il-sung exploravam e assassinavam sua população sem nenhum ressentimento.

Tal como os campos de concentração na Alemanha nazista, os campos de trabalhos forçados da Coreia do Norte usam o confinamento, a fome e o medo para criar uma espécie de caixa de Skinner, uma câmara fechada e rigorosamente regulada em que guardas se arrogam controle absoluto sobre os prisioneiros.<sup>4</sup> No entanto, enquanto

Auschwitz existiu por apenas três anos, o Campo 14 é uma caixa de Skinner com mais de cinquenta anos, um experimento longitudinal ainda em curso sobre repressão e controle mental, em que guardas criam prisioneiros a quem controlam, isolam e jogam uns contra os outros desde o nascimento. (HARDEN, 2012, p. 91)

As consequências de uma realidade cuja maior preocupação era a sobrevivência e o controle sobre a fome, estimularam Shin a moldar seus pensamentos e características de forma diferente do restante do mundo. A ACD compartilha nos estudos que o contexto social influencia na culturalização mental e, assim, no imaginário individualizado (VAN DIJK, 2010). Fato exposto em trechos da *Fuga do Campo 14*: “A adaptação de Shin [...] à vida fora do Campo 14 tem sido vacilante. ‘Estou evoluindo, deixando de ser um animal’, diz ele. ‘Às vezes tento rir e chorar como as outras pessoas, só para ver se sinto alguma coisa” (HARDEN, 2012, p. 153).

Sabe-se que na Coreia acontecimentos são assim, principalmente, devido aos discursos compartilhados no país envolverem a ideologia *Juche* e, principalmente, o *Kimilsungismo*. Essas ideologias pregam o amor incondicional ao Líder e respeito único e exclusivo a ele. As lágrimas do Líder são genuínas e milagrosas assim como suas ações são ‘realmente’ ações na linguagem norte-coreana (JANG, 2014). Lógicas assim institucionalizam ainda mais as percepções em torno dos mapas mentais, além das próprias criações de contextos singulares a cada norte-coreano.

Van Dijk (deSOUZA, 2015, p. 425) rotula a ideologia como uma abordagem não sociológica e nem filosófica, pois, para ele, é um domínio de estudo cognitivo social em torno da psicologia. Portanto, seguindo essa linha de raciocínio, as ideologias são evidenciadas por sistemas básicos e simples que estimulam as representações sociais nas mentes dos membros de um grupo social. Isso significa, então, que a ideologia exerce uma função como um objetivo social político agregado a interesses de grupos e instituições. Essa perspectiva compreende como a Coreia do Norte passou a naturalizar a ideologia como um meio de persuasão para assim satisfazer seus interesses e seu objetivo social.

A teoria da ideologia dentro da ideologia do discurso possui estudos principalmente acerca de relações de poder forjada nos discursos políticos. É possível, nesses estudos, certificar algumas características que instituem essa teoria. São essas a: “(1) a antropológica; (2) a política; (3) a social; (4) a religiosa, (5) a histórica e (6) a semiótico-discursiva” (deSOUZA, 2015, p. 426).

Entre as principais divisões dentre o povo norte-coreano estão: os que trabalham para o governo, os que não trabalham, os prisioneiros, os prisioneiros políticos, a Família Kim e o Líder. Cada grupo – e os indivíduos dentre deles – possui diferentes interpretações acerca de

como é a realidade do país. Assim como Jang (2014) e Shin (HARDEN, 2012) passaram a rotular as ações do Partido, do Querido Líder e do Departamento de Propaganda devido as suas vivências. Assim, destacamos como habitantes de um mesmo país, mesmo controlado e censurado diariamente, passam a executar ações que vitimizam e instigam a população.

A vista disso, pode-se perceber, claramente, a percepção de Shin após fugir da Coreia do Norte. Sua realidade passou a ser vista de forma mais abusiva, hedionda e cruel. Apesar de ele saber que existia algo melhor, era difícil imaginar sem existir muitos recursos para isso (HARDEN, 2012). Como descrito por Harden (2012), Shin não poupava esforços em declarar em como os campos são crimes contra a humanidade e a liberdade que tanto é defendida nos direitos humanos básicos.

Shin andou até a frente da igreja e assumiu o comando da noite. Sem anotações, sem um só indício de nervosismo, falou sem parar durante uma hora. Começou aguilhoando sua plateia de imigrantes coreanos e seus filhos adultos criados nos Estados Unidos, com a afirmação de que Kim Jong Il era pior do que Hitler. Enquanto Hitler atacava seus inimigos, disse, Kim obrigava seu próprio povo a morrer de tanto trabalhar em lugares como o Campo 14. Tendo arrebatado a atenção da congregação, Shin apresentou-se então como um predador que havia sido criado no campo para delatar familiares e amigos — e não sentir nenhum remorso. (HARDEN, 2012, p. 151)

Outro fato importante era que os pais Shin não lhe davam amor, mas a naturalização de uma realidade tão desestruturada e desumana fez com que ele se tornasse insensível as coisas que lhe eram oferecidas. Porém, existia a ganância e o ciúmes, de uma forma tão singela que jamais outras pessoas afora da realidade e da cultura norte-coreana seriam capazes de entender. Quando Shin fora a cabana de sua mãe irritou-se em como sua mãe dava as poucas regalias que possuíam ao seu irmão; sua mãe cozinhou arroz, porém fora servido a Shin apenas uma rala sopa de milho, “o mesmo mingau insípido que comera todos os dias de sua vida” (HARDEN, 2014, p. 47). Quem iria ser servido de arroz era o irmão. Para compreender melhor é necessário contextualizar o valor e a relevância que o arroz possui na Coreia do Norte, principalmente em um campo de concentração. “Ele [o arroz] significa riqueza, evoca a união de uma família e santifica uma refeição apropriada. Os prisioneiros nos campos de trabalhos forçados quase nunca o comem, e sua ausência é um lembrete diário da normalidade que jamais podem ter” (HARDEN, 2012, p. 47).

Melo (2005) explica como a economia e as mudanças acerca das representações econômicas são uma forma, em parte, legitimadora de fomento das ordens sociais. Além disso, o pesquisador ressalta como isso é explicitamente uma questão de ideologia. Ao encontro disso, a recontextualização necessita de uma transformação social para se adequar ao nosso contexto e discurso. Os textos que possuem discursos diferentes daqueles antigamente

compartilhados tornam-se estranhos e complexos, pois é como se os discursos presentes fossem “domesticados”. Quando os textos são comuns, os discursos passam despercebidos devido a naturalização desses, ou seja, passa-se a perceber como se o contexto daquelas informações consumidas fosse inato.

As diferenças sociais se dão pelas diferenças de controle do discurso e das estruturas linguísticas. Aquele que deter do controle, estrutura o discurso ao seu favor (WODAK, 2004). As estruturas linguísticas são usadas e submetidas a manipulações que estabelecem poder a um pequeno grupo (WODAK, 2004), nesse caso a Família Kim. Assim, a linguagem torna-se um meio de persuasão, principalmente, porque o controle social é oculto, não demonstrando a dominação das minorias sobre as maiorias.

Como a linguagem na ACD é vista como um fenômeno social, ela não envolve só indivíduos, mas, também, instituições e grupos sociais que estabelecem significados e valores específicos. Assim, são expressos de forma sistemática dominações e relações de poder por meio da linguagem. Os textos são unidades relevantes da linguagem e da comunicação, sendo que os seus receptores não são passíveis, pois os ouvintes não são vasos vazios quando se relacionam com o texto (WODAK, 2004). Segundo Kress (1989), há similaridades entre a linguagem da ciência e a linguagem das instituições e assim por diante. Ao conferir poder a instituições nacionais, como na Coreia do Norte, a dominação concentra-se em moldar uma interpretação na qual o objetivo é a submissão desses para com o Governo e suas escolhas. A exemplo disso, além das constantes ameaças do exército sobre a população, a ditadura cultural é uma forma de dominação que, para muitos, passa-se despercebida como forma de propaganda e controle explícitos.

A ACD se relaciona com a cultura e com a natureza discursiva ligada as diferenças e mudanças sociais (FAIRCLOUGH, 1989). Assim, percebe-se a complexibilidade entre estudar o contexto e o discurso norte-coreanos, visto que a realidade de muitos ocidentais está longe de se envolver com o contexto norte-coreano. Afinal, a Coreia do Norte é descrita como um país excêntrico no qual o Líder é controlador, ditador e insólito, tornando a interpretação muitas vezes superficial.

O sistema do *kimilsungismo* adorna um conjunto de ações governamentais que fomentam a veneração e apreço pela imagem de Kim Il-sung (JANG, 2014), porém os planos e objetivos dessa ideologia são manter a Dinastia Kim no poder e no controle social. O amor passa a ser um norte de obediência e fidelidade, era como se questionar estivesse fora de questão, pois seria desrespeito a toda a criação e luta de Kim Il-sung pela população (JANG, 2014). Evidencia-se, assim, o poder de dominação do discurso de Kim Il-sung e seu filho,

Kim Jong-il, perante a população que se sentia pressionada até em pensar contra as atitudes do Governo.

A ACD “envolve um processo complexo de preposições, formuladas de um modo controlado pelo texto” (SCAFUTO, 2012, p. 152). As dimensões de discurso são condicionadas por modelos do contexto e, também, enunciados e adaptados à situação social. Essas dimensões possuem propriedades textuais que precisam ser consideradas. Ao unir acontecimentos históricos com as escritas das vivências culturais de Jang e Shin, é possível assimilar as realidades moldadas por discursos tão comuns que passam a ser inquestionáveis. Assim, é mais fácil reprimir quem é contra do que questionar quem é tão a favor.

Como é um dever da ACD transformar modelos de contexto em modelos reflexivos, explorando as indagações sobre a realidade e o acesso informativo. É necessário reconhecer como os modelos mentais controlam as interpretações e análises das pessoas (SCAFUTO, 2012), portanto os norte-coreanos não se tornam indivíduos ignorantes, mas alienados devido às informações compartilhadas pela comunidade. Ressaltando, que a alienação é configurada como o não entendimento real daquilo que se vive. Como os norte-coreanos não são submissos, a indagação do contexto das situações pode existir, mas existe outro problema: a repreensão física.

Foucault (1999) via o homem como um ser imerso ao campo político, pois as relações diárias possuem um poder de alcance imediato sobre ele. Ele esclarece que esse campo marca, instiga, investe, suplica, sujeitam o corpo ao trabalho, obrigando-o a servir, ir em cerimônias e exigem sinais, obediência. “Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação” (FOUCAULT, 1999, p. 29). Ou seja, o homem torna-se preso a um sistema de sujeição – porque a necessidade também é um instrumento político, extremamente organizado e utilizado – passando a ser reproduzido pelas gerações. Aqueles que possuem poder não querem perder a chance de se manterem por mais anos em um sistema que os favorece. Pois

[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física. (FOUCAULT, p. 29, 1999).

Afinal, é uma estratégia os efeitos de dominação não serem vistos como um sistema repulsivo, invasivo e opressor, pois são visualizados pelo Governo como necessários e, de



certa forma, legais. Assim, a realidade em que o poder se mantenha na minoria é necessário uma

[...] “estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Foucault (1999) apresenta características importantes sobre como a ideologia fortifica seu poder e exerce principalmente sob a classe “menos privilegiada” devido às diferenças entre a vida social e contextual, mas que o efeito de grupo devido decisões cruciais de estratégia. Não é como se a ideologia não fosse manifestada pelos “que têm”, porém, o poder acaba investindo-se neles e através dele apoiam-se.

O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade, que não se localizam nas relações do Estado com os cidadãos ou na fronteira das classes e que não se contentam em reproduzir ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos comportamentos, a forma geral da lei ou do governo; que se há continuidade (realmente elas se articulam bem, nessa forma, de acordo com toda uma série de complexas engrenagens), não há analogia nem homologia, mas especificidade do mecanismo e de modalidade. (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Além disso, tanto a sociedade como o discurso se definem de inúmeras lutas por poder. Em *Querido Líder* (JANG, 2014) percebe-se a maneira como os micropoderes se estabeleceram de forma silenciosa no processo de retirar o controle do poderio das mãos de Kim Il-sung. O discurso proporcionou a veneração do povo em torno dele, porém, sustentou a narrativa de Kim Jong-il entrar no poder. Uma ideologia cujo sangue respondia como santidade e apenas o filho verdadeiro merecia o legado.

A Dinastia Kim se fortificou com uma ideologia sanguínea, com um legado alterado da realidade de muitos historiadores do mundo incompreendidos sobre a vida norte-coreana. As instituições políticas se estruturam a temer a repreensão e, em vista disso, repreendem aquele abaixo, para que nada esteja contra o discurso declarado nos já feitos pelo Partido. As manobras sociais, inseriram o corpo a se mortificar a um contexto no qual existe apenas um certo e vários errados. Não importa as histórias, as outras versões, a única que é oficial é a que é aprovada e disseminada pelo Governo.

Igualmente, a Coreia do Norte, não passa a temer a represaria, mas também a venerar uma vertente política que parece lhe proporcionar o melhor. Ou seja, o discurso oficial passa a ser instituído como absoluto, sem direito a questionamentos, a negações e, às vezes, não é por medo que o povo passa a apenas obedecer, mas por obediência e gratidão. Palavras muitas

vezes dirigidas por Jang (2014) ao descrever os sentimentos obrigatórios para com o Querido Líder.

Para se estabelecer uma estrutura de dominação em massa, as ramificações de confiança na Coreia do Norte se baseiam em regalias. É mais fácil aceitar a submissão do que negar e passar a ser repreendido em um campo de trabalho forçado destinado a inimigos políticos. A exemplo disso, Foucault (1999) demonstra a força que a separação social causa ao demonstrar a dominação para aqueles dominados, sendo uma ação contínua dos mais abastados aos menos. “Mais que a divisão maciça e binária entre uns e outros ela recorre a separações múltiplas, a distribuições individualizantes, a uma organização aprofundada das vigilâncias e dos controles, a uma intensificação e ramificação do poder” (FOUCAULT, 1999, p. 222).

Apesar de sempre existir uma diferença decorrente dos controles e fórmulas gerais de dominação, a Coreia do Norte passa a estabelecer um controle em conjunto, unindo diversas formas de aprisionamento, pois, as diferentes castas sociais estabelecidas entre aqueles que trabalham diretamente para o Governo e os que não é o que define as regalias, os castigos e também ao acesso informativo. Foucault (1999, p. 164) descreve sobre o controle baseado na domesticidade, “que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu ‘capricho’”. Esse que se designa como o poder é estabelecido na Coreia do Norte, pois é visto como uma dominação constante em prol do bem-estar do Querido Líder.

Existe, na Coreia do Norte, uma espécie de Panóptico. Esse por sua vez funciona como um sistema de poder. Foucault (1999) designa o Panóptico com características de dominação devido aos seus procedimentos de observação; que obtém vantagem ao passar a invadir comportamentos humanos em sua rotina e tornar o meio comum manipulável da maneira desejada. Por conseguinte, o sistema favorece a implementação dos outros objetivos do poder. Assim, desenvolvendo um plano para que todos os objetivos sejam planejados e exercidos onde e como devem ser, com sucesso.

Esse estudo fortalece os significados locais do contexto, influenciando no discurso e sua receptividade. Ao se tornar detalhado e sofisticado, mesmo que exista um espaço de luta, a vitória passa a ser daquele que controla a comunicação e desempenha dominação sob os indivíduos. A representação ideológica representa um “nós” versus “eles” (VAN DIJK, 2001), em uma descrição sistemática e sua revelação deve ser clara, porém, o espaço de oportunidades se revela ocultando aquele que é contra, tornando-o um vilão para com a comunidade. A construção negativa da imagem de quem se rebela e as punições, tanto físicas

como mentais, contribuem para que o discurso popular vá ao encontro do controle mesmo que de maneira ilusória. Os pensamentos alinham-se de maneira crítica, algo que Jang (2014) pormenoriza, porém não existem vantagens em debater; apenas em fugir.

Assim, falantes ou escritores podem enfatizar nossas coisas boas por meio da topicalização de significados positivos, pelo uso positivo de itens lexicais em uma autodescrição, pelo fornecimento de vários detalhes a respeito de nossas boas ações, pela hipérbole e metáforas positivas, por deixar propriedades negativas implícitas ou por diminuir o papel do agente em atos negativos por meio de orações passivas e nominalizações [...] tais aspectos formais e semânticos do discurso dominante não apenas expressam e exercem o poder dominante, mas também se adaptam à construção de modelos mentais e às representações sociais desejados, ou seja, propõem-se a influenciar, manipular ou controlar a mente. (VAN DIJK, 2013, p. 366).

A credibilidade gera confiança, a confiança gera lealdade e assim sucede-se uma rede de comportamentos mais passíveis. A leitura do norte-coreano sobre o Querido Líder não é a de um ditador e, sim, de um herói, um salvador (JANG, 2014); a forma de interpretação modifica os contextos e gera uma ação diferente. Mesmo que Shin associe Kim Jong-il a um Hitler norte-coreano, sua realidade o afetou a agir e pensar (HARDEN, 2012). As diferentes construções sociais dos dois são induzidas devido aos diferentes contextos, acessos informativos e, até mesmo, educação escolar. Prova disso é que Shin nunca aprendeu sobre a história de Kim Jong-il e nem mesmo sobre o sistema Juche, uma matéria que é obrigatória para norte-coreanos que não vivem em campos de concentração.

O *Juche* é uma ideologia feita excepcionalmente para controlar as massas, sendo comum nos seus objetivos o uso do termo independência. Para Ferreira (2012), a manobra social desse termo é contraditória, pois, apesar de estar frequentemente presente, a dedicação verdadeira que a população deve ter é o culto à personalidade, “primeira instância, do “Grande Líder” e, posteriormente, do “Querido Líder”, Kim Jong Il, bem como de Kim Jong Un, actual soberano” (FERREIRA, 2012, p. 1). Além disso, a ilustração do poderio da Dinastia Kim passa a se estabelecer como educação básica, torna-se necessário conhecer a história dos Líderes e dos seus feitos para com o país.

Para Ferreira (2012), existe um problema endêmico quando se relaciona a ideologia *Juche* e a situação político econômica, visto que a ligação forte entre a ideologia e o culto “divinização” da família Kim torna-se pouco provável modificar a realidade social e o entendimento do contexto da população.

[...] dada a ligação entre o juche e a divinização da pessoa do líder, será impossível mudar de política – económica, cultural, social, relações externas, etc. – sem reconhecer, pelo menos de forma implícita, que Kim Il Sung e Kim Jong Il não eram infalíveis, algo que o Governo norte-coreano não estará, pelo menos na actualidade,

disposto a fazer, o que contribuirá para a perpetuação do declínio norte-coreano. (FERREIRA, 2012, p. 1).

Definido como um termo político e filosófico, o *Juche* nada mais é que uma idealização difundida com o objetivo de diminuir ainda mais retaliações contra o governo norte-coreano. Se as pessoas aprendem tanto a amar, elas passam a ver todas as atitudes como uma forma de demonstração de carinho, não como abusos de poder e exploração. “Kim Il Sung, Presidente Eterno da República Democrática Popular da Coreia (cf. preâmbulo da Constituição)”. A ideia de retratar uma independência política para com outros países não significa uma liberdade daqueles que habitam o país, mais sim uma forma de tratar todos do “mundo exterior” como inimigos, pois, para Kim Il-sung (1972), é necessário a independência política, a auto sustentabilidade e a autodefesa em prol da segurança nacional.

Esse termo tornou-se público em um discurso de Kim Il-sung, em 28 de dezembro de 1995, feito para os trabalhadores de propaganda do Partido dos Trabalhadores. “No entanto, os valores que o conceito *juche* transmite vinham sendo advogados por Kim Il Sung desde os seus primeiros discursos, datados de 1931, ainda nos seus tempos de guerrilha” (FERREIRA, 2012, p. 2).

Segundo Kim Il Sung, “o que está na base da ideia *juche* é o facto de o homem ser o mestre de todas as coisas e de decidir tudo. Refazer a natureza e a sociedade é um trabalho feito pelas e para as pessoas. O homem é o que há de mais precioso e poderoso no mundo. Todo o nosso trabalho é para as pessoas, sendo que o sucesso desse mesmo trabalho depende da forma como trabalhemos com elas.” (FERREIRA apud Sung, 2012, p. 2).

Inicialmente parece que o termo reflete uma forma de otimizar o ser humano e mostrar o quão forte e inteligente ele é, demonstrando que o Governo e Kim Il-sung reconhecem a capacidade do indivíduo; denominando também a questão do homem ser dono do “destino”. É interessante como o país norte-coreano descreve a independência como uma forma de poder e de controle sobre a própria vida, sendo até mesmo considerado como um fator essencial à vida humana (FERREIRA, 2012). “O direito à independência constitui a primeira forma de vida do homem como ser social. Quem careça deste direito não poderá desfrutar de uma vida independente e criadora. Só quando se lhe garante este direito é que o ser humano pode ocupar e desempenhar a posição e o papel de dono na sociedade e levar uma vida humanamente digna” (KIM, 1991, p. 100).

Transparecendo a hipocrisia das falas do Líder Supremo, pois apesar de ser um fator primordial é perceptível em como sua população não possui autorização em ser “mestre do seu próprio destino” (FERREIRA, 2012, p. 2). A questão é a referência, a forma como Kim Il-sung controla a população como uma engrenagem mecânica para o país alcançar sua

independência, sendo assim, esse termo não diz respeito à individualidade de cada um. Também é declarado que tudo no país é pensado no coletivo. Não existe benefício pessoal e esse, por sua vez é considerado quase como um crime, como descreveu Jang (2012) ao destacar como o Querido Líder era egoísta enquanto declamava a favor da união do coletivo.

A educação norte-coreana é considerada um investimento de maior escala do PIB, sendo considerado o mais importante entre as questões que envolvem dinheiro do Governo. “Também na formação dos jovens há que dar prioridade à tarefa de os educar com a ideia revolucionária. Por muitos conhecimentos e técnica que possuam, se não quiserem trabalhar e não prestarem serviços ao Estado e à sociedade, para que precisam desses conhecimentos e técnica?” (SUNG, 1972, p. 16). Uma forma tática de instruir os jovens a consumirem ainda mais doutrinação e aceitação ao *Juche*. Segundo o Líder Supremo, o “espírito patriótico socialista e a concepção revolucionária do mundo de servir não para sua ambição pessoal, por fazer carreira e pela ganância do dinheiro, mas sim para o seu povo e para a sua Pátria” (SUNG, 1972, pp. 16 e 17). Dado que não existem debates, críticas, leituras de outros países e opiniões que não concordam com o Il-sung, por conseguinte, não existem adolescentes sendo moldados para serem pensadores críticos, mas sim, pensadores que sigam e ajudem a manter o *kimilsungismo* forte. Claro que toda a criação sociopolítica norte-coreana se renova, mesmo que enfraqueça ao passar dos anos devido aos problemas econômicos, mas a veneração e respeito acerca da família Kim é mais resistente do que qualquer outro sentimento de repúdio.

Ferreira (2012) expõe como o discurso do Il-sung não passa de uma falsa doação de poder, como se ele concluísse que o maior prazer na independência individual fosse cuidar do Estado e servir a ele. Um ato honroso que deve ser cobiçado e, por fim, torna-se ainda mais fácil existir novos adeptos ao sistema militar ou outras funções envolvendo o controle populacional. “Ao relacionar a ideia de independência individual com a de servir o Estado, que supostamente agiria em representação da sociedade, ou da colectividade, Kim Il Sung entra em contradição; com efeito, se o homem é totalmente livre, se é “mestre de decidir tudo”, por que razão deverá ser obrigado a prestar “serviços ao Estado e à sociedade”?” (FERREIRA, 2012 p. 3).

Percebe-se assim o quão contraditórias são as declarações de Kim Il-sung, principalmente, ao relacionar a independência com a obediência cega ao soberano. Ao escancarar como o patriotismo é importante e mencionar a prestação de serviços ao país. O *Juche* passa a exercer uma relação de manipulação, estabelecendo uma manobra social em que o homem nada mais é do que independente a sua individualidade e obrigado a superar sua capacidade tornando-se um servidor público.

Infelizmente, as ideias confucionistas estabelecem seu poderio ao controlar que a população seja passível as escolhas do Governo. Mesmo que muitas vezes existam pessoas que lutam contra o sistema, muitos preferem obedecer para manterem uma vida relativamente segura. A propaganda norte-coreana unida ao discurso *Juche* causa uma ideia de que Kim Il-sung ama sua população como um pai ou uma mãe ama seu filho, na verdade, como Jang (2012) declara, o norte-coreano passa a ver o amor como um sentimento apenas concedido pelo Querido Líder (ou apenas aos Líderes).

“North Korean propaganda often used familiar terms”, referindo-se a Kim Il-Sung como “the parental or fatherly leader of the people” (Seth, p. 360), com o resultado de que obedecer ao soberano é, no esquema de pensamento da filosofia *juche*, um imperativo moral (e jurídico) idêntico ao de obedecer aos pais, o que acaba por desvirtuar o pensamento de Confúcio na medida em que o respeito ao soberano só seria devido se este fosse justo, ao passo que somente o respeito aos pais seria verdadeiramente incondicional. No entanto, se o homem for verdadeiramente independente e dono do seu destino, não pode ser coagido a trabalhar em prol do Estado, descurando as suas ambições pessoais, ou a mostrar afecto fanático pelo seu soberano. Quando o homem é verdadeiramente independente, todos os seus comportamentos e escolhas são livres (FERREIRA, 2012, p. 4).

Essa distorção afeta ainda mais as interpretações da população e suas opiniões acerca das atitudes do Governo. Pois qual pai seria capaz de tirar o prazer e conforto do seu filho e ter isso somente para si? Questão essa que Shin (HARDEN, 2012) provavelmente interpretaria de outra forma, pois a realidade vivida por cada um influencia seus modos de pensar, de compreender e de opinar.

Não existem dúvidas, nem mesmo questionamentos sobre os sentimentos de Kim Il-sung, apenas a fidelidade de sua população em apenas agradecer e venerar. Ao restringir e manipular a realidade e se tornar o centro de todas as coisas boas, faz sentido uma população manter-se dentro da caverna (PLATÃO, 2019).

Entretanto, a posição Orientalista pode incentivar pensamentos sobre a independência difundida no ocidente e, portanto, o termo independência é diferente dos conceitos que uma população norte-coreana interpretaria. “Com efeito, a independência, no pensamento filosófico, político e jurídico do Ocidente é uma manifestação do princípio da dignidade da pessoa humana, estando também intimamente ligada a direitos fundamentais como, por exemplo, o direito à identidade pessoal e ao desenvolvimento da personalidade” (FERREIRA, 2012, p. 5).

Outro fato são as noções de qualidade de vida e direitos humanos mínimos. Como compreender a liberdade se ela é limitada? Toda a sociedade possui sua moralidade enquanto cada indivíduo constrói suas noções de ética pessoal. Na Coreia do Norte, o Querido Líder

lidera como uma vertente única. Assim, a compreensão deve ser esclarecida ao pesquisar que a realidade do Ocidente não é a mesma que a do Oriente e a Coreia do Norte possui suas próprias concepções de contexto. “O que os orientais entenderão por “livre desenvolvimento da personalidade” não coincidirá, decerto, com o pensamento ocidental, até porque os próprios ocidentais discordam, entre si, acerca de qual o significado e aplicação concreta deste princípio” (FERREIRA, 2012, p. 5). Porém, é ressaltado que a Coreia do Norte se refere a uma palavra que universalmente reflete a liberdade de escolha e efetua suas decisões. Talvez, esse conceito seja válido ao declarar que os norte-coreanos são livres para fazerem suas escolhas, entretanto as consequências delas podem ser fatais. O problema passa a ser a forma como a Coreia do Norte distorce o verdadeiro significado de liberdade, independência e, principalmente, de igualdade social.

Seguindo a linha de raciocínio de Ferreira (2012), as explicações de pensamentos filosóficos entre os norte-coreanos e os brasileiros, por exemplo, possuem diferentes pesquisas e pressupostos teóricos. Por conseguinte, “mas não a ideia em si de que o ser humano “independente” é aquele que tem o privilégio de tomar decisões sem estar sob coação” (FERREIRA, 2012, p. 5). Mas é evidenciado em como a declaração de Kim Il-sung não passa de uma manobra social referindo a independência conotativa sem intenções reais e literárias, ou seja, sendo retórico. Pois não descreve realisticamente uma oferta ao povo, pois ele não tem intenções de conceder liberdade de escolha e independência. Assim como Platão (503) denota em suas escritas ao descrever a retórica.

Achas que os oradores falam sempre tendo em vista o que é melhor? Almejam sempre tornar os cidadãos tão bons quanto possível através dos seus discursos? Ou estão também decididos a gratificar os cidadãos, prejudicando o bem comum em favor do seu próprio bem privado, tentando somente gratificar o povo sem pensar, de todo, se isto os tornará melhores ou piores? (Platão, 2016, p. 75).

Sendo assim, a retórica não passa de uma “adulação, é uma espécie de discurso que tem como única finalidade agradar a quem o ouve” (FERREIRA, 2012). Fator interessante ao perceber que as declarações descritas por Jang (2012) refletem que a bajulação que Kim Il-sung recebia do povo eram consequências do amor que ele transparecia ter para com a população. Apesar de haver punições violentas para rebeldes, o Governo e o Partido norte-coreano possibilitaram uma narrativa em que Kim não era apenas um líder, um ditador repreensivo e muito menos um explorador, ele era um ser divino que fez e faz de tudo para a população receber o melhor.

Os norte-coreanos não compreendem como a retórica dos discursos do Kim Jong-il, do seu pai e do seu filho, os manipulam.

Em nosso entender, é precisamente isto que Kim Il Sung faz ao falar de independência, dado que o “Grande Líder” apenas e só diz aquilo que ele sabe que os seus ouvintes, as massas populares, gostam de ouvir, com o intuito de ganhar uma vantagem para si mesmo, que seria a de desenvolver o culto de personalidade à volta da sua pessoa de forma a manter-se eternamente no poder. (FERREIRA, 2012, p. 5).

Ao controlar a educação, Kim Il-sung consegue vender a realidade e os verdadeiros significados do que seria a “independência” no mundo exterior. “Consideramos que a questão central na educação é a implementação dos princípios da pedagogia socialista. O princípio básico da pedagogia socialista encontra-se na formação de pessoas que sejam trabalhadores revolucionários fiáveis equipados com a ideologia, o conhecimento e o físico forte que lhes permita tomar parte na revolução e construção enquanto mestres” (Sung, 1972, p. 13). Essa declaração demonstra como o princípio de tudo é a ideologia *Juche*, pois todas as atividades e planos governamentais tendem a centralizar a filosofia como a única e a absoluta na qual a população deve ser submetida. “A ideia *Juche* é a única ideologia diretora do Governo da República. Só quando se aplique estritamente esta doutrina em todas as suas atividades, tomando-a como invariável guia diretora, poderá o Poder da República cumprir de modo satisfatório a sua missão” (KIM, 1991, p. 104).

Para o Governo, portanto era fundamental

[...] transformar de modo revolucionário a consciência ideológica destas [das pessoas]. A consciência ideológica das pessoas determina todas as suas atividades. Ainda que alguém tenha boa saúde, enquanto for ideologicamente atrasado e moralmente relaxado, não será mais do que um inválido espiritual totalmente inútil para a nossa sociedade. É por isso que o nosso Partido enfoca sempre a sua atenção primordial em transformar de modo revolucionário a ideologia das pessoas. (Sung, 1972, p. 15).

Essas declarações delimitam as escolhas da população e transformam a independência restrita, pois são poucas escolhas concedidas pelo Governo e a filosofia *Juche*. As funções são controladas pelo Governo, complicando ainda mais os sentidos críticos acerca do que realmente a independência procura oferecer dentro de uma realidade exterior a vivida na Coreia do Norte.

Kim Il-sung aproveita-se de discursos retóricos que oferecem realidades que não são compreendidas pela população em sua totalidade, o que resultaria em uma alienação conjunta. Não existem fugas da Caveira imaginária do país, pois a maioria que vivencia essa experiência ou vivem em campos de concentração para presos políticos, são refugiados ou



foram mortos – e, ainda expostos como exemplos para demais “coreanos” astutos (HARDEN, 2012).

Assim, a repreensão e a censura educacional modificam os pensamentos e forçam a população a se tornar ainda mais pacífica. A vida cultural da Coreia do Norte também passa a ser caracterizada como uma forma de propaganda política, causando consistência aos discursos do Kim Il-sung, visto que é muito mais fácil concordar com os produtos que são consumidos rotineiramente. E, por conseguinte, as incoerências nos dizeres do Querido Líder não só se apaziguam como são extintos de críticas. Todos os meios de comunicação possuem o papel de fortificar a veneração ao Líder, assim como uma extrema aceitação ao sistema *Juche*.

Ao estabelecer o senso criativo como uma arma política, Kim Il-sung não apenas mobiliza ainda mais seu povo, mas também confere “poder” limitado aos que conquistam mais conhecimento no seu Governo. Portanto, o incentivo à educação faz com que pessoas com sentidos mais críticos sejam controlados mais de perto. Jang (2014) ao se tornar um Admitido, ganhou regalias que jamais imaginaria possuir, entretanto, seu cerne criativo passou a ser delimitado, pois seu talento com a escrita foi destinado a apenas instigar ainda mais veneração ao amor e às ações de Kim Jong-il. Aparentemente, isso parece ser conferido como um ato de reconhecimento do Governo, porém, isso vai além de um simples emprego governamental, é também uma forma de conferir menor autonomia e maior controle perante suas ações.

A “função criadora” que Kim Il Sung atribui ao homem, enquanto ser social, “radica na organização e na unidade”, visto que “o Poder Popular é o organizador da capacidade criadora das massas populares trabalhadoras. (...) Se não estiveram unidas, não são de facto uma existência criadora nem podem exercitar grande força. Só quando se unam e cooperem podem constituir entes mais poderosos capazes de transformar e renovar o mundo.” (KIM, 1991, pp. 100 e 101). (FERREIRA, 2012, p. 7).

A declaração de Kim Il-sung ressignifica a independência, pois garante a não capacitação do homem em conseguir viver sem o auxílio do Governo. Portanto, torna-se necessário existir uma dependência entre a população e o Estado, pois somente ele poderá potencializar o homem e transforma-lo em alguém independente. “Se for exercitada em nome individual, o homem transformar-se-á num parasita, visto que a sua utilidade, para a colectividade, é nula” (FERREIRA, 2012, p. 7).

Assim, a repreensão e a censura educacional, modificam os pensamentos e forçam a população a se tornarem ainda mais pacíficos. A vida cultural da Coreia do Norte também

passa a ser caracterizada como uma forma de propaganda política, causando consistência dos discursos do Kim Il-sung. Visto que é muito mais fácil concordar com os produtos que são consumidos rotineiramente. E, por conseguinte, as incoerências nos dizeres do Querido Líder não só se apaziguam como são extintos de pensamentos de críticas. Todos os meios de comunicação possuem o papel de fortificar a veneração ao Líder, assim como uma extrema aceitação ao sistema Juche. Ressaltando também, que existe uma relação entre poder e resistência e que os objetos empíricos se provam como verdadeiras provas – pois, se aplica a história e relatos de Jang e Shin.

Kim Il-sung defende a união do povo para assim existir o poder popular. Portanto “uma arma política que assegura às massas do povo trabalhador uma vida independente e criadora” (KIM, 1991, p. 99). Persuadindo a população a termos ressignificados no contexto social estabelecido devido à comunicação controlada. A educação transformou a retórica em verdade absoluta conferindo ainda mais controle do Governo sobre o “livre arbítrio” populacional. “Na verdade, o que sucede é que o homem, o cidadão norte-coreano, não tem independência porque se espera que todos os seus actos se conformem aos princípios da ideologia juche, e que a sua “força criadora” seja exercitada em benefício do colectivo, e nunca em benefício individual” (FERREIRA, 2012, p. 7). Desde modo o pensamento passa a exercer processos de significância distorcidos, em suma, devido à influência do discurso governamental.

Até porque grande parte do discurso de Il-sung influencia que o princípio deve prevalecer na consciência e sobre todas as ações do indivíduo. Destacando ainda mais a não liberdade de existir e do discernimento pessoal. Assim, não existe uma independência de pensamentos, pois o próprio Il-sung confere que esse tal princípio na verdade é uma ideologia e não deve ser questionada. Se houver críticas em torno disso, passa a estabelecer uma relação em que a pessoa é uma vilã que não merece a autonomia que o Governo lhe confere. Ela passa a ser ingrata por não reconhecer o que o Estado lhe provem. “Neste quadro de ideias, o homem é ‘independente’, mas, dentro da sua ‘independência’, só lhe é permitido pensar de uma forma consentânea com a ideologia juche, o que o torna ‘juche-dependente’” (FERREIRA, 2012, p. 7).

Assim, o Juche nada mais é do que uma constante manipulação social no qual o principal objetivo é forjar uma falsa liberdade. É como se pudessem existir diversas opções e, o Governo apenas lhe instruisse qual é a melhor, entretanto, a verdade é que só existe uma opção e aquele que não a seguir é condenado a castigos, trabalhos forçados ou a morte. Ou seja, comumente aquele que não segue as totalmente os conselhos do país, não apenas será

desonrado, mas executado como forma de provação de que não existe certos ou errados, apenas a supremacia da Dinastia Kim. Mas, em consequência de uma educação censurada e controlada, a população norte-coreana passa apenas a consumir os discursos de forma naturalizada.

A filosofia de Kim Il Sung se forma, assim, de uma contradição insanável na sua base, na medida em que é logicamente impossível coagir toda a população a pensar de forma uniformizada, colocando sempre o benefício do Estado em primeiro lugar, em detrimento do conforto pessoal, e advogar simultaneamente que todas as pessoas são independentes. O pensamento livre e independente é antitético de uma filosofia política que exige coercivamente uma única forma de pensar a todos os cidadãos (FERREIRA, 2012, p. 8) – lembrando que se remete a uma doutrinação social que difunde a unificação da sociedade – e não generaliza que todos os norte-coreanos concordem e seguem à risca o Juche.

Entretanto, analisar como o discurso atinge a sociedade norte-coreano não significa que a mentalidade de toda a população acredita fielmente na ideologia *Juche* e nas palavras do Líder. Pois, informações tendem a divergirem-se entre si, por conseguinte, mesmo que em um país no qual a doutrinação é fortemente difundida nas escolas, os acessos informativos são recepcionados de diferentes formas. Afinal nenhum indivíduo é neutro, é incompatível a não posição política, social e econômica; por exemplo, até um agnóstico possui uma posição indiretamente religiosa. “Nem mesmo quem defenda a anarquia está a ser politicamente neutro, visto que a anarquia mais não é do que a negação da existência de Estado e de poder organizado e, por isso, não é uma posição politicamente neutra” (FERREIRA, 2012, p. 8). A tendência, claro, é de que uma família com pouco acesso informacional e compreendendo a fome e a repreensão como negativas perceba os discursos do Estado como uma mentira. De qualquer forma, o poder do discurso fomentado pelos significados das palavras na Coreia do Norte causa uma forma diferenciada de interpretações por indivíduos, mas normalmente resultam no mesmo controle cognitivo e social.

Kim Il-sung defendia o Juche como um sistema neutro, que possibilita a independência social, e possibilita que eles criem seus próprios destinos. Entretanto, é inverossímil que exista neutralidade em suas palavras, afirmações e principalmente nas suas atitudes. Porém, afirmar que seu direcionamento político é neutro, direciona a uma ideia de que todas as outras opções são extremistas. “A contradição surge, isso sim, a partir da noção que Kim Il Sung pretende disseminar de que as pessoas que só conhecem esta ideologia, que só podem conhecer esta ideologia” (FERREIRA, 2012, p. 8).

As Nações Unidas, que nomearam um relator especial para direitos humanos norte-coreanos em 2004, não se mostraram capazes de exercer nenhuma influência sobre o governo em Pyongyang. Não tiveram tampouco muito sucesso em elevar a consciência internacional sobre os campos. A Coreia do Norte recusou-se de maneira terminante a permitir a entrada no país do representante da ONU para assuntos de direitos humanos e condenou seus relatórios anuais como complôs para derrubar o governo. Esses relatórios estão entre as análises mais firmemente críticas — e incisivamente escritas — sobre a crise dos direitos humanos no Norte. (HARDEN, 2012, p. 91).

Kim Il-sung defende que os indivíduos norte-coreanos “conseguem pensar pela sua própria cabeça e têm o seu próprio destino nas mãos” (FERREIRA, 2012, p. 9). Porém ele defende que a independência social do indivíduo só é alcançada se o país se tornar independente de qualquer tirania:

De forma a tornar-se mestre do seu próprio destino, uma nação tem que ter um governo independente e que garantir firmemente a sua independência política. É por isso que a ideia *juche* deverá, em primeiro lugar, ser corporizada como o princípio da independência na política. De forma a garantir uma independência sólida na política, uma pessoa tem que ter a sua própria ideia condutora e a capacidade para formular todas as suas políticas tendo em vista somente os interesses do seu povo e em conformidade com as condições específicas do seu país, segundo a sua própria ponderação. O governo que age sob a pressão ou instruções de outrem não pode ser genuinamente apelidado de governo do povo, responsável pelo destino do povo. Um país com este tipo de governo não pode ser visto como um estado independente e soberano. (SUNG, 1972, p. 8).

É de se referir que as pessoas passam a confiar mais na linguagem por estar envolvida em aspectos da vida e de sua evolução (BORODITSKY, 2011) e, por conseguinte, no discurso proposto por pessoas de confiança. Assim, ao declarar que a independência é como Kim Il-sung se manifesta, a cognição da população em sua maioria assume como uma verdade. “As pessoas confiam na língua” (2011, p. 3). Controlar a linguagem significa controlar a interferências cognitivas das pessoas. Os discursos assim se manifestam como reforço de uma construção linguística e que manipula a sociedade a pensar na medida que dos desejos dos controladores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se fundamenta em perspectivas teórico-metodológicas da Análise Crítica de Discurso (ACD) e objetivava perscrutar como o controle comunicacional da Coreia do Norte descrito na literatura de não ficção influencia diretamente a realidade norte-coreana. Essa análise se embasa de objetos empíricos nos quais houve a interpretação do pesquisador.

Movida por curiosidade, indignação e ânsia de compreender o poder do discurso e sua influência para com a interpretação da realidade, tornou-se necessário trabalhar a problemática: como a literatura de não ficção retrata o domínio comunicacional na Coreia do Norte? Assim, estudando os livros *Querido Líder*, escrito por Jang Jin-Sung e publicado em 2014, e *Fuga do Campo 14*, escrito por Blaine Harden e publicado em 2012, a partir da Análise Crítica do Discurso, identifiquei aí uma vertente que contribui para reflexões acerca das percepções cognitivas das pessoas que vivem ou viveram em Choson.

Os dois livros são categorizados como biografias, apesar de *Fuga no Campo 14* ter por autor um jornalista famoso, Blaine Harden, que conviveu e conversou com Shin Dong-Hyuk, um ex-prisioneiro do Campo 14 e refugiado norte-coreano. Harden trabalhou por mais de 25 anos no *The Washington Post* como correspondente, além de programas e canais de referência, como a *National Geographic*. O Campo 14 foi uma prisão de trabalho forçado e é considerado o maior campo de concentração norte-coreano conhecido.

O outro livro, *Querido Líder*, é uma autobiografia escrita por Jang Jin-Sung, um privilegiado trabalhador do governo norte-coreano que atuava na área da espionagem artística, voltada para “censurar” as informações exteriores e recriar textos e poemas de outros autores. Basicamente, Jin-Sung acessava e consumia produtos artísticos e comunicativos de outros países, principalmente provindos da Coreia do Sul, e os moldava para agraciar a Coreia do Norte. Jin-Sung modificava textos e produzia seus trabalhos com um codinome sul-coreano.

A partir dessas duas vertentes de informação, foi possível analisar como é exposto o controle informacional na Coreia do Norte. Visto que o país possui segregações sociais conseqüenciadas pelas atitudes das gerações passadas. Por exemplo, Shin era prisioneiro do Campo 14 devido a crimes que seu pai cometera e que até hoje ele não sabe quais foram. Já Jang vinha de uma família de classe média na Coreia, que possuía a regalia de ter acesso a diversos livros em casa, incluindo livros não coreanos.

Conjuntamente, foi possível analisar a censura norte-coreana a partir dos livros *Querido Líder* e *Fuga do Campo 14* e, por conseguinte, articular como a censura informacional é manifestada na construção de uma sociedade. Nesse sentido, foi necessário

debater sobre censura e controle e sobre a importância da liberdade na construção da sociedade.

Junto a Análise Crítica do Discurso foi possível analisar as informações, a naturalização do discurso em virtude da realidade histórica e social da Coreia do Norte. Com a ACD foi possível analisar o poder, a multidisciplinaridade e as práticas com posicionamento político que afetam diretamente a linguagem e seus significados. É perceptível como o controle informativo na Coreia do Norte tornou-se naturalizado. O medo somado a grande idolatria pela família Kim, consequenciou a população norte-coreana silenciada, afinal, aqueles que não obedeciam às leis eram torturados e presos em campos de concentração ou executados em público.

Jang, vislumbrando uma vida de espião, passou a perceber discrepâncias históricas ao estudar a fundo a Coreia do Norte. Ao se deparar com papéis censurados, passou a se questionar cada vez mais. Assim, tornou-se inquieto e esse desconforto causou uma ameaça a sua vida e também a de seus parentes. Fatos assim comprovam como o governo norte-coreano forjou a própria história e a difundiu entre a população – que ainda vive à mercê de uma mentira. Tudo é e deve ser escrito com a Dinastia Kim protagonizando, como se fossem heróis gentis que fizeram de tudo para o bem do povo.

A leitura das obras de não ficção causou desconforto em várias situações, principalmente ao deparar-se com as vivências de Shin, história relatada pelo repórter Blaine Harden. Por ter nascido em um campo de concentração palavras de grande significado para o mundo exterior não faziam sentido para ele, como, por exemplo, “amor” que era até então desconhecido e “família” que nada mais era do que animais que exploram uns aos outros em busca de sobrevivência (HARDEN, 2012). Ao contrário de Jang (2014) que estudara desde novo a história dos Kim, Shin passou a apenas entender que o Querido Líder era misericordioso para todos aqueles que se encontravam em um estado deplorável. Os campos de concentração nada mais eram do que torturas em grupo e prisioneiros que nem sequer entendiam o porquê de estarem ali. Muitos não eram acusados em tribunal e nem possuíam o direito de questionar ou se defender. A palavra do Governo se sobressaía como verdade absoluta.

Assim a linguagem do povo constrói identidades sociais e sistemas de conhecimentos – que se tornam crenças. Por conseguinte, a sociedade passa a compartilhar desses sistemas criando mapas mentais que se estabelecem como verdades absolutas – em muitos casos. Na Coreia do Norte o que aconteceu foi não apenas a fortificação de uma ideologia, mas também de uma religião, visto que a família Kim é a salvadora.

Para compreender isso, tornou-se necessário estabelecer uma leitura multifacetada adquirindo um conhecimento sobre a diversidade cultural da Coreia do Norte com auxílio de fontes bibliográficas diversas, devido a falta de acesso direto à população norte-coreana. Culturalmente, existem manifestos implícitos e explícitos em torno dos discursos da família Kim e da adoração que a sociedade norte-coreana possui por eles. Existe uma linha muito tênue entre a total ilusão e a desilusão sendo contida devido às ameaças frequentes do Estado. A sociedade é diversificada, com convivências diferentes e acesso a distintas informações, entretanto, na Coreia do Norte a segregação é muito mais intensa no sentido de diferenças sociais, mas o acesso é restrito para ambos – até mesmo os mais abastados sofrem repreensões informativas e de liberdade de expressão.

Em virtude disso, os pensamentos críticos e as manifestações no discurso pela população não são considerados um direito e podem ser condenados, passando a inimigos do Estado. Existem dois tipos de condenação na Coreia do Norte, execução ou prisão em um campo de concentração. Assim, a visão crítica não é apenas deturpada, mas também amenizada com a constante ameaça à vida – a fuga é a única solução para aqueles que possuem pensamentos críticos em torno do Governo e não conseguem lidar com o desconforto.

A linguagem norte-coreana também é segmentada por ressignificados de poder. Como a palavra *ha-da*, que no coreano significa fazer alguma coisa. Como um gerúndio do português. Entretanto, na Coreia do Norte, quando se refere ao Líder Supremo, a linguagem se modifica com a pronúncia *ha-siut-da*, que expressa que ele realmente fez alguma coisa (JANG, 2014). O poder das palavras exerce, normalmente, um controle indireto sobre as interpretações de uma sociedade. Se as cognições do indivíduo se baseiam nessas palavras, portanto, percebe-se como ações que realmente aconteceram, que não são questionáveis e, por conseguinte, são verdades absolutas.

O discurso é fortificado pela ideologia que está relacionada pela intensa influência política na sociedade. Afinal, elas fomentam um norreamento simbólico – a ideologia nada mais é que um elemento de conexão entre o social junto ao linguístico e ao histórico.

Para utilizar da ACD em uma pesquisa envolvendo livros de literatura de não ficção foi necessário compreender conceitos complexos que necessitam de espectros mais diversificados e profundos. Não é só uma aceção da realidade, mas um estudo social envolvendo características próprias da sociedade e do seu discurso. Apesar de a subjetividade também existir nessas obras, o discurso é fundamentado pelo ser humano e adquire poder sobre ele devido suas próprias interpretações. Muitos estudiosos, como DeSouza (2015) e

Koerner (2001), creem que a ideologia e sua influência na sociedade são uma poderosa ferramenta de análise linguístico-discursiva.

A Análise Crítica do Discurso aborda abertamente o contexto político e o papel do discurso na produção e na reprodução da dominação social – uma área estudada também por Melo (2005). Assim, estudar sobre a Coreia do Norte em sua representação social – visto todas as interferências de uma possível pesquisa em campo – é extremamente interessante e importante para estudos na área de comunicação. Afinal, esse país demonstra o poder de persuasão do discurso e como os meios de comunicação são extremamente importantes para compartilhar conhecimentos e informações relevantes. Quando existe liberdade de expressão, também existe a defesa pelo livre conhecimento e livre acesso de ir e vir –que, por sua vez é criminalizado na Coreia do Norte. O campo de pesquisa dentro da área de comunicação, de democracia e liberdade da comunicação são extremamente afetados quando se passa a utilizar a realidade dos norte-coreanos como um objeto empírico – principalmente, de forma neutra e com conhecimentos histórico-sociais. Visto que, mais do que passíveis, os norte-coreanos passaram a se tornarem vítimas de um compartilhamento totalmente manipulado de informações. Não existem diferenciações entre propaganda e notícia, não existe segregação entre política e cultura; tudo é englobado em uma só vertente, nada pode ser consumido se não for aprovado pelo Governo e se não referenciar a Dinastia Kim.

Em partes, é assustador e humano estudar sobre os relatos da Coreia do Norte, uma vez que não existe tanto acesso ao país. Mesmo com características compartilhadas com outros países comunistas e que passam por ditaduras – o país do norte da península Coreana está há anos imerso em um controle social. A educação escolar é definida pelo Governo, estudar a história de Kim Il-sung e de Jong-Il são matérias obrigatórias e produzir aclamações para eles também. Esse tipo de situação passou a ser tão naturalizado que causa desconforto refletir como o discurso é um forte motivador social e persuasivo, precipuamente, em casos em que o poder se estabelece de forma quase que sistemática e orgânica – não existem mais reflexões sobre o que é consumido e compartilhado.

Esse poder exercido na linguagem norte-coreana não é só relatado em dialetos definidos em que o resto da população é inferior ao Líder, mas também quem trabalha para o Governo possui uma influência maior sobre qualquer outra pessoa que vive no país. Jang (2014) comenta que existem dois níveis na língua da Coreia do Norte, de quem manda e de quem obedece. Além desses dois tratamentos que segregam os mais poderosos dos mais desprovidos, há um tratamento específico apenas para o *Querido Líder* (JANG, 2014). Já na língua da Coreia do Sul, existem três formas de tratamentos de cortesia, que são definidos por



intimidade, idade e formação acadêmica. Já na Coreia do Norte, o discurso se mostra como um poderoso reforço da soberania do Governo sobre o seu povo.

Vale ressaltar que a Análise do Discurso estuda sobre as formas de repreensão, considerando um texto uma batalha social de poderes, principalmente quando esses poderes passam a ser tão naturalizados e exigem uma leitura mais profunda de valores e da história. A Coreia do Norte descrita tanto em livros não fictícios como nas notícias demonstra como grande parte da sociedade norte-coreana passou a ser manipulada e não só de forma agressiva, mas também cultural e educacionalmente. Esses poderes estabeleceram ainda mais alienação e uma lavagem cerebral.

Em *Querido Líder* (JANG, 2014) percebe-se uma estruturação muito bem fundada entre os produtores de produtos sociais e o Governo. A cultura, a educação, a mídia, a língua, as leis e até mesmo a história tornaram-se manipuladoras por serem produzidas baseadas em uma fonte muito específica: a família Kim. O Partido dos Trabalhadores norte-coreano fortificou-se durante os anos e controlou todos os meios de expressão; a comunicação tornou-se uma via de mão única. Não é possível questionar e muito menos criticar sem ser alvo de perseguição e de ameaça. Existe o medo e a adoração e esses sentimentos passam a exercer um forte controle na população do país.

É possível perceber como a sociedade norte-coreana fora estruturada de forma estratégica por Kim Jong-il, as informações governamentais são formas de persuasão e facilmente distorcem a realidade, porque a população tem fé e confiança no Líder. E, por conseguinte, o discurso fortifica o apoio da população. É factível compreender como a censura e o clamor do povo fazem com que o discurso seja naturalizado. Desempenhando uma vertente construída da realidade, pois os mapas mentais desses indivíduos passam a ser controlados pelo Estado.

O discurso do Governo norte-coreano criou uma ideologia filosófica denominada *Juche*, um movimento oficial que defende a autossuficiência e que as massas populares possuem como papel essencial a construção social – eles são chamados de “mestres da revolução”. É uma vertente que fortifica ainda mais a fé. Kim Il-sung defendia que, com o *Juche*, os homens são mestres do seu próprio destino e alcançam a liberdade. Entretanto, para Kim (1991), a liberdade não possui relações com o livre arbítrio de a população escolher o que quer, pois além do bem coletivo, deve-se preservar o Governo acima de tudo e, para isso, a liberdade absoluta é trabalhar para o Governo, pois é apenas ele que sabe otimizar os benefícios coletivos.

O sistema *Juche*, também denominado *kimilsungismo*, fortifica a linguagem governamental e, por conseguinte, limita e restringe os mapas mentais. Desse modo, a realidade crítica dessa população se forma com discursos de outros países que possuem um acesso maior a informações. É importante perceber como o país é estruturado pelo discurso de mão única, no qual a Dinastia Kim é protagonista. Essa ressalva faz com que continue existindo um poder difícil de ser acometido, pois existe o poder linguístico influenciando os mapas mentais da população norte-coreana.

Se a realidade é constituída de interpretações e pelo acesso informativo, pois os seres humanos são seres sociáveis, a cognição está ligada diretamente aos modos de criação e de discurso que esses seres são submetidos. A Coreia do Norte, acima da censura e repreensão agressiva, aprendeu a dominar as mídias comunicacionais e também a cultura artística do país, para também usufruir da cultura e dominar de forma profunda e indireta aqueles que apreciam e consomem qualquer formato comunicativo. Assim, o discurso é modelo pelo homem e o homem é modelo também pelo discurso.

O trabalho de Jang (2014), relatado em *Querido Líder*, demonstra as diversas tentativas do Governo em manter a ditadura fortificada e inquestionável. Visto que todas as informações que lhe eram passadas estimulavam ainda mais norte-coreanos a verem falsas informações concordantes ao Governo. Assim eram difundidas criações norte-coreanas em nome de outros países. Essa manobra social conseqüentemente influi nas vivências distorcidas e, principalmente, causa uma lavagem cerebral naqueles que ainda não questionaram os discursos dos líderes do país.

Assim, a Coreia do Norte não vive apenas de uma falsa moralidade, construída a partir de uma linguagem reforçada ao longo de gerações históricas, mas também de um mapa mental em que todos os discursos do Governo são verdades absolutas e inquestionáveis. O medo de se rebelar também é mantido com os constantes movimentos do exército em fuzilar as pessoas – em público – que vão contra as leis gerais do país. Portanto, institui-se um poder indireto e profundo que, para muitos norte-coreanos, é imperceptível. Entretanto, vale lembrar, que onde há poder, há resistência e graças a isso foi possível analisar e contar a história e as perspectivas desse cenário, porque, justamente, houve em algum grau resistência aos poderes exercidos pelo Estado da Coreia do Norte.

Porém, em vista de todo o cenário estruturado por Choson, não existe facilitadores para rebeliões e muito menos fortes indícios de que seja possível reformular esse modo de vida sem existir uma intervenção de pessoas e governos de fora da Coreia do Norte. A censura e as ameaças do Governo enfraquecem os movimentos contrários e transformam a sociedade

norte-coreana, vista como conformada e ignorante ante todo o contexto vivido dentro do próprio país. Por isso, muitos dos que compreendem de forma crítica aquela realidade que vivenciaram são mortos, presos em campos de concentração ou desertam pedindo exílio em países como os Estados Unidos e a Coreia do Sul.

Apesar dos livros *Fuga do Campo 14* e *Querido Líder* serem escritos, sequencialmente, em 2012 e 2014, as suas descrições relatam como Kim Jong-Il utilizou do discurso e da cultura para fortificar ainda mais seu poder de influência sobre a população – este sistema continua sendo mantido pelo seu filho e se manterá pelo neto. Foi possível analisar as formas de controle comunicacional da Coreia do Norte e que este exerce poder e influência sobre a realidade dos norte-coreanos. Conseqüentemente, foi possível cumprir com os objetivos específicos: analisar a exposição da censura e do controle de informação e também compreender a manipulação dos dados provindos da Coreia do Norte. A problemática de como a literatura de não ficção retrata o domínio comunicacional na Coreia do Norte foi respondida com êxito, porém, futuramente, poderá haver ainda mais pesquisas para complementar ainda mais.

Este trabalho é a conclusão do curso de Jornalismo, baseando-se em teorias da comunicação e da linguística. É indescritível a importância de que os futuros profissionais da comunicação compreendam o discurso e o seu poder dentro dos meios de comunicação – mesmo que ainda careça fontes e também meios de pesquisa mais social e qualitativas. Para estudos futuros, é factível utilizar-se de outros meios comunicativos da Coreia do Norte para analisar ainda mais profundamente o contexto informativo e jornalístico no país. Além disso, seria de interesse científico uma pesquisa de campo relacionando a ideologia *Juche*, pois é uma temática interessante para compreendermos ainda mais o poder do discurso e da comunicação na sociedade.

## REFERÊNCIAS

A SINGLE Flag – North And South Korea Join U.N. And The World. **The Seattle Times**. 17 de set 1991. Disponível em: <<https://archive.seattletimes.com/archive/?date=19910917&slug=1306025>>. Acesso em: 30 de nov 2020.

ABRAMO, Perseu. Significado político da manipulação na grande imprensa. Fundação Perseu Abramo, 2003. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/significado-politico-da-manipulacao-na-grande-imprensa>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ALMEIDA, Rosiléia; ROSA, Isabela. **Aspectos teóricos e metodológicos da análise sociocognitiva do discurso por Van Dijk**. Anais Educon 2020, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 13, p. 1-18, set. 2020

AMNESTY INTERNATIONAL. **North Korea Human Rights Concerns**, 29 mar. 2007. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20070329050950/http://www.amnestyusa.org/countries/north\\_korea/index.do](https://web.archive.org/web/20070329050950/http://www.amnestyusa.org/countries/north_korea/index.do)>. Acesso em: 02 de dezembro de 2020.

AMNESTY INTERNATIONAL. **Democratic People's Republic of Korea**: Ali Lameda: A personal account of the experience of a Prisoner of Conscience in the Democratic People's Republic of Korea. 1 jan. 1979. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/documents/asa24/002/1979/en/>> Acesso em: 02 de dezembro de 2020.

ASIAN INFO.ORG. **Korea's History** em 2000. Disponível em <<http://www.asianinfo.org/asianinfo/korea/history.htm>>. Acesso em: 10 de nov 2020.

ARMSTRONG, Charles K., **The Destruction and Reconstruction of North Korea, 1950 – 1960**. 16 mar. 2009. Disponível em <<https://apjif.org/-Charles-K.-Armstrong/3460/article.html>>. Acesso em: 29 de nov. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

COMO É Panmunjom, o ‘lugar mais tenso do mundo’, onde as duas Coreias estão conversando. **BBC**. BBC NEWS, 12 jan 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42618888>>. Acesso em: 24 de nov. 2020.

COREIA do Norte tem eleição com voto controlado e ameaça de fuzilamento. **BBC**. BBC NEWS, 19 jul 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719\\_coreia\\_eleicao\\_explainer\\_fd](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_coreia_eleicao_explainer_fd)> Acesso em: 11 de jan 2021.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Censura em Cena**: o teatro e a censura no Brasil, a partir do Arquivo Miroel Silveira. São Paulo: Edusp & Imprensa Oficial, 2006.

deSOUZA, Vilmar Ferreira. O lugar do conceito de ideologia na análise do discurso político (ADP): uma proposta à luz da análise crítica do discurso (ACD). **Letras**, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 421-432, jan./jun. 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, n. 9, p. 739-763, 1985.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman; KRESS, Gunther. **Critical discourse analysis**. Mimeo, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. **Critical discourse analysis**. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as social interaction*. London: Sage, 1997. p. 258-284.

FERREIRA, Pedro Tiago. **A contradição base na ideologia Juche e o seu inerente culto de personalidade**. 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/32041584/Pedro\\_Tiago\\_Ferreira](https://www.academia.edu/32041584/Pedro_Tiago_Ferreira)> Acesso em 11 de mar. 2021.

FIGARO; NONATO, Roseli, Cláudia, A autocensura como aspecto da prática no mundo do trabalho dos jornalistas. **Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 71-80, jan./jun. de 2016.

FOUCAULT, Michel. **VIGIAR E PUNIR: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOOGLE publica mapa da Coreia do Norte com campos de prisioneiros. **G1**, Globo 29 jan. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/google-publica-mapa-da-coreia-do-norte-com-campos-de-prisioneiros.html>> Acesso em 11 de nov. 2020.

GRAIG, Albert M., et all. **East Asia**. Boston; Editora Houghton Mifflin Co, 1965.

HALPIN, Dennis P. North Korea's Kim family cult: Roots in Japanese state Shinto? **NK News**. 15 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.nknews.org/2015/02/north-koreas-kim-family-cult-roots-in-state-shinto/>> Acesso em: 03 de jan 2021.

HARDEN, Blaine. **Fuga do Campo 14**. Editora Intrínseca, 2012, São Paulo.

HAWK, David. **The Hidden Gulag: The Lives and Voices of Who Are Sent to the Mountains**. Editora U.S. Committee for Human Rights in North Korea, Washington. 1 jan. 2012.

HELGESEN, Geir. **Political Revolution in a Cultural Continuum: Preliminary Observations on the Korean Juche Ideology with Its Intrinsic Cult of Personality**. Dinamarca: Editora Center for East and Southeast Asian Studies, University of Copenhagen, 1990.

HABERMAS, Jurgen. **The theory of communicative action**, v. 2. Lifeworld and system: a critique of functionalist reason. Boston: Beacon Press. 1987.

HOARE, James. **Historical Dictionary of the Democratic People's Republic of Korea**. Lanham, MD: Scarecrow, 2012.

HWANG, Jang-yop. **North Korean Society**. Jan. 1999. Disponível em: <<https://fas.org/irp/world/rok/nis-docs/hwang5.htm>> Acesso em: 3 de jan de 2021.

JANG, Jing-sung. **Querido Líder**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2014.

KIM, Il-sung. **Obras**, v. 37. Pyongyang, Coreia do Norte, 1991.

KRESS, Gunther. Considerações de caráter cultural na descrição lingüística: para uma teoria social da linguagem. In: PEDRO, Emília R. (org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1998, p. 47-76.

KREUZ, Neusa. A importância do domínio da comunicação oral para o secretário executivo. **Revista Expectativa**, v. 2, n. 1, p. 34-40, 2003. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/527/438>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa**. Editoração Digital EccentricDuo, 1991. Disponível em: <[http://marcosfaerman.com.br/1991\\_JornalistasRevolucionarios.pdf](http://marcosfaerman.com.br/1991_JornalistasRevolucionarios.pdf)> Acesso em: 14 jan de 2021.

LEE, Deok-il, **이덕일 사랑] 대 ~ 한민국**. 15 de ago. 2008. Disponível em <[https://www.chosun.com/site/data/html\\_dir/2008/08/14/2008081401512.html](https://www.chosun.com/site/data/html_dir/2008/08/14/2008081401512.html)>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**, ano 5, n. 11, 2º sem. 2009.

MCDONALD, A. H. The Censorship - Jaakko Suolahti: The Roman Censors. A Study on Social Structure. **Annales Academiae Scientiarum Fennicae**, ser. B, tom. 117. Publicado em 27 jan. 2009. Disponível em: <[encurtador.com.br/ezKQZ](http://encurtador.com.br/ezKQZ)> Acesso em: 13 jan 2021.

MYERS, B. R. **Lifting the cloak on North Korean secrecy: The Cleanest Race, How North Koreans See Themselves**. 20 dez 2011. Editora Melville House.

NA COREIA do Norte ver filme dos EUA leva a pena de morte. **Folha de S. Paulo**, 30 ago 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/yQ42a>> Acesso em: 14 de nov. 2020.

NUNES, Ângela. **15 coisas que são proibidas na Coreia do Norte**. Atualizado em 1 set 2017, 09h57. Publicado em 30 ago 2017, 16h26. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/15-coisas-que-sao-proibidas-na-coreia-do-norte/>> Acesso em: 24 de jun. 2021

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1949.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PARRY, Richard Lloyd. North Korea's nuclear 'deal' leaves Japan feeling nervous. **The Times**, 5 set. 2007. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20080726115520/http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/asia/article2388356.ece>>. Acesso em: 3 nov. 2020.

PLATÃO. **Mito da caverna**. Lebooks Editora, 9 jan. 2019 [livro digital].

PLATÃO. **Col: clássicos gregos & latinos**. 6. ed. Lisboa: 70, 2006.

PRIBERAM Dicionário. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/lavagem%20cerebral>> Acesso em: 23 jun. 2021.

ROGERS, CORWIN, Chris, Marshall. Inside North Korea's Western-funded university. **BBC News**, 3 fev 2014. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/world-asia-25945931>> Acesso em: 9 dez 2020.

SCHENEIDER, Nina. **Propaganda ditatorial e invasão do cotidiano**: a ditadura militar em perspectiva comparada. Publicado em 2017. Disponível em: <[encurtador.com.br/uKVZ4](http://encurtador.com.br/uKVZ4)> Acesso em: 11 de jan 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 330-380.

SCURO, Pedro N. **Manual de Sociologia Geral e Jurídica**. Introdução ao estudo do Direito, instituições jurídicas, evolução e controle social. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010, pp. 116-117.

SEOK, Kay. Grotesque indifference. **Human Rights Watch**. Publicado em 15 maio 2007. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2007/05/15/grotesque-indifference>> Acesso em: 20 nov. 2020.

South Korean Dramas Are All the Rage among North Korean People. **Daily NK**, 2 nov. 2007. Disponível em: <<https://www.dailynk.com/english/south-korean-dramas-are-all-the-ra/>>. Acesso em: 21 dez 2020.

THE NATIONAL Folk Museum of Korea (South Korea) (2014). **Encyclopedia of Korean Folk Literature: Encyclopedia of Korean Folklore and Traditional Culture**, v. III. [S.l.]: 길잡이미디어.

TSCHENTSCHER, A. **North Korea Constitution** atualizado em abr 2009. Disponível em: <[https://www.servat.unibe.ch/icl/kn00000\\_.html](https://www.servat.unibe.ch/icl/kn00000_.html)>. Acesso em: 20 dez 2020.

USC, Us China Institute. **Shen, Mao, Stalin And The Korean War: Trilateral Communist Relations In The 1950s, 2012**. 1 jan. 2013. Disponível em: <<https://china.usc.edu/shen-mao-stalin-and-korean-war-trilateral-communist-relations-1950s-2012>> Acesso em: 17 dez. 2020.

VAN DIJK, Teun. **Análise Crítica do Discurso multidisciplinar**: um apelo em favor da diversidade. São Paulo: Contexto, 2013.

VAN DIJK, Teun. **Discurso de contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Linha d'Água, n. 26 (2), p. 351-381, 2013.

VAN DIJK, Teun. A.; KINTSCH, Walter. Toward a model of text comprehension and production. **Psychology Review**, v. 85, n. 5, p. 363-394, 1978.

VIEIRA, Roberto; OBREGON, Marcelo. Direitos Humanos e o atual cenário na Coreia do Norte. **Derecho y Cambio Social**. p. 1-14, 2018. Disponível em: <[https://www.derechoycambiosocial.com/revista051/DIREITOS\\_HUMANOS.pdf](https://www.derechoycambiosocial.com/revista051/DIREITOS_HUMANOS.pdf)>. Acesso em: 9 nov. 2019.

VIZENTINI, Paulo; PEREIRA; Analúcia. A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 57, n. 2, p. 176-195, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/358/35835782010.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

WALSH, Bianca. A noção de discurso na AD Peuceutiana e na ACD de Fairclough e implicações nos diferentes modos de Análise. **Raído**, v. 5(9), p. 9-23, 2011.

WEST, Alzo David. **Marxism, stalinism and the Juche Speech of 1955: On the theoretical De-Stalinization of North Korea** em 1955. Disponível em: <[https://ia800201.us.archive.org/22/items/2007MarxismStalinismAndTheJucheSpeechOf1955/2007\\_marxism\\_stalinism\\_and\\_the\\_juche\\_speech\\_of\\_1955.pdf](https://ia800201.us.archive.org/22/items/2007MarxismStalinismAndTheJucheSpeechOf1955/2007_marxism_stalinism_and_the_juche_speech_of_1955.pdf)>. Acesso em: 08 nov. 2020.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.